

O APÓS GUERRA

Ruy Cirne Lima é uma das afirmações mais impressionantes da forte mentalidade subitrogandense. Muito moço ainda, seus trabalhos literários revelam uma original força de pensamento e uma rara elegância de estilização. Sendo, constatem os leitores, no seguinte artigo que, DATA VENIA, transcrevemos dos brilhantes confrades do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de Porto Alegre:

Existe uma mentalidade de após-guerra?

Diz-se que sim, com a mesma frequência com que se o pergunta. E na verdade, a Guerra evertiu, num vendaval da barbarie, todo um equilíbrio feliz, que nos libertava do nosso lado político (no alto e bom sentido), para entregarmos ao puro intelectualismo e à pura estética. G. Pawlowski afirma que "le but de tout être humain (la raison d'être de toute civilisation) est de diminuer ou de supprimer par tons les moyens possibles la somme de travail forcé imposée par les besoins de notre nature physique, pour acquérir le loisir c'est à dire la possibilité du travail libre, auquel notre être moral aspire". E sem força-o pode se estender o seu pensamento às necessi-

dades de ordem política, que, si não derivam da nossa natureza, desenvolvem-se organicamente do Estado.

dades de ordem política, que, si não derivam da nossa natureza, desenvolvem-se organicamente do Estado.

Agora, velhas anistias desmetas vieram juntar-se às tiavam.

E demais, a nossa vida, que tomara por testemunhas a l de, fiel ao conselho a a ser vivida diante da morte. Passou sion a ser pensada na sua significação fnitiva, e considerada tambem e

cialmente pelo seu lado oculto e doloroso. Foi como um castigo que viesse punir um scientismo desdenhoso, o qual explicando-nos as realidades imediatas, nos parecia capaz de explicar o universo. Foi como um castigo para a nossa fome de absoluto, que aspirava ao absoluto como uma inercia terminante, de que resultaria um saldo intensivo a favor de aspirações mais altas.

Foi como um castigo... A Guerra rompeu às barreiras conceituales. E espraçou a sua onda de fogo e sangue. E refluiu, deixando o vácuo como uma ferida... Um vácuo que a duvida veio encher, e talvez aprofundar, como uma caudal erosiva. Everteram-se etica e esthetica, economia e politica. E nesse mundo plástico, começou a vincar-se um silencio humilde, marcando novos limites, tentando reconduzir valores e formas.

E é essa humildade vencida, e de ordem puramente intellectual, que vemos agora assimilada pelo sentimento religioso. Nietzsche pregava o senso da terra. A Guerra impoz-nos o senso da

uma expressão totalista, o que os norte-americanos chamam, pela boca de um dos seus, de "retorno do medievalismo".

Sim, a formula integradora exprime, talvez, um retorno, porque corresponde a uma tradição de culto, mas os elementos assimilados são outros, e o ambito da assimilação é infinitamente mais vasto.

Podese dizer que seja essa uma mentalidade de após-guerra? Certamente que sim, mais não enquanto a nós. De facto, nós vivemos, com a gente do mundo velho esta hora de inquietação. Mas a guerra veio até nós, como vem a literatura: escrita. Antes dos nossos, freimram os nervos da telegrapho, de catastrophe em catastrophe.

E a nossa mentalidade, no seu sentido mais profundo e duradouro, si valen para libertar-se do instante de disponibilidade, em que a deixara a Europa, não é por iso nem concomitante, nem decorrente da mentalidade europea.

"Europe has rotted at last into the Grave they called America".

1928, UMA POLÊMICA DO PÓS-GUERRA:

**RUY CIRNE LIMA E
ALBERTO PASQUALINI,
ESTADO MODERNO E
NOVAS IDEIAS**

WAGNER FELONIUK, ORG.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



WAGNER FELONIUK
(ORGANIZADOR)

1928,
UMA POLÊMICA
DO PÓS-GUERRA:
RUY CIRNE LIMA E
ALBERTO PASQUALINI,
ESTADO MODERNO E
NOVAS IDEIAS

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



Organizador: Wagner Feloniuk

Conselho Editorial: Alfredo de Jesus Dal Molin Flores (UFRGS), Antonio Carlos Hohlfeldt (PUCRS), Eduardo Santos Neumann (UFRGS), Ezequiel Abásolo (UCA), Fábio Kuhn (UFRGS), Gustavo Buzai (UNLu), Gustavo Silveira Siqueira (UERJ), Heinrich Hasenack (UFRGS), Luis Cavalcanti Bahiana (UFRJ), Ricardo Marcelo Fonseca (UFPR)

Editores: Priscila Pereira Pinto

Capa: Priscila Pereira Pinto

Ilustração da Capa: O APÓS GUERRA Ruy Cirne Lima. A.B.C. Rio de Janeiro, 4/08/1928

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U48 1928, uma polêmica do pós-guerra: Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini, Estado moderno e novas ideias [recurso eletrônico] / Organizado por Wagner Feloniuk. - Dados eletrônicos - Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2021.

Modo de acesso: <http://ihgrgs.org.br/ebooks.html>
ISBN: 978-65-86542-03-5

1. História. 2. Pós-guerra. 3. Lima, Ruy Cirne. 4. Pasqualini, Alberto. I. Feloniuk, Wagner. II. Título.

CDU 94

Bibliotecária responsável: Marcela Kröeff Neves (CRB 10/2084)

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 1317 - 90010-271 - Centro - Porto Alegre - RS - Brasil

Horário de Funcionamento: Seg-Sex, das 9h às 12h e das 13h às 18h

Atendimento ao Público: Ter-Sex, das 13h30min às 17h30min

Telefone/Fax: (51) 3224-3760

e-mail: ihgrgs@gmail.com / ihgrgs.biblioteca@gmail.com

Site: www.ihgrgs.org.br Site da Revista: seer.ufrgs.br/revistaihgrgs

APRESENTAÇÃO

Este livro foi concebido durante o ano de 2020 e início de 2021, durante o período no qual as atividades de ensino - assim como tantas outras - estavam interrompidas total ou parcialmente em função da pandemia de COVID-19. É sobretudo importante o papel do Dr. Miguel Frederico Espírito Santo, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, incentivador do trabalho sobre as controvérsias - que ele mesmo trouxe ao mundo digital, transcrevendo cuidadosamente os originais que agora são publicados.

O livro parte de uma controvérsia pública protagonizada por dois jovens alunos da Faculdade de Direito de Porto Alegre nos meses de agosto e setembro de 1928. Eles eram Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini, ambos demonstravam capacidades distintas na graduação e viriam a ser expoentes de seu tempo na política e no Direito. Sua turma, como um todo, legaria à sociedade muitos juristas notáveis, e é lembrada até hoje com local de destaque na atual Faculdade de Direito da UFRGS.

A controvérsia é composta por oito artigos. Sete deles publicados no Diário de Notícias, jornal de Porto Alegre que publicava, naquele período, muitos textos de juristas, estudantes, artistas, que formavam o grupo de intelectuais da capital. Apenas um deles foge à regra, o segundo, foi publicado por Cirne Lima em periódico do Rio de Janeiro. Durante os primeiros quatro artigos, Cirne Lima publica sozinho, quando então recebe uma resposta de Alberto Pasqualini e é aberto o diálogo entre os dois, que se revezam até Cirne Lima encerrar o tema na oitava publicação.

Não eram raras as discussões desse tipo na imprensa. O Brasil tem uma tradição política muito ligada aos periódicos, que desde o Império eram locais de discussão e apresentação de ideias. Cirne Lima e Pasqualini, também, eram pessoas com laços intensos, colegas de graduação, e que demonstram respeito mútuo apesar das discordâncias de ideias. Foi uma controvérsia de seu tempo, feita por

pessoas que demonstravam cultura e preocupação com o cenário nacional e internacional.

O tema são os efeitos da grande guerra na Europa sobre a mentalidade e o agir das pessoas. Seriam duradouros? Levariam à ascensão de novas ideias? Quais as consequências dela e das ideias que emergiam sobre a política? Uma discussão sobre como seria a política depois de um evento tão impactante regada a autores e visões interessantes. Os dois juristas discordam em muito sobre essas respostas e, ao mostrar suas discordâncias, nos dão uma visão sobre as doutrinas e preocupações - suas e de sua época.

Trazer essas controvérsias a público é dar uma nova vida a um diálogo antigo, publicado há quase um século. Por um lado, mostra o ambiente local, a cultura daqueles que se formavam no curso de Direito, os autores que recebiam mais atenção, suas ideias e inquietações. Por outro, há temas e preocupações que se mostram renovados, pois este início de século XXI tem polarizações e ideias que soam, por vezes, algo semelhante ao vivido pelos autores. Muitas reflexões feitas podem ser úteis ao nosso tempo.

Por fim, no texto introdutório, foi feita uma pesquisa biográfica, voltada aos autores e focada especialmente naquele ano de suas vidas, que é menos estudado no que tange aos dois, pois eles estavam longe do seu auge, eram promissores estudantes, de perfil muito diferente um do outro, mas ainda não eram objeto de interesse por sua trajetória pessoal e profissional. O objetivo da pesquisa é completar o quadro, não mostrar os textos de imprensa sozinhos, mostrar também o contexto social, político e pessoal daqueles que discutiam e, no que for conectado, do Rio Grande do Sul e Brasil.

Esperamos que a leitura contribua com a história da Faculdade de Direito da UFRGS e também com a memória de dois destacados alunos. A partir de agora, essa controvérsia passa a ser mais acessível, trazendo um pouco mais de luz sobre um período no qual a Faculdade de Direito tinha grande relevância e no qual o próprio Rio Grande

do Sul, com seu desenvolvimento, protagonismo de ideias e formação de pessoas - o mais relevante deles, Vargas - exercia notável influxo sobre acontecimentos nacionais.

Junho de 2021.

Wagner Feloniuk
Organizador

SUMÁRIO

**FACULDADE LIVRE DE DIREITO DE PORTO ALEGRE,
TURMA DE 1928: A CONTROVÉRSIA DE RUY CIRNE LIMA
E ALBERTO PASQUALINI SOBRE A MENTALIDADE PÓS-
GUERRA8**

*Faculdade Livre de Direito of Porto Alegre, Class of 1928: the
controversy of Ruy Cirne Lima and Alberto Pasqualini on the
post-war mentality*

Wagner Feloniuk

PUBLICAÇÕES ORIGINAIS

A ERA DE LEVIATHAN.....56

Diário de Notícias, Porto Alegre, 2/08/1928

Ruy Cirne Lima

O APÓS GUERRA.....60

A.B.C. Rio de Janeiro, 4/08/1928

Ruy Cirne Lima

NOVO RENASCIMENTO.....63

Diário de Notícias, Porto Alegre, 10/08/1928

Ruy Cirne Lima

RENASCENÇA CATÓLICA (A ALBERTO PASQUALINI).....67

Diário de Notícias, Porto Alegre, 1º/09/1928

Ruy Cirne Lima

**A MENTALIDADE DE APÓS GUERRA (A PROPÓSITO DE
UM ARTIGO).....72**

Diário de Notícias, Porto Alegre, 5/09/1928

Alberto Pasqualini

A MENTALIDADE NOVA (A ALBERTO PASQUALINI)77

Diário de Notícias, Porto Alegre, 7/09/1928

Ruy Cirne Lima

A FALÊNCIA DO RACIONALISMO.....	83
<i>Diário de Notícias, Porto Alegre, 13/09/1928</i>	
Alberto Pasqualini	
RACIONALISMO E CATOLICISMO.....	89
<i>Diário de Notícias, Porto Alegre, 15/09/1928</i>	
Ruy Cirne Lima	
IMAGENS DAS PUBLICAÇÕES.....	97

FACULDADE LIVRE DE DIREITO DE PORTO ALEGRE, TURMA DE 1928: A CONTROVÉRSIA DE RUY CIRNE LIMA E ALBERTO PASQUALINI SOBRE A MENTALIDADE PÓS-GUERRA

FACULDADE LIVRE DE DIREITO OF PORTO ALEGRE, CLASS OF 1928: THE CONTROVERSY OF RUY CIRNE LIMA AND ALBERTO PASQUALINI ON THE POST-WAR MENTALITY

Wagner Feloniuk¹

RESUMO

Pesquisa sobre a controvérsia entre Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini ocorrida nas páginas do jornal Diário de Notícias ao longo do ano de 1928. Os dois formandos da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre protagonizaram uma discussão pública

1 Professor Adjunto de Direito Constitucional no Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2019-atual). Doutorado em Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2013-2016), Mestrado Acadêmico (2012), Especialização em Direito do Estado (2011) e Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais (2006-2010) pela mesma instituição, com láurea acadêmica na graduação e dois votos de louvor no doutorado. Editor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Revista Brasileira de História & Ciências Sociais e, anteriormente, editor da Revista da Faculdade de Direito da UFRGS e Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito PPGDir./UFRGS. Coordenador do Projeto de Pesquisa: Observatório do Sistema Judiciário Brasileiro (FURG). Pesquisador dos projetos CAPES: A formação de ordens normativas no plano internacional (FURG), Núcleo de Estudos em Políticas Públicas e Opinião (FURG), A metodologia jurídica na Pós-Modernidade (UFRGS). Organizador dos Ciclos de Palestras das Relações Internacionais/FURG, Direito/UFRGS, PPGH/FURG e História e Direito/ANPUH, do Congresso Direito e Cultura (2014-2020) e outros eventos. Membro da Associação Nacional de História, Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito, Associação Brasileira de Editores Científicos, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e do ST História e Direito da ANPUH/RS. Áreas de Pesquisa: Direito Constitucional, História do Direito.

a respeito dos efeitos da grande guerra na Europa, aquela que seria chamada futuramente de Primeira Guerra Mundial, suas consequências sobre a sociedade, as pessoas e o conhecimento humano. A pesquisa é uma contextualização da vida dos dois até aquele momento, então muito jovens, mas que seriam aclamados, um, Cirne Lima, como o maior jurista do Rio Grande do Sul no seu tempo e o outro, Pasqualini, como uma das mais importantes vozes para a formação do pensamento trabalhista brasileiro. A pesquisa se volta a compreender o contexto pessoal, social e político dos contestantes até chegarem aquele momento, assim como identificar os argumentos e autores utilizados por ambos ao longo das oito colunas na qual confrontam suas ideias.

Palavras-chave: Pensamento filosófico no Rio Grande do Sul. Filosofia política. Positivismos. Formação de políticos e juristas.

ABSTRACT

Research on the controversy between Ruy Cirne Lima and Alberto Pasqualini that took place on the pages of the journal Diário de Notícias throughout 1928. The two undergraduates of the Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre had a public discussion about the effects of the great war in Europe, the one that would be called the First World War in the future, its consequences on society, people and human knowledge. The research is a contextualization of their lives up to that moment, then very young, but which would be acclaimed, one, Cirne Lima, as the greatest jurist of Rio Grande do Sul of his time and the other, Pasqualini, as one of the most important voices for the formation of Brazilian labor thinking. The research intends to understand the personal, social and political context of the contestants until that moment, as well as to identify the arguments and authors used by both along the eight columns in which they confront their ideas.

Keywords: Philosophical thinking in Rio Grande do Sul. Political philosophy. Positivism. Formation of Politicians and Jurists.

INTRODUÇÃO

Neste texto, é feita a apresentação e contextualização de uma polêmica ocorrida no ano de 1928, entre Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini, semelhante a outras controvérsias travadas em páginas dos jornais nesta época. As discussões analisadas trataram especialmente dos efeitos da Guerra na Europa sobre seus afetados lá e no Brasil - a guerra que se chamaria de Primeira Guerra Mundial. Alguns dos seus tópicos mais candentes são: a morte, o sofrimento, o sentimento religioso. O tema maior da disputa: os efeitos que a guerra tinha sobre o modo de agir dos homens - estaria surgindo uma nova mentalidade? Esta é a opinião de Cirne Lima, logo debatida e parcialmente negada por Pasqualini.

Será visto como acontecimentos marcantes têm o condão de alterar a visão das pessoas. A dúvida naquele momento era como - e, para alguns autores "se" - a Europa sobreviveria à crise. Ela sobreviveria, e ascenderiam violentos regimes autoritários e totalitários, viveria ainda outra grande guerra pouco tempo depois, uma destruição que levaria décadas para ser desfeita. Tudo isso era desconhecido aos interlocutores dessas controvérsias, que se viam diante apenas de dúvidas e diálogos, ligados ao seu contexto local no Rio Grande do Sul e sua posição de colegas e amigos, ambos no último ano de graduação na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre.

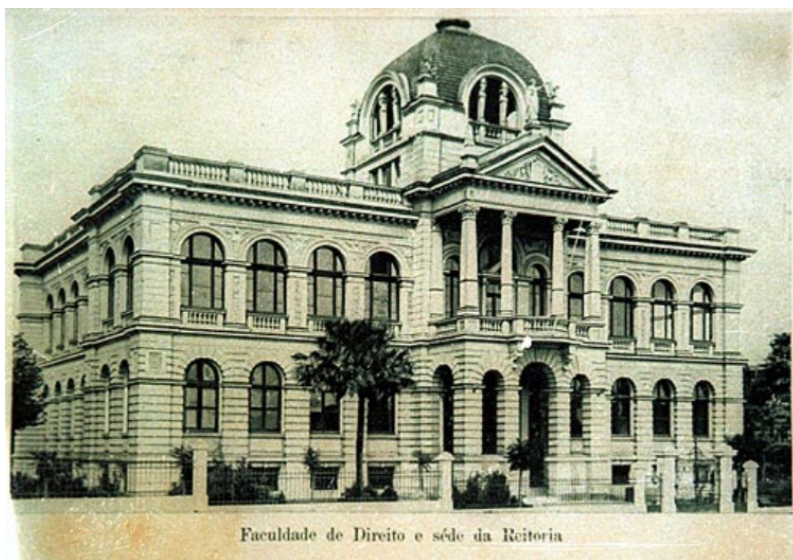
O artigo tem uma estrutura dual. Primeiro, dados biográficos dos autores, com especial foco nas suas vidas durante o ano de 1928 e seu contexto familiar anterior, esclarecendo o quadro no qual se deu o embate. Essa apresentação não é sobre o assunto debatido em si, mas é uma contribuição da pesquisa pois a vida dos autores, naquele momento, é muito pouco acessível, pois os fatos ocorreram antes de suas trajetórias políticas e jurídicas. A segunda parte é uma apresentação dos debates e seu contexto utilizando os textos originais, o objetivo é interpretá-los e traçar os assuntos mais relevantes.

É uma oportunidade de ver discussões que ocor-

riam no período entreguerras no estado, também de superação do paradigma castilhistas e ascensão de Getúlio Vargas. Ela envolvia duas pessoas, então muito jovens, que seguiriam trajetória de proeminência entre seus pares e elevada relevância social.

Mostra-se, assim, dois exemplos de trajetórias, ambos concluíram suas graduações rodeados de reconhecimento e respeito dos pares. Um deles, Cirne Lima, vindo de uma família de profissionais liberais e juristas, bem estabelecida socialmente e descendente da nobreza no Império. O outro, Alberto Pasqualini, descendente de imigrantes italianos cujas famílias não participavam da elite da sociedade porto-alegrense e que, por esforço individual e familiar, conseguiam, algumas vezes, auxiliar seus filhos a concluir o ensino superior no período. Uma comparação em favor da hipótese de que, na época, a conclusão do curso de Direito em um centro prestigiado poderia gerar ascensão social e aproximar, em oportunidades, pessoas nascidas em contextos sociais e familiares diversos.

Imagem 1: Faculdade de Direito e sede da Reitoria em 1930.



Fonte: Autor desconhecido. Repositório Digital da LUME/UFRGS.

1 O Ruy Cirne Lima de 1928

O jurista nasceu em Porto Alegre, no dia 23 de dezembro de 1908. Seu pai foi Elias Cirne Lima, dentista, professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, fundador e primeiro diretor do curso de Odontologia da PUCRS². Seu avô foi o nobre e magistrado pernambucano Francisco de Sousa Cirne Lima, Barão de Santa Cândida, agraciado com o título nobiliárquico por Luis I de Portugal, em 1882. Apesar de iniciar seus estudos no Rio de Janeiro, seu pai veio jovem para Porto Alegre e aqui nasceu o futuro jurista. Cirne Lima teve sua formação inicial no Colégio Seigné e depois cursou o Ginásio Anchieta³, uma instituição jesuíta⁴.

Ele se formou no colégio em 1922 e, depois, passou um ano no preparatório das aulas do prof. Emílio Meyer antes de ingressar, em 1924, na Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre, atual Faculdade de Direito da UFRGS. Durante sua graduação, ele publicou os livros de versos *Felicidade* (1925)⁵, *Minha Terra* (1926)⁶ e *Colônia Z e outros Poemas* (1928)⁷, suas obras na área do Direito só vieram mais tarde.

2 PEREIRA, Francisco Castilhos Marques. Professor Elias Cirne Lima. Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 26, p. 181-182, 1966. P. 182.

3 A respeito do colégio, em informação produzida pela instituição: “O Colégio dos Padres mudou de nome em 1897, passando a se chamar São José, e depois, Ginásio Anchieta. Em ritmo cadenciado, o colégio avançava. A denominação que entraria na história do Rio Grande do Sul, Colégio Anchieta, foi adotada em 1901, por sugestão do então diretor, Pe. Conrado Menz, em uma homenagem a José de Anchieta, “Apóstolo do Brasil”, indivíduo de saúde frágil que se aventurou pelo Brasil disposto a converter os pagãos”. COLÉGIO ANCHIETA. História. Disponível em: <www.colegioanchieta.g12.br/historia/>. Acesso em: 7 jun. 2020.

4 TARCITANO, Terezinha. A obra do Prof. Cirne Lima é tema em encontro sobre Direito e Literatura. Disponível em: <<http://iargs.blogspot.com/2015/08/a-obra-do-prof-cirne-lima-e-tema-em.html>>. Acesso em: 5 mai. 2020.

5 CIRNE LIMA, Ruy. Felicidade. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1925. A referência é indicação de Miguel Frederico do Espírito Santo, que apontou coluna no jornal O Paiz, Rio de Janeiro, de 17 de outubro de 1925.

6 CIRNE LIMA, Ruy. Minha Terra. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1926.

7 CIRNE LIMA, Ruy. Colônia Z e outros poemas. Porto Alegre: Editora

Imagem 2: Ruy Cirne Lima em setembro de 1926.



Fonte: Um Ciclo de Cultura Social. SANMARTIN, Olyntho. Um Ciclo de Cultura Social. P. 203. Conferência do escritor Osvaldo Orico, realizada em 25 de setembro de 1926. Na foto, da esquerda para direita, em pé: Augusto Meyer, Rui Cirne Lima, Mário Totta, Vargas Neto, Raul Totta e Walter Spalding. Da esquerda para direita, sentados: João Neves da Fonteira, Sergio Ulrich de Oliveira e um não identificado.

A sua atuação ao longo da vida profissional, especialmente após o ingresso como professor de Direito Administrativo em 1932, é bem documentada. A controvérsia, no entanto, ocorre em 1928, iniciada e terminada enquanto o autor tinha dezenove anos.

Era um Rio Grande do Sul marcado pelo predomínio de Borges de Medeiros e do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). O político governou durante quase todo o período entre 1898 e 1927 e, conforme negociado ao final da Revolução de 1923, permaneceria até o final de seu mandato, em acordo com os revolucionários. As eleições de 1924, apesar do movimento revolucionário de oposição, haviam sido muito favoráveis ao PRR. No entanto, mesmo

com o resultado favorável⁸, Borges foi cumpridor do Pacto de Pedras Altas, o que permite a transição para esse novo quadro no qual vivem e atuam politicamente os jovens formandos, rompendo com o paradigma castilhista no sentido de se aproximar do grupo antagonista e permitir a ascensão de Getúlio Vargas ao governo em um Rio Grande do Sul pacificado e mais capaz de atuar no cenário nacional⁹.

Está-se diante de um Cirne Lima jovem, antes da consagração como jurista de grande aceitação e respeitado doutrinador de Direito. Sobre suas atividades naquele ano, é o período inicial de sua vida social e profissional em Porto Alegre. Algumas narrativas podem ser encontradas no início de um livro de Elmar Bones¹⁰. No livro, Theodomiro Tostes é outro dos frequentadores das reuniões em que Cirne Lima ia e escreveu linhas especificamente sobre seu comportamento. Cirne Lima era mais um no “grupo de intelectuais” que se reunia na Livraria do Globo e na Confeitaria Colombo, no centro de Porto Alegre. Também ia, mas era “menos assíduo nas chopadas do Antonello ou do Franz”. Narra-se um Cirne Lima austero, mais inibido que seus pares e, já nesse momento, conhecido por ser um leitor de muitos autores e poetas.

No Um Ciclo de Cultura Social, de Olyntho Sanmartin, narram-se atividades sociais de Cirne Lima em Porto

8 Os resultados foram amplamente desfavoráveis, não apenas na competição pelos deputados federais, mas também pela derrota e baixa votação recebida por Assis Brasil se comparado com o candidato borgista, Vespucio Abreu. FEDERAÇÃO. As eleições de 3 de Maio. A Federação, Porto Alegre, 8 mai., 1924.

9 BALBINOT, Jonas. Relações de Poder. Getúlio Vargas e Borges de Medeiros (1922-1928). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, em 2008. Ler o capítulo com os diversos telegramas e negociações em âmbito estadual e federal sobre a pacificação de 1923. P. 95-106.

10 BONES, Elmar. 1966: a conciliação impossível: a candidatura de Ruy Cirne Lima ao governo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Carmen Langaro Produção Cultural, 2014. P. 15-16. Estas passagens de Theodomiro Tostes são *apud*, os originais não foram encontrados.

Alegre no ano de 1928 e em anos anteriores¹¹, mas não há passagens sobre suas atividades jurídicas e posições políticas. O autor narra que ele apareceu no cenário intelectual¹² de Porto Alegre em 1926, com o lançamento do livro *Minha Terra*. Dentre tantos que se tornariam célebres políticos e artistas naquele grupo e são citados nominalmente por Sanmartin em seu livro está até Getúlio Vargas, mas ele naquela altura já despontara como um expoente na política após dois mandatos de deputado federal e sua posição no Ministério da Fazenda. Sanmartin cita Cirne Lima, Osvaldo Aranha, Dionélio Machado, tantos outros¹³ (mas não Pasquolini) como alguns dos que faziam parte das atividades

11 SANMARTIN, Olyntho. *Um Ciclo de Cultura Social*. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969. P. 98, 123.

12 Nas palavras do autor, participante de acontecimentos do livro no qual o ambiente é narrado: “Homens que se dedicavam à pintura, escultura, música, e ainda os cantores, iluminaristas, decoradores, catedráticos e amadores, uma preciosa gama de artistas em rotação e criação, davam à cidade um clima cultural invulgar e de irradiação que se refletia em todas as escalas sociais”. SANMARTIN, Olyntho. *Um Ciclo de Cultura Social*. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969. P. 43 e 58.

13 No interesse de mostrar os nomes de seus pares em atividades intelectuais e artísticas, cabe repetir os presentes em três momentos relevantes naquele ano de 1928, eventos sociais publicados nos quais ele aparece acompanhado de mais pessoas deste grupo. Chamado na imprensa, em momentos diversos, de poeta, jurista, intelectual, ele assina, em primeiro lugar, uma mensagem a Mário Totta junto de amigos e admiradores reunidos na Livraria do Globo em janeiro daquele ano - o grupo é formado por: “Mansueto Bernardi, Paulo Arinos, Rubens Rosa, Luis Vergara, Renato Costa, Carlos T. Brazil, Valdemar de Vasconcellos, Vargas Neto, João Carlos Machado, Sotero Cosme, Augusto Meyer, Dionélio Machado, Roque Callage e Otávio Teles de Freitas». Em outro momento, ele é citado com um grupo de poetas que foram declamados no mesmo clube, ao lado de «Menotti del Picchia, Corrêa Junior, Cleómenes Campos, Alfonsus de Guimarães, Belmiro Braga e Raul Machado”. Em abril daquele ano, em homenagem ao poeta Vargas Neto, que estava mudando-se para São Borja, ele estava novamente reunido com: “João Pinto da Silva, Ruben Rosa, Osvaldo Aranha, Mário Totta, Augusto Meyer, De Souza Junior, Valter Sarmanho, Carlo Dante de Moraes, Eurico Rodrigues, João Carlos Machado, Otelo Rosa, Dionelio Machado, Ernani Fornari, Paulo Arinos, Mansueto Bernanrdi, Darci Azambuja e Mário Totta”. SANMARTIN, Olyntho. *Um Ciclo de Cultura Social*. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969. P. 129-140.

daquele grupo de pessoas - intelectuais, políticos, juristas, poetas. Um grupo que se encontrava com frequência na sede da Livraria do Globo¹⁴ e em outras atividades sociais e acontecimentos da cidade, formando uma vida social que estava entrelaçada com a cultura e política local e estadual.

É possível encontrar, também, outras publicações de Cirne Lima na imprensa naquele ano. Ele chegou a publicar poesia na Revista de Antropofagia, duas vezes em 1928¹⁵, a publicação expoente do movimento modernista brasileiro, e foi chamado de membro do primeiro grupo modernista do estado¹⁶, ainda que não fosse seguir fazendo

14 SANMARTIN, Olyntho. Um Ciclo de Cultura Social. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969. P. 147.

15 Transcrição do original da sua primeira publicação no periódico: “Madrugada:

A lancha da lenha vem chegando, ainda escuro,
mansa, com a sua tosse miúda de gasolina
e o seu motorzinho fumegando na popa.

Vem vindo na volta do rio.

Para traz, os matos cochilam na nevoa da madrugada
onde escorre a aza negra dos biguás.

Um silvo claro demora no ar.

Chegou.

A lenha veio coberta de folhas verdes, palmas, bambus,
e a lancha parou, em silencio, no meio do rio,
pequenina, esmagada, como uma formiga orgulhosa.
(Porto Alegre) Ruy Cirne Lima”.

CIRNE LIMA, Ruy. Madrugada. Do Livro “Colônia Z e outros poemas”. Revista da Antropofagia, São Paulo, ano 1, núm. 2, p. 5, jun. 1928. A segunda foi em outubro, um pequeno conto sob o título “Literatura”, o tema foi a criação de um conto por uma criança entediada. CIRNE LIMA, Ruy. Literatura. Revista da Antropofagia, São Paulo, ano 1, núm. 6, p. 2, out. 1928.

16 No conto, o movimento contaria com Darcy Azambuja e Vieira Pires, na poesia, além de Rui Cirne Lima, com Vargas Neto, Pedro Vergara, Augusto Meyer. Essas pessoas teriam formado efetivamente um “grupo”,

obras deste estilo ao longo da vida. Ele também utilizou com frequência a página literária do Diário de Notícias, na qual diversos jovens de seu grupo social publicavam colunas e discutiam entre si. Theodomiro Tostes escreveu que “Ruy entrava com seu artigo ou poema enfiado no bolso do paletó” na redação do jornal. Seria nesse periódico, o Diário de Notícias, que sete das oito publicações da controvérsia foram publicados, tanto os textos dele quanto os de Pasqualini, salvo um único, o segundo, publicado por Cirne Lima no jornal A.B.C., do Rio de Janeiro.

Após sua formatura e da ascensão de Vargas ao governo federal, Cirne Lima não ingressa na política partidária, como tantos de seus colegas, ainda que vá exerça posições jurídicas elevadas rapidamente. Ele só teria cargos mais tipicamente ligados à política mais tarde, depois de já ser um profissional consagrado.

A sua carreira como jurista, então, é conhecida - suas aulas, sua evocada erudição, sua religiosidade católica¹⁷ (tão pouco presente nessas controvérsias da juventude

debatido ideias modernistas, se envolvido em polêmicas e ajudado a menter uma página literária no Diário de Notícias. A doutrina - Ligia Chiappini, Guilhermino Cesar, debatem a capacidade do movimento em criar um movimento renovador ou inovar nas temáticas. ALMEIDA, Marlene Medaglia. Na trilha de um Andarengo: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994. P. 221. Sanmartin narra que o movimento passara a influir no panorama literário do Rio Grande do Sul a partir de 1922, nas palavras do autor, seu “indiscutível mérito foi despertar o espírito dos intelectuais de Pôrto Alegre que jazia apático e sem nenhum índice de avanços originais e definidos no roteiro da literatura”. SANMARTIN, Olyntho. Um Ciclo de Cultura Social. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969. P. 51.

17 A respeito, pode ser lida a tese de Fabiano Engelmann, que enfoca o pensamento católico presente na Faculdade de Direito a partir daí, inicialmente liderado por Armando Câmara e tendo Cirne Lima como expoente, inclusive com entrevistas de Carlos Cirne e Lima sobre sua atuação nesse âmbito. ENGELMANN, Fabiano. Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do direito no Rio Grande do Sul. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2004. P. 93-102.

com Pasqualini¹⁸ apesar de afirmar-se, na última coluna, um neoconverso). Destacam-se, na linha amplamente repetida em suas biografias, o seguinte: o ingresso no Ministério Público (1930); as posições como Presidente da Comissão de Revisão das Terras pertencentes ao estado em Santa Catarina¹⁹ e Presidente da Bolsa de Fundos Públicos de Porto Alegre (1931); professor interino e, logo, catedrático de Direito Administrativo da Faculdade Livre de Direito (1932 e 1933); o convite, de Flores da Cunha, para integrar uma Comissão de Juristas que elaborariam o anteprojeto da futura Constituição do Estado (1934); a presidência da Companhia de Seguros Previdência Sul (1940 até 1970); a secretaria da Fazenda do governo estadual (1964 e 1965); o raro processo de união dos parlamentares estaduais por seu nome como Governador, em tentativa de eleição estadual por consenso que seria frustrada pelo governo central em 1966, e, por fim, sua ascensão à Direção da Faculdade de Direito (1971)²⁰.

O Ruy Cirne Lima maduro é comemorado por seus contemporâneos e alunos como um jurista de profunda erudição. No livro sobre a Faculdade de Direito de Porto Alegre, ele é descrito como a maior celebridade jurídica do Rio Grande do Sul de seu tempo²¹. Para as diversas pesso-

18 É interessante notar a diferença desses textos de 1928 e os publicados em 1958, no seu “Preparação à Dogmática Jurídica”, especialmente a parte final, “Os Fundamentos de um Direito Cristão”, nas páginas 233 e seguintes. Por exemplo, na página 251: “Partindo, pois, da idéia de que Deus veio até nós, e está entre nós, a caridade cristã havia que fazer-lhe lugar em todas as relações de convívio humano e, conseqüentemente, nas relações jurídicas”. CIRNE LIMA, Ruy. Preparação à Dogmática Jurídica. 2a ed. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1958. *Passim*.

19 Informações no A República, jornal de Florianópolis, em 4 de junho de 1931.

20 BONES, Elmar. 1966: a conciliação impossível: a candidatura de Ruy Cirne Lima ao governo do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Carmen Langaro Produção Cultural, 2014. Sobre as eleições, esta obra é o principal guia. Ao fim da obra, sua biografia é inserida em linha de tempo, entre páginas 127 e 131.

21 SANTOS, João Pedro dos. A Faculdade de Direito de Porto Alegre: subsídios para sua história. Porto Alegre: Síntese, 2000. P. 272.

as que escreveram a seu respeito por conhecerem-no, de dentro e fora do Rio Grande do Sul, especialmente após seu falecimento em 30 de junho de 1984, essa admiração é fundamentada por sua competência enquanto professor, doutrinador e por qualidades pessoais. José Sperb Sanseverino escreveria: “[c]om ampla visão da História e da Filosofia do Direito, se constituiu, sem sombras, na mais alta fulguração jurídica surgida no Rio Grande do Sul e num dos maiores jurisconsultos brasileiros”²². Celso Antonio Bandeira de Mello se refere a ele como um dos maiores administrativistas brasileiros, e sua obra de maior relevo, *Princípios de Direito Administrativo*, como “obra monumental, de valor inestimável”²³. Diversos outros alunos e pares escreveram palavras semelhantes nas décadas que seguiram sua morte²⁴.

22 SANSEVERINO, José Sperb. Apresentação de Rui Cirne Lima. Revista *Justiça & História*, v. 3, n. 5, p. 1-3. <https://www.tjrs.jus.br/novo/revista-justica/revista-justica-historia-volume-3/>>. Acesso em: 5 mai. 2020. P.1.

23 A referência é à obra LIMA, Ruy Cirne. *Princípios de Direito Administrativo*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1964, que teria sete edições, a última pela Editora Malheiros em 2007, revisada por Paulo Alberto Pasqualini, sobrinho de Alberto Pasqualini (que não teve filhos), e com quem se passa a controvérsia e, como o autor, professor da Faculdade de Direito de Porto Alegre. MELLO, Celso Antônio Bandeira de. Prefácio. In: LIMA, Ruy Cirne. *Princípios de Direito Administrativo*. 7a ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007. P. 12.

24 Vale citar, entre colegas, correspondentes e alunos: ATALIBA, Geraldo. Nota Prévia à 6a edição. In: LIMA, Ruy Cirne. *Princípios de Direito Administrativo*. 7a ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007. BROSSARD, Paulo. A história pode ser outra. 2008. BROSSARD, Paulo. Relembrando um fato histórico. Zero Hora, Opinião, 2 de junho de 2014. FRANCO, Sérgio da Costa. Personalidade Impar. MELLO, Celso Antônio Bandeira de. Prefácio. In: LIMA, Ruy Cirne. *Princípios de Direito Administrativo*. 7a ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007. PASQUALINI, Paulo Alberto. Discurso em homenagem ao centenário do Professor Ruy Cirne Lima. Revista de Doutrina do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, Porto Alegre, n. 25, ago. 2008. Discurso proferido no dia 10 de junho 2008, sede do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul (IARGS) em homenagem ao centenário de nascimento do Professor Ruy Cirne Lima. PASQUALINI, Paulo Alberto. Ruy Cirne Lima: jurista e professor Emérito. Revista da Faculdade de Direito da UFRGS, Porto Alegre, n. 23, p. 177-197, 2003. FACULDADE DE DIREITO DE PORTO ALEGRE. Homenagem a Ruy

Imagem 3: Ruy Cirne Lima, em homenagem à retomada da revista da Faculdade, 1971.



Prof. Ruy Cirne Lima

Fonte: Revista da Faculdade de Direito de Porto Alegre, n. 5, 1971.

Cirne Lima. Revista da Faculdade de Direito de Porto Alegre, n. 5, Porto Alegre, p. 7, 1971. SANSEVERINO, José Sperb. Apresentação de Ruy Cirne Lima. Revista Justiça & História, v. 3, n. 5, p. 1-3, 2020. SANTOS, João Pedro dos. A Faculdade de Direito de Porto Alegre: subsídios para sua história. Porto Alegre: Síntese, 2000.

2 A interlocução de Alberto Pasqualini

Alberto Pasqualini nasceu em 23 de setembro de 1901, filho de um escrivão, em uma família de descendentes de italianos, na região da Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, chamada posteriormente de Colônia Silveira Martins ou Quarta Colônia. Ela passou a ser ocupada por imigrantes a partir de 1877 e foi a primeira fora da Serra Gaúcha, constituída no Planalto Central. Na sua época, o local era distrito do Município de Júlio de Castilhos e, desde 1988, Município de Ivorá - região próxima à Santa Maria²⁵.

Sua educação inicial foi no Seminário dos Jesuítas de São Leopoldo, mas ele a concluiu, assim como Cirne Lima, no Ginásio Anchieta. Era um momento de pouca acessibilidade à educação superior no Brasil - o que não significava, no entanto, que exclusivamente os filhos da elite social e econômica acessassem os cursos. Alberto Pasqualini, segundo Gunter Axt, precisava trabalhar na Viação Férrea para sustentar seus estudos²⁶. Diego Almeida, em

25 “O surgimento da Quarta Colônia está presente na história de Santa Maria da Boca do Monte, podendo-se dizer, até mesmo, que Santa Maria faz parte deste conjunto de municípios que formam a chamada Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Estado do Rio Grande do Sul. O Padre Luizinho Sponchiado, experiente estudioso da imigração na região, afirmou que Santa Maria já fez parte da Quarta Colônia por Silveira Martins ter sido durante anos distrito de Santa Maria”. Sobre a criação da colônia e posterior desenvolvimento da região, ver FENALTI, Naiani Machado da Silva. Gaspar Silveira Martins e o Município “Silveira Martins”: memória, identidade e patrimônio. Dissertação apresentada ao Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Patrimônio Cultural em 2011. P. 9 e 23.

26 AXT, Gunter. A Faculdade de Direito de Porto Alegre (Memória, ensino e espaço político desde 1900). Porto Alegre: Leitura XXI/Paiol, 2014. P. 52-53. ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Interfaces do político: o discurso de Alberto Pasqualini em perspectiva (1936-1955). Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História, Área de Concentração História das Sociedades Ibéricas e Americanas na Linha de

sua tese, narra que, no período, Pasqualini, além do trabalho na Viação Férrea, era professor informal de alunos de ginásio.

Ele, como diversos outros descendentes de imigrantes, estudou em locais como o Seminário dos Jesuítas de São Leopoldo e o Ginásio Anchieta, que abriam as portas para um posterior ingresso no ensino superior e, assim, uma via de ascensão social. Assim como Cirne Lima, sua biografia narra-o como um defensor de valores católicos cuja formação inicial fora como a de seu antagonista²⁷. Naquele momento, a conclusão do nível superior em Direito ainda poderia ser a chave para abertura de portas sociais e políticas²⁸ - ou, em outro modo de ver, ainda era um requisito e símbolo de adequação a essas posições.

Perto de Cirne Lima, na perspectiva dos debates de 1928, Pasqualini era experiente - contava com 27 anos quando a controvérsia é encerrada. Esse distanciamento etário, tão pequeno em uma idade madura, é visível nos artigos, a juventude de Cirne Lima é um dos temas que serve de argumento quando se inicia a disputa entre ambos. Já no seu primeiro artigo, chamado “A mentalidade pós-guerra”, ele chama Cirne Lima de “jovem pensador” ao invocar sua suposta confusão de pensamentos.

Apesar das falas acaloradas e da diferença de idade, eram colegas de turma na faculdade. Alberto Pasqualini é colega de Cirne Lima como conculinte do curso de graduação²⁹ em Direito na Faculdade Livre de Porto Alegre

Pesquisa Sociedade, Política e Relações Internacionais em 2015. P. 16-17.

27 ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Interfaces do político: o discurso de Alberto Pasqualini em perspectiva (1936-1955). Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História, Área de Concentração História das Sociedades Ibéricas e Americanas na Linha de Pesquisa Sociedade, Política e Relações Internacionais em 2015. P. 16-17.

28 ADORNO, Sergio. Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P. 77-80.

29 Guinter Axt narra que as aulas ainda seguiam o método de conferências, com pouca interação com os alunos, havia o cultivo às

em 1928³⁰. Foi aluno laureado, apenas o sétimo na história da faculdade³¹, orador da turma - e era, também, o motivo para não haver a formatura ainda naquele ano de 1928. Uma doença renal o acometera no final do ano e foi decidido adiar a colação de grau para o início do ano seguinte. Na turma, Mem de Sá³², Carlos Thompson Flores³³ e Eloy

línguas clássicas, as avaliações eram feitas por textos e provas orais, e haviam exames anuais que permitiam acessar o ano seguinte. As matrículas e taxas eram pagas anualmente e eram de valor elevado - semelhante ao que vinha ocorrendo desde os 1900. AXT, Gunter. A Faculdade de Direito de Porto Alegre (Memória, ensino e espaço político desde 1900). Porto Alegre: Leitura XXI/Paiol, 2014. P. 52-53.

30 Vinte alunos concluíram a graduação naquela turma de 1928, que se tornaria aclamada como um das mais brilhantes turmas formadas em função de seus juristas, magistrados, professores, diplomatas e políticos: Alberto Pasqualini, Adalberto Tostes, Antonio Carlos Cesar, Armando Fay de Azevedo, Arthur Germano Fett, Bento Santana, Carlos Menna Barreto, Carlos Thompson Flores Neto, Cristiano Fetermann, Eloy José da Rocha, Elpidio Ferreira Paes, Ernani Frota, João Pereira de Almeida, Mem de Sá, Ruy Cirne Lima, Sylvio Soares de Souza, Vicente Marques Santiago, Victório Obino, Ely Costa e Walter Schneider. Diversos deles se tornariam, a frente, professores - a primeira geração de professores da Faculdade Livre formados na própria casa, tendência que se manteria. A turma seria notória pela quantidade de eminentes juristas. AXT, Gunter. A Faculdade de Direito de Porto Alegre (Memória, ensino e espaço político desde 1900). Porto Alegre: Leitura XXI/Paiol, 2014. P. 52-53.

31 SANTOS, João Pedro dos. A Faculdade de Direito de Porto Alegre: subsídios para sua história. Porto Alegre: Síntese, 2000. P. 148.

32 “Eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul, pelo Partido Libertador - PL (de 1947 a 1954), senador pelo mesmo estado, pelo PL e pela Aliança Renovadora Nacional - Arena (1956 a 1971) e ministro da Justiça no governo Castelo Branco (em 1966)”. Mem de Sá pediria demissão do cargo de Ministro de Interior e Justiça quando ocorre a cassação de deputados estaduais e Ruy Cirne Lima perde a maioria na Assembleia Legislativa durante o processo eleitoral em 1966 - conforme história oral. SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 15.

33 “...desempenhou, entre outros, as funções de presidente da Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (1955-1956) e de ministro do Supremo Tribunal Federal (1968-1972)”. SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências

José da Rocha³⁴, dentre tantos, alcançariam posições relevantes na política e nas carreiras jurídicas³⁵. O ministro Paulo Brossard afirma que esta foi a turma mais brilhante que passara pela faculdade até então. Narra-se que Alberto Pasqualini era respeitado, assim como Cirne Lima, por sua erudição e cultura já nessa época - e sua imagem, daquele momento, está até hoje emoldurada no Pantheon Acadêmico da Faculdade de Direito, a sala reservada aos cursos de mestrado e doutorado.

Ao contrário de Cirne Lima, e apesar de sua origem de menos contatos sociais, Alberto Pasqualini participou partidariamente daquele momento de superação do período borgista. Pasqualini ingressou no Partido Libertador em 1928, ano da criação. Era um movimento que começara anteriormente, com a disposição de Assis Brasil de fundar a Aliança Libertadora para evitar que Borges, ou algum afiliado seu, fosse candidato após o fim de seu mandato em 1927 e, com o tempo, parece ter tido alguma recepção até mesmo do governante, uma relação tensa, negociada e cuidadosamente construída em âmbito local e nacional que levou com sucesso a sua sucessão.

A Aliança era, também, defendida nas páginas do *Diário de Notícias*, o jornal dos debates. Diversos colonistas utilizaram-na em sua ideia de renovação cultural e modernismo, mas também na tentativa de sensibilizar a sociedade pela causa³⁶. O movimento de negociação levaria

Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 15.

34 “... professor do curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS e da UFRGS e ministro do Supremo Tribunal Federal (1966-1977)”. SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 15.

35 SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 15.

36 ALMEIDA, Marlene Medaglia. Na trilha de um Andarengo: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994. P. 222.

ao apoio a Getúlio Vargas, um nome de conciliação e, não sem dificuldades, aceito por Borges de Medeiros (e aceitável, havia um pouco mais de tempo, para o grupo de Assis Brasil). Logo após a posse de Vargas como governador do estado em 1928, os dois partidos, o Partido Republicano Riograndense e o Partido Libertador, se unem na Frente Única Gaúcha (FUG).

Imagem 4: Turma de 1928, quadro próximo à entrada da Biblioteca na atual Faculdade de Direito da UFRGS.



Fonte: AXT, Gunter. A Faculdade de Direito de Porto Alegre (memória, ensino e espaço político desde 1900). Porto Alegre: Leitura XXI/Paiol, 2014, p. 53. Cirne Lima está na parte esquerda, a primeira foto da primeira linha do lado esquerdo. Alberto Pasqualini está na parte direita, é a primeira foto da primeira linha indo da esquerda para a direita, abaixo dos docentes.

Assim, o recém-criado partido de Pasqualini ganhava espaço político naquele período. Ele foi candidato a deputado federal, ainda em 1928, e eleito suplente³⁷. Sobre

37 ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Interfaces do político: o discurso de Alberto Pasqualini em perspectiva (1936-1955). Tese apresentada ao

o tema Diego Almeida, analisando esse período da vida de Pasqualini, refere:

A entrada de Pasqualini no quadro político-partidário local também acompanhou a projeção nacional da figura política de Getúlio Vargas. A formação da FUG (Frente Única Gaúcha) materializou a união, ainda que relativa, entre as forças políticas estaduais: PRR e PL deram seu apoio para que Vargas fosse alçado como candidato à presidência da República ainda em 1928. O clima relativamente pacífico entre PRR e PL, depois da eleição de Vargas à presidência estadual, possibilitou que o Rio Grande do Sul tivesse mais peso na disputa que até então era restrita aos estados de Minas Gerais e São Paulo³⁸.

No discurso de formatura, no início de 1929, poucos meses após a controvérsia, há marcas de sua futura atuação política que não aparecem nas disputas com Cirne Lima. A preocupação mostrada no discurso é com uma organização econômica e social injusta, que não fornece, em troca de trabalho, uma subsistência digna a milhões de desafortunados. Defende um processo lento e progressivo para traçar novas linhas econômicas capazes de estabelecer um estado de Justiça social e adequar a organização econômica, social e jurídica à sociedade presente³⁹. É o

Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História, Área de Concentração História das Sociedades Ibéricas e Americanas na Linha de Pesquisa Sociedade, Política e Relações Internacionais em 2015. P. 17

38 ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo background, entrada e estratégias de ascensão na política-partidária (1928-1937). *História, Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 19, n. 4. p. 636-658, dez. 2019. P. 643.

39 SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 17-18. Discurso publicado em: PASQUALINI, Alberto.

trabalhismo sendo desenvolvido em sua fala. Muitos anos depois, em mensagem a Getúlio Vargas, em 1940, comentando a vigência da Carta de 1937, Pasqualini reafirmaria essas palavras ditas no final de sua graduação como sendo as que mantinha enquanto ideal político⁴⁰. Pouco disso, no entanto, é parte das controvérsias.

Apenas dois anos depois, enquanto iniciava o exercício da advocacia e do magistério superior, atuaria ativamente na Revolução de 1930, participando da luta armada e continuando o caminho da sua trajetória política⁴¹, que logo se afastaria de Vargas após a malsucedida Revolução Constitucionalista de 1932⁴² e o consequente rompimento, em âmbito local, da FUG com Vargas. Naquele momento, Pasqualini ainda não fora eleito, ele se tornaria vereador apenas em 1934. No que tange à trajetória, dos artigos até sua participação no antigo PTB, fundado em 1945, ou sua eleição ao Senado em 1950, ainda faltam quase vinte anos.

Saudação ao Presidente Getulio Vargas, em Nome do Departamento Administrativo. Correio do Povo, Porto Alegre, 17 nov. 1940. In: PASQUALINI, Alberto. O Pensamento político de Alberto Pasqualini. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2005. P. 35-42.

40 PASQUALINI, Alberto. Saudação ao Presidente Getulio Vargas, em Nome do Departamento Administrativo. Correio do Povo, Porto Alegre, 17 nov. 1940. In: PASQUALINI, Alberto. O Pensamento político de Alberto Pasqualini. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2005. P. 35-42.

41 SILVA, Roberto Bitencourt. Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012. P. 18.

42 ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo background, entrada e estratégias de ascensão na política-partidária (1928-1937). História, Debates e Tendências, Passo Fundo, v. 19, n. 4. p. 636-658, dez. 2019. P. 45.

Imagem 5: Alberto Pasqualini.



Fonte: Jornal Zona Curva.

3 Polêmica entre Ruy Cirne Lima e Alberto Pasqualini

Os jornais do Rio Grande do Sul, como ocorria pelo país, eram palcos de divergências. Controvérsias como a aqui estudada ocorriam frequentemente e não era raro que tivessem posições políticas mais antagônicas e, também, que trocassem palavras mais duras. Nelson Boeira retrata cenários assim no estado:

Os jornais do período estão cheios de debates sobre a verdadeira significação ou interpretação das idéias de Comte. Qualquer ataque ao positivismo - em geral dirigido indiretamente ao grupo no poder - recebe uma réplica imediata da imprensa do PRR, como bem o demonstram as polêmicas, nem sempre educadas, com o Padre Júlio Maria, com Dinarte Ribeiro (esta pelo monopólio da interpretação do comtismo), com Alcides Maya e com Olinto de Oliveira⁴³.

43 BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL,

A referência é a um momento anterior, durante a virada do século XIX, mas mostra o ambiente no qual este embate se deu, essas ocorrências não eram raras. Em específico, esta controvérsia trata de um tema social e filosoficamente relevante, mas estão em um contexto de discussão de duas pessoas próximas, que abertamente declaram respeito mútuo e debatem divergências afastadas da luta por poder político. Há proximidades importantes nas suas visões, uma consequência esperada de uma formação próxima, tanto anterior, quanto como colegas na Faculdade Livre de Direito.

Analisando-as, também é possível compreender o contexto. Naquele 1928, o positivismo havia convivido em anos recentes com uma crescente quantidade de doutrinas, especialmente após 1910. O movimento operário e ideias socialistas ascendiam. Havia uma Reação Católica crescente, com seus ideais sociais e críticas ao positivismo. Ideias liberais também eram defendidas com mais vozes, com destaque, no estado, à Aliança Libertadora, que, desde o surgimento, propunha uma visão política dessa matiz⁴⁴.

A rearticulação de forças representada pela ascensão de Vargas ao governo do estado, para Nelson Boeira, marca a última etapa do positivismo político no Rio Grande do Sul, afetando o modo como as outras ideias são recebidas, diminuindo resistências a essa diversidade. É exatamente o momento do debate entre Cirne Lima e Pasqualini. A competição de ideias doutrinárias continuou ao longo da década de 1920, mas a adesão oficial ao positivismo, ainda que presente, tomou o caminho de aceitar a diversidade ideológica. Isso é especialmente visível após 1927 e pode ser notado pela disposição do PRR em propor, explicitamente, o final das hostilidades ideológicas com a oposição. O compromisso permitiu o debate e a busca por soluções

José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: cultura & ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 40.

44 BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: cultura & ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 40-44.

econômicas e políticas. O positivismo permaneceu na linguagem de membros do PRR, seria visível ainda a frente, em 1930, mas a maioria das decisões políticas não estava mais conectadas com a defesa da ideologia de Comte, nem mesmo em sua visão castilhistas mais recente. Boeira narra que, neste cenário de apoio a Vargas, o positivismo praticamente deixou de ser defendido enquanto ideologia que deveria guiar a tomada de decisões políticas⁴⁵.

Na disputa entre Pasqualini e Cirne Lima, é possível notar nas ideias o reconhecimento da crescente importância da fé católica⁴⁶ e também a preocupação com as condições do trabalhador operário⁴⁷. O tema debatido, no entanto, não enseja uma discussão tão próxima da disputa política, ele está dentro de premissas que não afetariam cenários locais, é sobre os efeitos da guerra na Europa. Ainda assim, se pode notar que o contexto de mais diversidade doutrinária e, certamente, de não predomínio ou preocupação com a defesa enfática do positivismo, estão presentes. No entanto, sem causar surpresas, os grandes autores do positivismo são tratados ainda como tendo profunda importância ao conhecimento humano, especialmente por Cirne Lima⁴⁸.

45 BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: cultura & ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 43-44.

46 Esta citação e o restante da controvérsia não tratam da doutrina social católica e o crescimento de sua importância, as passagens de Cirne Lima sobre a ascensão do catolicismo se dão no contexto de sua relação com a guerra. Ainda assim, o crescimento de importância é reconhecido em vários pontos, como este: "... a onipresença da Morte, sobrepairando ao acaso da luta, ao mesmo tempo, singular e geral, despertou nos homens o sentimento religioso que, movido posteriormente pela tendência à fixação, e pela simpatia hoje promove e dirige o renascimento católico na latinidade". CIRNE LIMA, Ruy. A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini). Diário de Notícias, Porto Alegre, 07 set. 1928.

47 "Do ponto de vista econômico, a sociedade de amanhã, encampada pelo Estado monstruoso, e composta de indivíduos especializados exclusivamente, abrigaria uma nova servidão, - a servidão industrial, ligando o operário à sua função, à sua máquina". CIRNE LIMA, Ruy. A Era de Leviathan. Diário de Notícias, Porto Alegre, 02 ago. 1928.

48 Ao contrário do século anterior, a influência do positivismo existia,

Os artigos seguem esta ordem, locais e dias de publicação:

- a) “A Era de Leviathan”, Ruy Cirne Lima, Diário de Notícias, em 02/08/1928;
- b) “O após guerra”, Ruy Cirne Lima, A.B.C., Rio de Janeiro, em 04/08/1928;
- c) “Novo renascimento”, Ruy Cirne Lima, Diário de Notícias, em 10/08/1928;
- d) “Renascença católica (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima, Diário de Notícias, em 01/09/1928;
- e) “A mentalidade de após guerra (A propósito de um artigo)”, Alberto Pasqualini, Diário de Notícias, em 05/09/1928;
- f) “A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima, Diário de Notícias, em 07/09/1928;
- g) “A falência do racionalismo”, Alberto Pasqualini, Diário de Notícias, em 13/09/1928;
- h) “Racionalismo e catolicismo”, Ruy Cirne Lima, Diário de Notícias, em 15/09/1928.

Sobre o Diário de Notícias, fonte primária principal, era um jornal de Porto Alegre publicado entre 1º de março de 1925 e dezembro de 1979. Foi dirigido por Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco de Leonardo Truda, José Pedro Moura e outros, e não era órgão de um partido, era parte da imprensa gaúcha de maior circulação, mas bastante inserido no cenário político e cultural.

mas era menos intensa entre juristas gaúchos durante o século XX, de acordo com Nelson Boeira. Apesar do reconhecimento à ideologia, eles teriam sofrido um impacto mais visível do pensamento em matéria penal, com Lombroso, Ferri, Garófalo, mas produziram um número pequeno de obras positivistas em outras área do Direito, e sem grande destaque. BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: DACANAL, José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: cultura & ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 50.

Em tese de doutorado a respeito da imprensa gaúcha⁴⁹, Derocina Sosa defende que o periódico tinha uma postura mais independente do que o habitual nos jornais rio-grandenses sobre o cenário nacional no final dos anos 1920 e início dos 1930, antes da ascensão de Vargas. Nacionalmente, fez referências mais diretas, críticas e anunciou precocemente situações. Nos acontecimentos estaduais, publicou em geral acompanhando a posição do restante dos jornais na virada da década, em mais precoce ou tardia adesão a Vargas. O Diário, por exemplo, apoiou a formação da Aliança Liberal e a Revolução de 30. A respeito desta última, noticiou insistentemente a morte de João Pessoa e atuou pela movimentação estadual contra o governo federal⁵⁰. Publicou, também, diversas críticas à Revolução de 1932, já em um contexto de acompanhar as posições de Vargas⁵¹. O Diário possuía também uma destacada folha

49 Estudo realizado com os periódicos Diário de Notícias, O Rio Grande, O Tempo, Correio do Povo, Diário Popular, Opinião Pública, Gazeta de Alegrete, A Razão, Correio Rio-grandense ou Staffetta Rio-grandense, mostrando variações de postura e atuação crítica em diversos acontecimentos políticos entre 1930 e 1946.

50 SOSA, Derocina Alves Campos. A História Política do Brasil (1930 -1946) sob a ótica da imprensa gaúcha. Tese apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em História. P. 59, 75-76, 90, 106.

51 A respeito da Revolução de 1932, e ilustrando o modo de atuação da imprensa estadual quando havia disputas políticas locais envolvidas, vale a passagem da conclusão da tese: “A Revolução Constitucionalista de 1932 foi tratada diferentemente de acordo com a posição de cada jornal, ou seja, situacionista, a favor do governo estadual, na figura emblemática de Flores da Cunha, que apoiou o movimento até um determinado ponto, mas depois o repudiou; ou contrário ao movimento revolucionário paulista desde seu início. Estiveram ao lado do governo estadual, o Rio Grande e o Diário Popular; os demais assumiram uma posição favorável ao governo federal. Questões políticas ligadas às rivalidades partidárias do PRR-PL, de um lado, e do grupo que acabaria fundando o PRL, explicam essa questão”. SOSA, Derocina Alves Campos. A História Política do Brasil (1930 -1946) sob a ótica da imprensa gaúcha. Tese apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em História. P. 186.

cultural, no qual publicaram, no final dos anos 1920, Cirne Lima, Pasqualini, e diversas outras pessoas estudadas por Sanmartin e ligadas ao movimento modernista, à crítica literária - e à defesa de suas causas políticas⁵².

A abordagem a respeito das oito publicações que formam a polêmica procura não intervir no argumento dos autores, propôs-se uma pesquisa histórica sobre o contexto político, social e da vida dos autores durante essas publicações e, agora, uma busca de seus argumentos.

O jovem Cirne Lima mostra diversidade aos 19 anos. Há uso de muitos autores, são principalmente filósofos, mas há também juristas, biólogos, historiadores, desde autores antigos e medievais até aqueles que publicavam em seu tempo, como se vê na tabela abaixo. Ele via no positivismo o desembocar de uma tradição racionalista iniciada séculos antes. As citações mostram sua familiaridade com o francês, espanhol, inglês - e seus interlocutores narram seu acesso, ao longo da vida, aos idiomas latino, grego e alemão.

Tabela 1 - Autores citados na controvérsia

<p>“A Era de Leviathan”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Alexis Carrel Étienne de La Boétie Friedrich Nietzsche Gaston de Pawlowski Isaac Vossius Johann Caspar Bluntschli Platão Sócrates Thomas Hobbes</p>
<p>“O após guerra”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Charles Richt Désiré Félicien-François-Joseph Mercier Friedrich Nietzsche Gaston de Pawlowski Waldo David Frank</p>

52 ALMEIDA, Marlene Medaglia. Na trilha de um Andarengo: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994. P. 221.

<p>“Novo renascimento”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Augusto Meyer Gregório de Heimburg Henry Malherbe Michel de Montaigne</p>
<p>“Renascença católica (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Armando Pereira da Câmara Bertrand Russel Edmund Husserl Ernst Haeckel Henri Malherbe Henri Massis Jackson de Figueiredo Jacques Maritain Johann Reuchlin Lazarus Geiger Renato Almeida Tasso da Silveira</p>
<p>“A mentalidade de após guerra (A propósito de um artigo)”, Alberto Pasqualini</p>	<p>Leão XII⁵³</p>
<p>“A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Alberto Zum Felde Augusto Comte Bertrand Russel Émile Boutrox Henri Bergson Herbert Spencer Immanuel Kant René Descartes William James</p>
<p>“A falência do racionalismo”, Alberto Pasqualini</p>	<p>Augusto Comte Bertrand Russell Désiré-Félicien-François-Josep Mercier Georg Wilhelm Friedrich Hegel Henri Bergson Immanuel Kant</p>

53 Citação genérica em provável indicação do Papa de então.

<p>“Racionalismo e catolicismo”, Ruy Cirne Lima</p>	<p>Alberto Zum Felde Augusto Comte Bertrand Russell Carlos Vaz Ferreira Émile Boutroux Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling Georg Wilhelm Friedrich Hegel Henri Bergson Immanuel Kant Jacques Rivière Michel de Montaigne Tristão de Athayde William James</p>
---	--

Cirne Lima usa muitos autores e é intenso nos seus pensamentos, há uma vontade de chegar a conclusões e defendê-las enfaticamente. Via na guerra o surgimento de uma nova mentalidade, menos racional, menos ligada ao método científico, mais emotiva, fruto do sofrimento, da dor e da proximidade da morte. Era um movimento de virada contra o racionalismo que existia de Descartes até Comte e Spencer, um racionalismo ao qual ele mesmo parecia se posicionar como defensor. Essa reação ao racional era defendida na filosofia por autores como Bergson, desconhecidos do público em geral, mas, pelos horrores da guerra, ela agora estava sendo incorporada à sociedade europeia de uma maneira prática, mais concreta do que as discussões teóricas poderiam ser, como consequência do conflito.

Pasqualini, por outro lado, ingressa no meio da discussão, pois antes do seu primeiro artigo são feitas quatro publicações de Cirne Lima e muito dos argumentos centrais já estão apresentados e não são rediscutidos por ele. Os seus textos são marcados pela citação a um número mais restrito de autores, normalmente em resposta à citação anterior de Cirne Lima. Ele introduz, de autores novos, apenas o papa de então e Hegel e, este segundo, sem utili-

zá-lo para a controvérsia⁵⁴. Sua argumentação demonstra preocupação com movimentos sociais e psicológicos, e de ceticismo com as posições de Cirne Lima que viam, com a guerra, o surgimento de uma mudança profunda e de caráter mais duradouro no comportamento dos afetados. A mudança existia e ele concordava com traços importantes do que é defendido por Cirne Lima, mas ele parece ver mais transitoriedade e capacidade de superação do homem, defendendo que as ideias filosóficas racionalistas continuariam, a racionalidade, em si, não iria mudar, e o comportamento humano poderia voltar à normalidade na medida em que houvesse paz.

Apesar do papel de Pasqualini no debate, pelo jornal *A Federação*, ainda em 1925, é aparente o interesse de Pasqualini no tema discutido também sob um viés filosófico. Este era um assunto que abordou enquanto palestrante do Centro de Acadêmicos do Direito no seu segundo ano de graduação. O plano da palestra de 1925 demonstra o papel do positivismo e a preocupação de Pasqualini com a construção do conhecimento sob os vieses mais recentes da filosofia e outras ciências⁵⁵.

54 Cirne Lima já havia citado ideias hegelianas por meio de uma citação direta de Alberto Zum Felde, a novidade de Pasqualini está restrita, em sentido mais adequado, ao uso direto do autor. Ainda assim, não é para a discussão das ideias do autor concernentes ao debate e, sim, como forma de crítica a Cirne Lima: “Para nós, o sr. Cirne Lima é um discípulo de Hegel, pois que saboreia, com verdadeira volúpia, o paradoxo e a contradição”. PASQUALINI, Alberto. A falência do racionalismo. Diário de Notícias, Porto Alegre, 13 set. 1928.

55 A conferência proferida por Alberto Pasqualini foi sobre os limites do conhecimento. Ela teria a seguinte divisão: “Este thema obedece á seguinte divisão:

1) Breve retrospecto sobre algumas soluções ao problema da percepção objectiva; a) soluções da metaphysica espiritualista; b) soluções da metaphysica materialista.

2) Ponto de vista scientifico na materia, esquema das operações intellectuales.

3) Exame das condições subjectivas do conhecimento; a relação “conceito-objectivo”; concepção da metaphysica classica, da metaphysica critica e ponto de vista scientifico.

Por fim, é possível que parte dessa disputa tenha se dado oralmente também e não esteja inteiramente acessível. A possibilidade decorre da proximidade dos autores no período e por uma relação de amizade que perduraria por toda a vida de ambos e, especificamente, pelo fato de que o quarto artigo de Cirne Lima, o último antes do ingresso de Pasqualini, é explicitamente endereçado a ele, mas não havia nenhuma intervenção anterior de Pasqualini nas publicações para justificar esse endereçamento, dando a ideia de que outros momentos de discussão podem ter ocorrido fora do âmbito dos jornais.

A seguir, então, está uma análise dos temas de cada coluna.

3.1 “A Era de Leviathan”, Ruy Cirne Lima

Cirne Lima afirma que o povo⁵⁶ continua sendo, na modernidade, o fundamento do Estado democrático - continua porque já o era durante o absolutismo, pois a servidão voluntária daquela época era necessária para a manutenção do tirano, que não teria, sem ela, mais do que cinco ou seis indivíduos que o rodeiam para o seu apoio. O fundamento, o povo, não havia se modificado. A diferença era antes de tudo na cultura presente. As culturas que moldam as instituições, dando estabilidade ou a retirando. No entanto, a cultura que agora se formava após o final da Primeira Guerra Mundial - naquele momento, a única

4) Exame das condições objectivas do conhecimento; processos logicos do espirito na aquisição dos conhecimentos; analyse e synthese, relatividade do conhecimento.

Caracteres diferentes de conhecimento scientifico, de conhecimento metaphysico e do conhecimento mathematico. Conclusões”. PASQUALINI, Alberto. Conferencias do “Centro dos Academicos de Direito”. A Federação, Porto Alegre, 11 jun, 1925. P. 5. É uma construção não distante daquela presente em disciplinas da área desde o início do século com Alcides Cruz. Ver outra pesquisa sobre a Faculdade e seus membros em: FELONIUK, Wagner. O Pensamento Político de Alcides Cruz: conceitos, separação de poderes, atuação estatal. In: CRUZ, Alcides. Alcides Cruz: perfil parlamentar. Porto Alegre: ALRS, 2017. P. 140-142.

56 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. A Era de Leviathan. Diário de Notícias, Porto Alegre, 02 ago. 1928.

guerra mundial - seria capaz de criar um Estado ideal ou geraria uma degradação? Misturando exemplos de biologia, Cirne Lima cita Carrel para lembrar que, destacados do corpo humano, tecidos vivos deixam de cumprir suas funções mesmo quando sobrevivem. Ocorreria o mesmo com o homem nessa nova sociedade que se formava? Seria possível à Teoria do Estado usar os exemplos de laboratório? Qual era a mentalidade que se formava? Essas eram suas perguntas.

Cirne Lima tem como cerne do artigo um questionamento: como seria a vida cultural, religiosa, política, no novo Estado surgindo no início do século XX? Ele chama o Estado de Leviathan, prevê que nele haja mais avanço econômico, em vista dos progressos industriais. Sua dúvida surge, no entanto, porque ele teme que em uma vida de mais recursos também haveria mais ócios, e poderia surgir alguma fórmula religiosa ou cultural para cessar as inquietações desses tantos homens vivendo em conjunto, em certa obscuridade, dentro de uma sociedade nova. A intelectualidade, de maneira interessante, é um dos elementos que formaria o contexto de surgimento dessa fórmula de obscura quietude.

Em troca de um “equilíbrio particularizado, de uma felicidade estrita e vitalícia”, o velho animal político se ajustaria integralmente às curvas inflexíveis da disciplina social? Era esse o seu temor, aquilo que ele chama de monstro, e o artigo pergunta se é possível pressentir algo dele já na sociedade em que ele vivia agora, sob a aparência de certa normalidade. É provável que os movimentos autoritários que ascendiam na Europa fossem parte de sua perspectiva, ainda que não sejam explicitamente citados.

Uma pista é dada a esse respeito: a arte. Ela teria perdido seu universalismo, sua ligação com o infinito, ido na direção do particularismo, de admitir o tempo, fenômeno que tudo dividiria e fragmentaria. A arte era a única capaz de revelar completamente o homem - e ela estava diferente agora. O homem moderno poderia estar cativo em uma caverna semelhante à descrita por Sócrates e, as-

sim como no mito, não notar sua condição.

Ainda que não seja a finalidade do artigo, Cirne Lima parece se apoiar em Gaston de Pawlowski para afirmar que “[a]mbas, consequências da eversão formal em que importou a Grande Guerra. Ambos, prenúncios do Leviathan”. Parece que as dúvidas são levantadas porque o autor vê indícios da concretização de seus temores. Uma consequência desses acontecimentos é momento no qual a racionalidade dá lugar à afetividade, não mais em uma discussão de filósofos, mas em um profundo fenômeno social de consequências graves.

O artigo inaugura uma série de considerações sobre o estado do mundo alguns anos após o fim da guerra, ainda sem citar sequer a possibilidade de uma segunda. Marca com vivacidade o momento, como se ele fosse um precipício histórico a partir do qual uma sociedade muito diferente poderia surgir - uma sensação tida por autores de grande capacidade ao longo do tempo e com uma visão correta do estado de ânimos que estava instalado e levaria à continuidade dos conflitos com a ascensão do nazismo e do fascismo.

3.2 “O após guerra”, Ruy Cirne Lima

O segundo artigo⁵⁷ de Cirne Lima continua tematicamente o primeiro. O tema da guerra como sinal dos novos tempos reaparece com força, assim como são refeitas as críticas ao intelectualismo surgido após sua ocorrência - ou ainda, à derrocada de um intelectualismo baseado na razão. As preocupações com isso, afirma, eram anteriores, mas os acontecimentos na Europa renovaram-nas. No entanto, o foco de Cirne Lima sai do Estado enquanto um Leviathan, estabelecido sobre um povo com progresso material e anestesiado sob uma nova cultura. Ele não demonstra convicção sobre haver “uma mentalidade após-guerra” envolvendo toda a sociedade, mas afirma que uma

57 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. O após guerra. A.B.C., Rio de Janeiro, 04 ago. 1928.

nova mentalidade existe para alguns e teve efeitos severos sobre o pensamento e a cultura.

Essa nova mentalidade retirou o equilíbrio e entregou o homem ao “puro intelectualismo” e à “pura estética”. Ela teve o condão de trazer o pensamento sobre a morte, a dor e agiu como um castigo sobre um “cientismo desdenhoso” que buscava explicar o universo, o absoluto, e que encontrava nessa busca uma inércia constante. A guerra teria rompido as barreiras desse “cientismo” e, ao acabar, refluíu, deixando um vácuo, e este foi preenchido por um silêncio “humilde”, um silêncio que havia subvertido a ética, a estética, a economia e a política para tentar reconduzir a novos valores e novas formas. Um campo no qual a afetividade e a emoção teriam um papel bastante maior.

É um outro elemento é acrescentado para ser discutido no artigo seguinte em mais detalhes: o momento levou a uma ascensão do sentimento religioso. O fenômeno, no entanto, não é visto de maneira inteiramente positiva. Cirne Lima afirma que esse sentimento encontrou uma expressão totalista que os norte-americanos chamam, por vezes, de “retorno ao medievalismo”. A fórmula religiosa pós-guerra exprimiria um retorno porque ela corresponderia a uma tradição de culto, e os elementos assimilados nesse retorno não são os mesmos que existiam, eles eram mais intensos que os anteriores.

3.3 “Novo renascimento”, Ruy Cirne Lima

O terceiro artigo⁵⁸ de Cirne Lima é o primeiro a citar o Brasil com centralidade. Os temas principais continuam: em quatro anos, a guerra teria feito desaparecer quatro séculos de cultura em determinado sentido de racionalismo. Pais e avós, antes da guerra, teriam passado tanto tempo com o mesmo espírito de análise, variedade, de decompor o mundo até sua menor parte e tentar encontrar o segredo do todo.

58 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. Novo renascimento. Diário de Notícias, Porto Alegre, 10 ago. 1928.

A nova “agonia”, no entanto, afirmou um pensamento novo. As conquistas da ciência continuaram, até se aperfeiçoaram, mas as linhas da vida espiritual foram mudadas. Dando as costas à unidade de um mundo físico, feito pela ciência, houve uma volta à unidade mística, uma tentativa de explicar o universo que a ciência também faz, mas agora buscada por meio de outros métodos, com destaque para religião. A “ânsia totalista”, já citada nos artigos anteriores, é retornada, novamente citando o tema da morte como impulsionador do movimento que gerou estes efeitos. A guerra geraria essa derrocada, essa queda do formal no qual todos os sistemas científicos haviam se erguido por séculos e que servia como ponte sobre mistérios, mistérios acessados agora sem os instrumentos da razão.

Cirne Lima afirma expressamente que o efeito era de sair de “um ambiente de luminosa clareza” e partir para outro. Não havia um ambiente anterior de “complicada e obscura elaboração psicológica”, antes havia busca de clareza. O que ficou no lugar é um horizonte espiritual, na forma de uma esperança por purificação, em que o método anterior já não era o principal.

Na segunda parte do artigo, Cirne Lima migra para um tema novo na discussão - o Brasil. Ele afirma que o país não continuou singelamente as suas expressões culturais anteriores, com suas manifestações em muitas formas locais e de origem tradicional, ele também foi afetado pelo novo momento, apesar da distância da guerra. Passou-se a buscar ideias lineares e as “penetrantes sensações dos primitivos”. Ele afirma que havia um trilho central de latinidade no qual estavam os três troncos étnicos gerando linhas culturais, e cita, nominalmente, as tradições do ameríndio e as crenças do negro, completados pela cultura europeia, sem criar hierarquias em seu texto. No entanto, o esforço e a continuidade cultural teriam saído dos trilhos. Isso não seria uma abdicação da cultura brasileira, mas o novo momento teria voltado a uma expressão mais primitiva, mais simples, decorrente do restante do cenário mundial. No entanto, afirma que, apesar do momento, o que impor-

ta não havia se modificado, a tendência brasileira ainda se manteria.

No horizonte intelectual, Cirne Lima vê o movimento da estética. E a morte é citada novamente com importância. O tema da morte como impulsionador, algo capaz de criar uma sombra sobre os objetos que antes eram “banhados pela luz”, levando-os a um momento anterior, a um “mistério germinal, que era no princípio...”. A seu ver, tal sombra irradiaria e apagaria as coisas em uma incerteza noturna. Era parte da nova mentalidade.

Esses fatores inauguravam uma nova Renascença, um momento de novo nascimento, uma época que seria olhada de maneira distante e com caráter próprio em relação às anteriores. Menos racionalidade era um dos efeitos mais palpáveis.

3.4 “Renascença católica (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima

Cirne Lima continua suas considerações⁵⁹ falando do renascimento do pensamento religioso católico no pós-guerra. O texto não é marcado pela ligação com a morte desta vez, e nem trata da guerra em si, mas seus efeitos, e encaminha o ponto mais profundo das discussões nos artigos, assim como o ingresso de Pasqualini.

Ele escreve que a mentalidade marca uma derrocada do formal, de falência do racionalismo e da ascensão de outros valores, inclusive religiosos, que agem quase como uma antítese ao pensamento cientificista, mais formal e marcado pelo método. Em um primeiro momento, poderia se discutir se isso ocorre com uma volta do sentimento religioso, Cirne Lima afirma, categoricamente, que essa é a única explicação visível para o retorno da religiosidade que observava. Junto dela, uma oposição à lógica, menos racionalismo e pragmatismo, um retorno à busca da realização pessoal e da valorização da estética.

59 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. Renascença católica (A Alberto Pasqualini). Diário de Notícias, Porto Alegre, 01 set. 1928.

Seria um acontecimento inédito? Longe disso. O exemplo dado para mostrar a recorrência, citando vários autores do século XV e XVI, é a Reforma Religiosa que veio após o ocaso do humanismo alemão. Assim como ele agora comentava o pensamento em crescimento, os italianos daquele período anterior se espantavam com a ascensão da fé na Alemanha levado por aquele movimento posterior ao humanismo.

Ainda que a guerra não tivesse se passado na América, esses efeitos pareciam ter chegado aqui também. A afirmação é feita com nomes: “na Inglaterra, Bertrand Russell; na França, Jacques Maritain e Henri Massis. E no Brasil, Jackson de Figueiredo, Renato Almeida e Tasso da Silveira. E no Rio Grande do Sul, Armando Pereira Câmara”. Cirne Lima afirma que a inexistência de conflito nestas terras pode até ter contribuído para o avanço, pois não houve as constrictões materiais e dificuldades existentes nos palcos do acontecimento.

3.5 “A mentalidade de após guerra (A propósito de um artigo)”

Em 5 de setembro de 1928⁶⁰, afinal, inicia-se o diálogo com Alberto Pasqualini. Ele é estabelecido com antagonismo por parte do novo interlocutor, isso pode se ver por essa passagem: “[p]ercebe-se, porém, ainda que confusamente, através das afirmações do jovem pensador”. Pasqualini trata Cirne Lima com respeito, mas como um jovem pensador que não se fizera suficientemente claro no seu pensamento.

Apesar dessa afirmação, Alberto Pasqualini embarca na discussão. Suas considerações podem ser compreendidas a partir da crença de que a guerra trouxera dificuldades sociais relevantes, e isso afetaria aspectos psicológicos das pessoas. Estava parcialmente em linha com Cirne Lima

60 Publicação original: PASQUALINI, Alberto. A mentalidade de após guerra (A propósito de um artigo). Diário de Notícias, Porto Alegre, 05 set. 1928.

no que tange aos efeitos da guerra, mas se afastando das considerações sobre a queda do racionalismo e a ascensão da emotividade e, até certo ponto, da religiosidade. Expressões utilizadas por Pasqualini como “psiquismo” e “sistema nervoso” dão a dimensão da ligação dos comportamentos pessoais, nessa construção, com a visão interna das pessoas, e que, dada a escala da guerra, afetariam sociedades inteiras. Seu argumento não se baseia fortemente na filosofia, mas em argumentos psicológicos e sociais e na observação de indivíduos.

Ele afirma que, durante a guerra, alguns pensavam que a Europa inteira poderia ser aniquilada, mas isso não ocorreu e nem seria possível, há capacidade de resistir às mudanças nas pessoas. No entanto, era um momento de adaptação, de mudanças nas instituições, ideologias, sistemas políticos, filosóficos, morais e religiosos. Isso ocorre pelo impacto que a guerra trouxe. O sofrimento psicológico profundo alteraria o passo lento, quase imperceptível, de alterações sociais, como ocorre em tempos normais, e criaria uma mudança brusca, rápida, fruto da desorientação do psiquê de tantas pessoas.

Além de atribuir as alterações à psique do homem afetado pela guerra, ele ainda sistematiza os efeitos dela em três grupos. Primeiramente, seria um período de surgimento dos referidos novos sistemas - todos seriam exageros daquele momento de sofrimento. O segundo, é que haveria mais vontade de buscar o prazer, de novas sensações, uma vontade de gozo e de esquecimento do momento vivido. Por fim, igualmente, haveria um espaço propício para a busca por religiosidade - o ponto central de Cirne Lima - como decorrência dos acontecimentos.

Ele adentra, então, no argumento central de renascimento religioso e o acata em parte - ainda mais, afirma que não apenas é uma possibilidade, mas é normal, um fruto da dor e do medo daquele momento. No entanto, a discordância do restante dos elementos começa a aparecer depois desse ponto. Pasqualini discorda que essa aproximação da religião tenha mudado de alguma forma a lógica

humana, levando à sua falência ou a um comportamento permanentemente novo. O pensamento humano não teria mudado em definitivo.

Pasqualini afirma, no final de seu artigo, que a guerra trouxe mudanças sociais e individuais profundas, isso resultou em um desequilíbrio das atividades psíquicas, mas o fenômeno só mostra a adaptação dos indivíduos e da sociedade como um todo, era uma demonstração de capacidade do homem. Esse desequilíbrio seria temporário, em algum momento iria passar, e só então, alguma nova mentalidade poderia ser vista, caso existisse realmente. A ideia de Pasqualini, no entanto, era que a normalidade traria a volta das questões anteriores: “[c]om a volta do equilíbrio espiritual, os homens preocupar-se-ão novamente com os transcendentais problemas do universo, procurando resolvê-los com mais serenidade e seriedade”. As diretrizes do pensamento humano não poderiam ser modificadas pela guerra.

Ao contrário da profusão de autores trazidas nos textos de Cirne Lima, além do seu próprio interlocutor, não há a citação de nenhum autor no artigo salvo o papa, em passagem que afirma que agora, encerrada a guerra, o nível religioso voltaria ao declínio e isso já era até observável. Em suma, sobre a religiosidade, ele observa um declínio, contrariando seu interlocutor.

3.6 “A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini)”, Ruy Cirne Lima

Cirne Lima responde⁶¹ com grande contrariedade a partes do artigo de Pasqualini, especialmente às passagens em que ele sofre admoestação sobre como seria o pensamento humano no pós-guerra e a possibilidade de sua modificação. Inicialmente, ele retoma a ideia de que a razão seria o ponto central desde Descartes até chegar a Comte e Spencer, passando por grandes expoentes como Kant, e

61 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini). Diário de Notícias, Porto Alegre, 07 set. 1928.

que o século que se iniciava sob a ocorrência da grande guerra estava se desviando dessa tradição de pensamento. O “espírito” racional, científico, tão desenvolvido nesse período anterior estava mais distante.

Um dos nomes filosóficos dessa reação ao racionalismo seria Bergson, que teria desenvolvido o seu intuicionismo em revisão ao positivismo trazido por autores como Comte e Spencer, representantes mais recentes e desenvolvidos da linha racionalista. Na interpretação dada por Zum Felde a Bergson, e aparentemente aceita por Cirne Lima como representante do momento, aquele seria o século da intuição, definida como vivência de uma realidade espiritual imanente. Cirne Lima afirma que razão e intuição são faculdades complementares, colocá-las em antagonismo seria uma falsa oposição, e que uma ou outra poderiam ter um protagonismo temporário, inversão de papéis que parecia ocorrer agora e que ele estava trazendo à discussão.

Essa primeira reação ao racionalismo teria se popularizado com o fim da guerra. E, junto dela, outros movimentos já citados anteriormente também haviam crescido, como a tradição religiosa neotomista. Nos países latinos, este último havia sido o mais importante na sociedade, recriando o sentimento religioso e a tradição de culto. Esse é o cenário do final do século que ele comentava.

A guerra teria o papel de acelerar o processo nessa direção. O racionalismo podia ter decaído em função de pensamentos como o de Bergson, mas disso não tomou conhecimento a maior parte das pessoas. Foi a guerra quem teve o papel de afastar, de modo acelerado, a racionalidade, aumentando o papel da afetividade, uma reação ao positivismo racionalista. A reação não foi conhecida por seus autores filosóficos, foi incorporada à sociedade sob a luta física e a onipresença da morte daquele momento. Era o ambiente do despertar do sentimento religioso, especialmente entre latinos.

Isto apresentado, Cirne Lima termina o artigo com alguns parágrafos de crítica aberta a Pasqualini. Afirma que

ele não seguira seu pensamento. Ele escreve que nunca afirmou que houve a falência da lógica, que parte de seu artigo não fora trazido à discussão de Pasqualini, por um esquecimento do interlocutor, e que não apenas falhara em apanhar sua lógica no todo, como havia seguido com uma imputação injusta de confundir termos e ideias filosóficas. Também escreve que nunca negou que após a guerra, em um período de mais serenidade, os homens poderiam se voltar novamente ao racionalismo, não havia, na afirmação da falência, uma impossibilidade de reabilitação.

Ao fim, como última frase do artigo, ele afirma que a discussão era “uma deferência e um prazer”, em movimento de aparente apaziguamento do debate.

3.7 “A falência do racionalismo”, Alberto Pasqualini

A resposta de Pasqualini⁶² dá mais combustível à discussão, que se torna acalorada - ele inicia a resposta dizendo que seu interlocutor perdera a serenidade própria do filósofo, e o fizera em dois momentos, por sugerir que seu pensamento fora mal compreendido e por imputar uma deslealdade que jamais seria perpetrada por ele. Poderia ter havido um erro de interpretação, mas, agora, essas outras afirmações estavam escritas e nada poderia modificá-las.

Pasqualini estrutura sua resposta, então, a partir de uma repetição de recortes dos trechos disputados. Afirma que sua memória fora inocente e as afirmações de Cirne Lima eram temerárias. Escreve, Cirne Lima atribuiu à lógica funções que não lhe eram próprias e só em função disso havia concluído que ela havia falido - afirma, afinal, que Cirne Lima seria um discípulo de Hegel, que saborearia com volúpia o paradoxo e a contradição.

A religião, na sua parte racional, afirma, seria também uma afirmação eloquente do racionalismo. O corpo

62 Publicação original: PASQUALINI, Alberto. A falência do racionalismo. Diário de Notícias, Porto Alegre, 13 set. 1928.

dessas doutrinas pretendia ser essencialmente racional. O neotomismo seria a escolástica adaptada ao progresso das ciências, apta a ser alvo do intelecto humano enquanto investigava e buscava a verdade.

Em encontro frontal com o pensamento que permeia os artigos de Cirne Lima, Pasqualini afirma que o interlocutor se contradiz ao afirmar que o pensamento do pós-guerra era caracterizado pela derrocada da racionalidade. Afirma que Comte não iria se conciliar com as afirmações de Cirne Lima e que a mentalidade vindoura não era intuicionista. A sua sugestão é que ele relese, com mais atenção, o único autor que deveria ser citado naquele momento, Bertrand Russel. Apesar desses enfrentamentos, em diversos momentos, não há uma explicação evidente da posição de Pasqualini e, prioritariamente, há a apresentação de dúvidas e negação da validade da estrutura do pensamento de Cirne Lima, citando várias vezes a inconsistência de conceitos.

3.8 “Racionalismo e catolicismo”, Ruy Cirne Lima

Cirne Lima não continua a polêmica⁶³ no início da última peça da disputa, parece retomar a sua passagem de apaziguamento anterior. Afirma que Pasqualini não estava mais discutindo os seus argumentos e as suas afirmações, mas, sim, a obscuridade de expressões e a busca de contradições nos argumentos apresentados, estava fora do assunto inicialmente proposto. Afirma que aquilo era abandonar o campo de discussão, mas que, ainda assim, ele lhe oferecia este artigo final, em função de sua estima, que Pasqualini merecia, e para defender a integridade de seu pensamento.

Se ele era chamado de discípulo de Hegel, Pasqualini era de Montaigne e seus descendentes. E via, para se explicar, a necessidade de entrar em sete contradições que

63 Publicação original: CIRNE LIMA, Ruy. Racionalismo e catolicismo. Diário de Notícias, Porto Alegre, 15 set. 1928.

Pasqualini lhe atribuía. Sobre eles, o autor faz a separação numérica e dá fundamentos específicos para cada, fazendo um resumo da disputa.

Na maior parte do tempo, ele escreve reafirmando declarações de artigos anteriores de maneira curta e definindo alguns de seus conceitos, tentando mostrar que eles não são contraditórios se aceitos dentro das definições defendidas por ele. Algumas vezes, Cirne Lima afirma que suas construções estão concordando com o pensamento de Pasqualini, e, em diversas outras, suas explicações terminam por negar a visão apresentada pelo interlocutor. Seu tom, até o final, é de que Pasqualini enganara-se em sua compreensão. E, encerrando, ele afirma que aquele é o seu ponto final à discussão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate inicia apenas na metade final das publicações. Cirne Lima defende suas posições até o fim, entrando analiticamente nos argumentos de Pasqualini para isso. Ainda que aparentemente acalorado, as relações futuras dão a entender que não houve um rompimento pessoal. O debate serve para mostrar, de maneira breve, as preocupações e os autores lidos na época, bem como o nível de dois estudantes que se tornariam, em poucos meses, egressos da Faculdade de Direito - e, com os anos, dois célebre ex-alunos, com contribuições duradouras à política e cultura jurídica nacional.

Nota-se um Cirne Lima apoiado em dezenas de autoras das mais diferentes áreas. Não há uma situação de vencedor ou perdedor na disputa, ela só chega ao ponto de mostrar as contrariedades. A construção de Cirne Lima é um profundo desenvolvimento filosófico com os autores daquela época, Pasqualini nega os efeitos da guerra sobre a racionalidade e apresenta um estágio passageiro trazido pela calamidade em nível social e psicológico. Apesar disso, o uso é de basicamente os mesmos autores.

Eram ambos representantes da Turma de 1928, que seria conhecida até a atualidade pelos seus egressos. O ní-

vel dos debates, ainda na juventude, mostra o elevado patamar cultural de membros daquele grupo social. Também é notável o momento político vivido, a maior liberdade no uso de doutrinas, apesar do ambiente no qual o positivismo ainda é visto com admiração. É visível também a possibilidade de que membros de fora da elite social ingressassem no nível superior e, não apenas isso, fizessem parte de um partido de oposição sem consequências negativas para si, como ocorria com Pasqualini. Era um Rio Grande do Sul com uma pessoas inseridas nos debates que ocorriam na Europa e capazes de articular argumentos, marcados pelo ambiente no qual viviam, mas demonstrando qualidades intelectuais e preocupação com o cenário mundial.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sergio. **Os aprendizes do poder**: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo background, entrada e estratégias de ascensão na política-partidária (1928-1937). **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 19, n. 4. p. 636-658, dez. 2019.
- ALMEIDA, Diego Orgel Dal Bosco. **Interfaces do político**: o discurso de Alberto Pasqualini em perspectiva (1936-1955). Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial e último para obtenção do título de Doutor em História, Área de Concentração História das Sociedades Ibéricas e Americanas na Linha de Pesquisa Sociedade, Política e Relações Internacionais em 2015.
- ALMEIDA, Marlene Medaglia. **Na trilha de um Andarengo**: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EdiPUCRS, 1994.
- AXT, Gunter. **A Faculdade de Direito de Porto Alegre (memória, ensino e espaço político desde 1900)**. Porto Alegre: Leitura XXI/Paiol, 2014.

- BALBINOT, Jonas. **Relações de Poder. Getúlio Vargas e Borges de Medeiros (1922-1928)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, em 2008.
- BOEIRA, Nelson. **O Rio Grande de Augusto Comte**. In: DACANAL, José H. (org.); GONZAGA, Sergius (org.). RS: cultura & ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- BONES, Elmar. **1966: a conciliação impossível: a candidatura de Ruy Cirne Lima ao governo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Carmen Langaro Produção Cultural, 2014.
- BROSSARD, Paulo. **A história pode ser outra. 2008**. Disponível em: <www.dacostaex.net/livros/RUY_CIRNE_LIMA_CENTENARIO.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2020.
- BROSSARD, Paulo. **Relembrando um fato histórico**. Zero Hora, Opinião, 2 de junho de 2014. Disponível em: <www.stf.jus.br/arquivo/biblioteca/PastasMinistros/PauloBrossard/ArtigosJornais/1003790.pdf/>. Acesso em: 5 mai. 2020.
- CIRNE LIMA, Ruy. **A Era de Leviathan**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 02 ago. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **A mentalidade nova (A Alberto Pasqualini)**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 07 set. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Colônia Z e outros poemas**. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Felicidade**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C., 1925.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Literatura**. Revista da Antropofagia, São Paulo, ano 1, núm. 6, p. 2, out. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Madrugada**. Do Livro “Colônia Z e outros poemas”. Revista da Antropofagia, São Paulo, ano 1, núm. 2, p. 5, jun. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Minha Terra**. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1926.

- CIRNE LIMA, Ruy. **Novo renascimento**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 10 ago. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **O após guerra**. A.B.C., Rio de Janeiro, 04 ago. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Preparação à Dogmática Jurídica**. 2a ed. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1958.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Princípios de Direito Administrativo**. 7a ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Princípios de Direito Administrativo**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1964.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Racionalismo e catolicismo**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 15 set. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Renascença católica (A Alberto Pasqualini)**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 01 set. 1928.
- CIRNE LIMA, Ruy. **Revisão das concessões de terras**. Jornal República, Florianópolis, 4 jun. 1931.
- COLÉGIO ANCHIETA. **História**. Disponível em: <www.colégioanchieta.g12.br/historia/>. Acesso em: 7 jun. 2020.
- ENGELMANN, Fabiano. **Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do direito no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2004.
- FACULDADE DE DIREITO DE PORTO ALEGRE. Homenagem a Ruy Cirne Lima. **Revista da Faculdade de Direito de Porto Alegre**, n. 5, Porto Alegre, p. 7, 1971.
- FEDERAÇÃO, A. **As eleições de 3 de Maio**. A Federação, Porto Alegre, 8 mai., 1924.
- FELICIDADE - Ruy Cirne Lima - Pimenta de Mello & C. - Rio, 1925**; **PONTAS DE FOGO - Barroso de Carvalho - Fux - 1925**; **MUSA JUDICIARIA - José do Canto - LUX, Rio, 1925**. O Paiz, Rio de Janeiro, 17 out. 1925.
- FELONIUK, Wagner. **O Pensamento Político de Alcides Cruz**: conceitos, separação de poderes, atuação estatal.

In: CRUZ, Alcides. Alcides Cruz: perfil parlamentar. Porto Alegre: ALRS, 2017. P. 140-142.

FENALTI, Naiani Machado da Silva. **Gaspar Silveira Martins e o Município “Silveira Martins”: memória, identidade e patrimônio**. Dissertação apresentada ao Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Patrimônio Cultural em 2011.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Personalidade Impar**. Disponível em: <www.dacostaex.net/livros/RUY_CIRNE_LIMA_CENTENARIO.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2020.

IMAGEM de Alberto Pasqualini. Disponível em: <<https://www.zonacurva.com.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Prefácio**. In: LIMA, Ruy Cirne. Princípios de Direito Administrativo. 7a ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2007.

PASQUALINI, Alberto. **A falência do racionalismo**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 13 set. 1928.

PASQUALINI, Alberto. **A mentalidade de após guerra (A propósito de um artigo)**. Diário de Notícias, Porto Alegre, 05 set. 1928.

PASQUALINI, Alberto. **Conferencias do “Centro dos Acadêmicos de Direito”**. A Federação, Porto Alegre, 11 jun., 1925

PASQUALINI, Alberto. **O Pensamento político de Alberto Pasqualini**. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2005.

PASQUALINI, Alberto. **Saudação ao Presidente Getulio Vargas, em Nome do Departamento Administrativo**. Correio do Povo, Porto Alegre, 17 nov. 1940. In: PASQUALINI, Alberto. O Pensamento político de Alberto Pasqualini. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2005.

- PASQUALINI, Paulo Alberto. Ruy Cirne Lima: jurista e professor Emérito. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, n. 23, p. 177-197, 2003.
- PEREIRA, Francisco Castilhos Marques. **Professor Elias Cirne Lima**. Anais da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 26, p. 181-182, 1966.
- SANMARTIN, Olyntho. **Um Ciclo de Cultura Social**. Porto Alegre: Sulina Editôra, 1969.
- SANSEVERINO, José Sperb. Apresentação de Ruy Cirne Lima. **Revista Justiça & História**, v. 3, n. 5, p. 1-3. Disponível em: <<https://www.tjrs.jus.br/novo/revista-justica/revista-justica-historia-volume-3/>>. Acesso em: 5 mai. 2020.
- SANTOS, João Pedro dos. **A Faculdade de Direito de Porto Alegre: subsídios para sua história**. Porto Alegre: Síntese, 2000.
- SILVA, Roberto Bitencourt. **Alberto Pasqualini: trajetória política e pensamento trabalhista**. Tese de doutorado em história apresentada perante o Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2012.
- SOSA, Derocina Alves Campos. **A História Política do Brasil (1930 -1946) sob a ótica da imprensa gaúcha**. Tese apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em História em março de 2005.
- TARCITANO, Terezinha. **A obra do Prof. Cirne Lima é tema em encontro sobre Direito e Literatura**. Disponível em: <<http://iargs.blogspot.com/2015/08/a-obra-do-prof-cirne-lima-e-tema-em.html>>. Acesso em: 5 mai. 2020.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Imagem da Faculdade de Direito e sede da Reitoria em 1930**. Repositório Digital da LUME/UFRGS. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/9379>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

PUBLICAÇÕES ORIGINAIS

A ERA DE LEVIATHAN

Ruy Cirne Lima

Estudando a forma democrática do estado atual, sentimo-nos inclinados a contrastá-la com os vários sistemas políticos, que direta e integralmente se lhe opõem.

Entre eles, ao morrer da Renascença, encontramos a teoria da autoridade – primeira realização do direito natural – fazendo derivar do alto a autoridade do governante e da autoridade deste o Estado. Do alto, isto é – de um mandato divino, conforme a crença da Igreja, ou de uma tradição patrimonial, conforme o espírito do feudalismo.

Debaixo de semelhante absolutismo, contudo, ainda é o povo o fundamento da autoridade. Ainda é o povo que governa o povo.

Étienne de La Boétie, que foi amigo de Montaigne e nos legou um admirável “Discours de la Servitude Volontaire”, já o havia notado e também explicado: Os tiranos, não são as armas que os mantêm, senão os cinco ou seis indivíduos que os rodeiam, “pour etre les complices de ses cruautés, les compagnons de ses plaisirs, maquereaux profitent soubz eulx... ces six cents tiennent soubz eulx six mille... et qui voudra s’amuser a dévuider ce filet, Il verra que, non par les six mille, mais les cent mille, les millions, par cette chorde se tiennent au tyran, s’aydant d’icelle...”

Tanto a tirania, como o Estado democrático, repousam, pois, sobre o mesmo fundamento, o mesmo animal político – o homem. Nele se entrelaçam os complicados fios que unem e movem os povos...

É, portanto, no cidadão de hoje, como no vassalo de ontem, que se esconde o segredo generoso das formas políticas. Dele, quanto poderemos saber?

Encaminhamo-nos, de fato, para o Estado ideal de Bluntschli? Confundir-se-ão verdadeiramente o Estado perfeito e a humanidade como acreditava Platão?

Entretanto, o Estado é, antes de tudo, uma formação cultural. E é precisamente o elemento de cultura, dentro do qual fecundamente se modelam as instituições, que falta a alguns dos velhos sistemas políticos, de par com a estabilidade, que semelhante falta lhes arrebatou.

“Le corps de l’État doit imiter le corps de l’homme”. Para o Estado, contudo, - corpo formado de células isoladas - a vida é concomitância da cultura.

Não é preciso esforço para admitir que, no sentido do campo propiciatório, onde estejam reunidas todas as condições favoráveis a certo desenvolvimento, o vocábulo cultura tanto pode designar um meio alcalino em relação a uma célula viva, como a cultura de uma nação em relação ao Estado.

Segundo, porém, as experiências do dr. Carrel, verificaram-se já “estranhas regressões, que degradam, moralmente - poder-se-ia dizer - os tecidos de ordem superior, quando, destacados do corpo humano e vivendo com vida própria em meios de cultura, não mais preenchem, numa coletividade, funções superiores, musculares ou nervosas”.

Poder-se-á estender à teoria do Estado a lição do laboratório?

G. de Pawlowski entende que sim. E, desde logo, descobre na moderna concepção do Estado a forma latente do Leviathan, o monstro político do futuro.

O Leviathan de Hobbes nascera, no seu tempo, do absolutismo imperante. O Leviathan de Pawlowski nasceu no século da democracia. O que, aliás, não basta para diferenciá-los...

Para descrever o seu dragão, G. de Pawlowski compara-o a certos pólipos marinhos, colônias de indivíduos polimorfos, parecendo exteriormente animais maiores e mais complexos.

A própria palavra leviathan, segundo Vossius, deriva do hebraico “lavah”, que significa - ajuntado, composto.

A princípio, portanto, semelhante animal deveria ser tomado por um super-homem. A pouco e pouco, po-

rém, far-se-ia sentir o peso da sua existência, duramente repartido por milhares de vidas obscuras.

E os seus inconvenientes, a aparecerem, apareceriam sob o tríplice aspecto da moral, da economia e da política. Sem falar na forma jurídica, que lhe fixaria a estrutura.

Do ponto de vista econômico, a sociedade de amanhã, encampada pelo Estado monstruoso, e composta de indivíduos especializados exclusivamente, abrigaria uma nova servidão, - a servidão industrial, ligando o operário à sua função, à sua máquina.

Pelo lado espiritual, a intensa e complexa divisão do trabalho material - forçado - por meios vários, permitiria ócios mais longos, e com eles, a intensificação da vida intelectual, abrindo horizontes metafísicos para as pupilas cansadas do limite retilíneo.

Breve, porém, cessariam, na serenidade de uma fórmula, religiosa ou cultural, a inquietação vibrátil e as angústias do espírito entregue a si mesmo.

E já o velho animal político se teria ajustado integralmente às curvas inflexíveis da nova disciplina social, abdicando da harmonia do conjunto, a troco de um equilíbrio particularizado, de uma felicidade estrita e vitalícia.

O que nos interessa, entretanto, é saber em que pontos da nossa organização individual ou política se presente já o monstro, sob a aparência normal.

Pawlowski assinala-os concisamente. Todos de ordem espiritual. De um lado, a inquietação filosófica, doutro a angústia estética. Ambas, consequências da eversão formal em que importou a Grande Guerra. Ambos, prenúncios do Leviathan.

Principalmente, contudo, o lado estético. A arte perdeu o seu universalismo, a sua parte de infinito. Particularizou-se. Admitiu, nos seus domínios, o tempo, que tudo divide e fragmenta. Deixou-se levar ao sabor das horas silenciosas...

Hoje, Dorian Gray, o símbolo puro da beleza, teria

idade, envelheceria.

Assim, a arte, que – ela só – nos realiza totalmente, revela-nos – ela só – também, totalmente a nós mesmos.

Sócrates, num dos diálogos de Platão, descreve a Glaucon a caverna, em que os homens assistem ao espetáculo das sombras, acorrentados, de costas para a luz. E indaga:

“Se um dos cativos é libertado das suas correntes, e é forçado a levantar-se, em seguida, e a voltar a cabeça, e a caminhar e a olhar para o lado da luz; se, fazendo três movimentos, ele sente grandes dores, e o ofuscamento dos seus olhos o impede de distinguir os objetos de que ele antes via as sombras, que pensas tu que responderia caso lhe dissessem que, até então, ele não vira senão fantasmas; que presentemente, mais próximo da realidade e voltado para objetos mais reais, ele vê com mais justeza?”

Assim, também, se nos voltam, a nós, cativos do presente, para a luz liberta do futuro...

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 2/08/1928)

O APÓS GUERRA

Ruy Cirne Lima

Existe uma mentalidade de após-guerra?

Diz-se que sim, com a mesma frequência com que se o pergunta. E na verdade, a Guerra evertiu, num vendaval da barbárie, todo um equilíbrio feliz, que nos libertava do nosso lado político (no alto e bom sentido), para entregar-nos ao puro intelectualismo e à pura estética. G. Pawlowski afirma que “le but de tout être humain (la raison d’être de toute civilisation) est de diminuer ou de supprimer par les moyens possibles la somme de travail force imposée par les besoins de notre nature physique, pour acquérir le loisir c’est à dire la possibilité du travail libre, auquel notre être moral aspire”. E sem forçá-lo pode-se entender o seu pensamento às necessidades de ordem política, que, se não derivam de nossa natureza física, decorrem organicamente da existência do estado.

Agora, velhas angústias desertas vieram juntar-se às que já nos angustiavam.

E demais, a nossa vida, que tomara por testemunhas a Ironia e a Piedade, fiel ao conselho anatoliano, passou a ser vivida diante da morte. Passou a ser pensada na sua significação definitiva, e considerada também e principalmente pelo seu lado oculto e doloroso.

Foi como um castigo que viesse punir um cientismo desdenhoso, o qual explicando-nos as realidades imediatas, nos parecia capaz de explicar o universo. Foi como um castigo para a nossa fome de absoluto, que aspirava ao absoluto como uma inércia terminante, de que resultaria um saldo intensivo a favor de aspirações mais altas.

Foi como um castigo...

A Guerra rompeu as barreiras conceituais. E espalhou a sua onda de fogo e sangue. E refluiu, deixando um vácuo como uma ferida... Um vácuo que a dúvida veio encher, e talvez aprofundar, como uma caudal erosiva.

Everteram-se ética e estética, economia e política. E nesse mundo plástico, começou a vincar-se um silêncio humilde, marcando novos limites, tentando reconduzir valores e formas.

E é essa humildade vencida, e de ordem puramente intelectual, que vemos agora assimilada pelo sentimento religioso. Nietzsche pregava o senso da terra. A Guerra impôs-nos o senso da morte.

O catolicismo aparece agora como a fórmula mais pura desse restabelecimento, desse reserrenar de formas em colisão. Já em 1893, Charles Richet reconhecia a vitalidade do neotomismo de Mercier, que “peut faire entrer dans ses cadres les recherches contemporaines de la physiologie et de la psychophysique, dans faire aucune concession”.

Vem da profundidade desse sentimento religioso que procurou e encontrou uma expressão totalista, o que os norte-americanos chamam, pela boca de um dos seus, de “retorno do medievalismo”.

Sim, a fórmula integradora exprime, talvez, um retorno, porque corresponde a uma tradição de culto, mas os elementos assimilados são outros e o âmbito da assimilação é infinitamente mais vasto.

Pode-se dizer que seja essa uma mentalidade de após guerra? Certamente que sim, mas não enquanto a nós. De fato, nós vivemos, com a gente do mundo velho esta hora de inquietação. Mas a guerra veio até nós, como vem a literatura: escrita. Antes dos nossos, fremiram os nervos do telégrafo, de catástrofe em catástrofe.

E a nossa mentalidade, no seu sentido mais profundo e duradouro, se valeu para libertar-se do instante de disponibilidade em que a deixara a Europa, não é por isso nem concomitante, nem decorrente da mentalidade europeia.

“Europe has rotted at last into the Grave they called America”.

Na verdade, temos também a nossa dúvida e a nossa

inquietação essenciais. Porém, tão diferentes...

Para fechar, não posso deixar de lembrar a observação de um brasileiro: Depois da guerra, as mulheres fatais se fizeram boas raparigas... Pode não ter sentido, ao fim desta página, mas foi escrita e apontada como característico de uma mentalidade de após guerra.

(A.B.C., Rio de Janeiro, 4/08/1928)

NOVO RENASCIMENTO

Ruy CIRNE LIMA

Quatro séculos de cultura levaram quatro anos a desaparecer. Quatro anos de embate contínuo, a que sobrepaira, porém, a multiplicidade infinita dos processos e táticas, empregados para mantê-lo, no seu irredutível antagonismo.

E essa variedade sinistra de meios igualmente eficazes para defender e atacar, proteger e destruir, se caracteriza a última grande guerra, diferencia e assinala, também, o período histórico que a precedeu.

Estudando as tendências dominantes que, na arte e no pensamento, dirigiram os nossos avós, no último quarto de século passado, notaremos a mesma variedade, a mesma fragmentação percuciente, - o mesmo espírito de análise, que um simples microscópio poderia simbolizar.

Ainda não são poucos os que perfilham as ideias e a convicção cientista daqueles que, antes de nós, sabiamente decompueram o mundo e o homem, buscando na partícula infinitésima o segredo do todo. Perdura, pois, ainda a ilusão de que a análise - embora seja o oposto de todos os processos vitais - tenha solvido os problemas do mundo, quando, de fato, somente nos forneceu os elementos de um mundo sem problemas.

É, portanto, do contraste entre duas formas coexistentes, que nasceu e se desenvolveu a mentalidade nova. O choque de uma corrente antagônica definiu, poliu e afirmou um pensamento novo.

Não obstante subsistirem todas as conquistas da ciência e se aperfeiçoarem cada vez mais os métodos desta, modificaram-se inteiramente as linhas gerais da nossa vida espiritual.

Voltamos as costas à unidade do mundo físico - átomo, mônada - para nos voltarmos e encaminharmos para essa unidade mística, em que convergem, na explicação do universo, não só as ciências como as religiões.

Ânsia totalista, pois, esta que a guerra despertou em nós, inculcando-nos, a fogo e sangue, a onipresença da morte.

Devemos à guerra a derrocada formal, em que se esboroaram todos os sistemas, lançados como pontes sobre o mistério e dolorosamente construídos com as aspirações mais altas e os mais puros pensamentos dos homens de ontem.

A morte tomou o que lhe pertencia... E nós sabemos que todas as ideologias lhe pertencem, por isso que a aceitam.

Abro, ao acaso, um livro de impressões de guerra. Livro inocente e cruel. “La flamme au poing”, Prix Goncourt, 1917, Henry Malherbe. E leio:

“Nos rares pensées ont des lignes pures, simples, un sens ingénu, direct.

Et l'action a chassé la mélancolie”.

Existe nestas palavras, após o quadro ciclópico de um bombardeio, um sabor de insensibilidade criminoso, de sinistra perversão. Entretanto, nelas tudo é pureza. Pureza... Essa límpida virgindade de alma, a que afloram e onde irrompem os instintos. Lêde:

“En l'âme tout limpide et sans profondeur, inodore et docile, une eau répandue sur un vaste espace...”.

E adiante:

“L'instinct de chasse et de conservation, quelques idées précises et dépouillées, des sens purs claires et pénétrants nous habitent, et seule nous dirige”.

Não saímos, portanto, de uma complicada e obscura elaboração psicológica, senão de um ambiente de luminosa clareza, em que tudo era mistério e onde o mistério era a plena luz.

E ficou em nós um fundo de contemplação, de cis-

ma extasiada. A esperança, a espera do momento sutil, em que as formas se purificam na nitidez de um largo e sereno horizonte espiritual.

À margem de uma água limpa e calma, ao longo do que há de mais profundo e espontâneo em nós mesmos, a nossa autocrítica é um reflexo. A nossa prova, somos nós. Identidade. Evidência.

O nosso problema é o problema das formas.

E ao nosso caso, ao caso brasileiro, adaptam-se as palavras de Gregório de Heimburg, o longínquo percursor do humanismo alemão: “Não consiste o sumo bem em amontoar, como as abelhas, materiais dispersos, mas em aprendermos a falar por nós mesmos, como aqueles vermes que tiram a seda de suas próprias entranhas”.

De fato, os nossos artistas, desprezando a espalhadia, a multiforme expressão cultural anterior, embrenharam-se no mato virgem, buscando as ideias lineares e as penetrantes sensações dos primitivos.

Entretanto, a coexistência de três troncos étnicos e, portanto, de três linhas de cultura, desvirtuou-lhes os esforços, desviando-os do trilho central da latinidade, ao longo das tradições do ameríndio ou das superstições do negro.

Primitivismo não significa abdicação. Equivale, é verdade, a expurgar, despojar, voltar à expressão primitiva, à antiguidade simples e reveladora... Porém, de expurgar a abdicar, o passo é imenso... Contudo, nada perde com isso e em nada se modifica a tendência principal – de angustiada procura de formas novas – que orientava e propelia semelhante corrente estética.

E ela só importa...

Por sobre a inquietação das formas estéticas, abre-se, também, com a mesma terrível deserção, o nosso horizonte espiritual, definido, longe, na linha pura da morte.

É, decerto, a essa abandonada quietação, que devemos a amplitude nova da nossa visada, e é ela, com certeza, que nos permite aproximar da curva extrema do ser as nossas ideias mais chegadas e os mais efêmeros debates do nosso pensamento.

A morte envolve tudo. É como uma franja de sombra, no contorno dos objetos batidos pela luz. E destes, cada qual parece ainda viver por si na sombra anterior. No mistério germinal, que era no princípio...

Basta um minuto para que a sombra irradie das coisas, e as apague novamente, na incerteza noturna.

O mais puro dos nossos poetas – Augusto Meyer – conta:

“Uma nuvem passou.
Toda a casa mergulha
no halo negro da sombra,
na penumbra do outro mundo”.

Há, entretanto, trezentos e muitos anos entre nós e Montaigne, que dizia:

“Il faut oser le masque aussi bien des choses que des personnes, osté qu'il sera, nous ne trouverons au dessous que cette mesme mort”.

A nossa época inaugura, pois, uma nova Renascença. Dela poderemos dizer o que diz um historiador da antiga Renascença: “... olha-se e estuda-se este período intermédio como uma época distinta e de caráter próprio, e como tal lhe tem sido dados os nomes de época da Renascença, isto é, do novo nascimento da antiguidade na arte, na ciência e na vida, e de época das Humanidades, ou seja da educação, do desenvolvimento completo da capacidade e aptidões exteriores e interiores do homem”.

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 10/08/1928)

RENASCENÇA CATÓLICA

A ALBERTO PASQUALINI

Ruy Cirne Lima

O papel da Guerra, no drama das ideias, é, na verdade, mais intenso e mais extenso do que o supomos.

A mentalidade que surgiu após a conflagração mundial, caracteriza-se pelo seu aspecto negativo, de derrocada formal e, ao mesmo tempo, de renúncia e amargor.

A Grande Guerra evertiu a limitação racionalista, pela irrupção de instintos, de tendências ocultas, que dormiam no fundo do ser, substituídas e como que suprimidas pelo hábito – então única disciplina da ação.

Havia dantes entre o homem e a realidade física um mundo formal intermediário. Fixo, determinado. Esse é que foi destruído, esse é que desapareceu, deixando-nos este vago amargor de um abandono. De uma deserção.

Essa construção, que complementava todas as nossas construções ideológicas, desapareceu com a oposição direta do homem ao homem, na luta das potências. A lei social caiu ante o fato singular do combate de que outrora se originara. A Guerra, pois, representa uma regressão ao estado primário, em que o debate psicológico criava os primeiros conceitos e a luta social condicionava o surgimento do Estado.

Semelhante retorno, porém, ao invés de fazer-se em absoluto fez-se em relação à nossa cultura adquirida e ao longo dela. O fato de existirem bibliotecas e de haver pessoas que acreditem em Haeckel não significa que o livro seja a expressão da Verdade, ou que o transformismo retenha o segredo do mundo.

Houve retorno. E este tanto mais fácil de verificar quanto é fácil cotejá-lo com elementos existentes, quais sejam as principais diretrizes da mentalidade de antes-da-guerra.

Com relação à extensão dos efeitos da Grande Guerra, como fenômeno histórico, basta lembrarmos de que assistimos à falência do racionalismo, a que antiteticamente se opõe o sentimento religioso, dominante no pensamento moderno. Ao brusco alargamento do âmbito da psicologia. E da estética. Etc.

Não existe tal sentimento religioso? A não ser por ele, entretanto, como explicar os recentes e múltiplos movimentos de renascimento religioso?

Pelo racionalismo, decerto não. O renascimento católico, na sua parte racional, implica a renúncia, a fé absoluta, que são exatamente a negação do racionalismo. E com a falência deste, somos, também, forçados a admitir a insuficiência da lógica na explicação do pensamento moderno, pois que, na esfera das ideias puras, no sistema lógico, todos os fenômenos se distanciam da sua significação verdadeira, para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espírito. A lógica, para a sua supremacia integral, não dispensa essa realidade intermédia, de que falamos, e que se consolida nas instituições, ou se mantém flutuante em tradições secundárias e preconceitos. Efetivamente, a relação que equilibra dois conceitos num juízo continua imutável e imutável há de continuar. Entretanto, não é a razão constante que determina e explica a progressão dos fenômenos. São as parcelas a que ela se soma, ou os fatores por que se multiplica. Para o racionalismo, evidentemente, esse valor imutável condiciona a existência da Verdade, por isso que, pela invariabilidade, dela se aproxima. Para o pragmatista, ao contrário, a verdade está na realização mutável, na forma viva da realidade.

A mentalidade moderna, contudo, não participa nem do racionalismo, nem do pragmatismo. Escolheu o caminho fecundo da afetividade e, dirigida por instintos e tendências, ainda não consegue definir-se. A primazia no pensamento moderno cabe, pois, à estética, em oposição à lógica. A obra cultural dos homens de hoje é de realização e não de pesquisa – de síntese e não de análise.

A lógica voltará a satisfazer-nos tão somente quan-

do a estética houver acabado a sua construção. A reconstrução desse mundo formal intermediário, que completa a nossa arquitetura ideológica.

É errôneo supor que tal ressurgimento religioso seja único, na evolução cultural da humanidade.

A Reforma Religiosa começa onde acaba o Humanismo alemão. E. Hussen, Reuchlin e Heimbürg foram, de certo modo, seus precursores.

L. Geiger, na História Universal de Oncken, comenta destarte o sentimento religioso do povo alemão:

“Os escritores italianos da Renascença manifestavam com frequência grande surpresa ao notarem a fé religiosa dos alemães, que dela faziam gala em seus escritos... existia uma fé religiosa avassaladora, como demonstram os monumentos que produziu até em lugares insignificantes e que custaram somas imensas...”.

Pode ser que cheguemos ao resultado a que chegou a Alemanha com a Reforma Religiosa. Por agora, entretanto, só nos compete assinalar o fenômeno e aproximá-lo analogicamente de seus pontos de referência históricos.

É, também, errado imaginar que nós americanos não tenhamos participado, espiritualmente ao menos, do conflito europeu. Seria exagerar o valor da limitação geográfica. E, sobretudo, atribuir-nos uma autonomia espiritual que não possuímos. E nunca ninguém possuiu, por isso que a ideia de generalização, inerente à cultura, é a negação de todo particularismo.

Que importa se a Guerra nos veio através do telégrafo?

Nem por isso foi menor a influência por ela exercida. Ao contrário, livres das preocupações materiais que a intromissão direta no conflito nos traria, só o nosso espíri-

to trabalhava, angustiadamente...

Poder-se-ia até dizer que, espiritualmente, a influência da Guerra foi mais intensa aqui no além mar...

Bastaria lembrarmos os sucessos ocorridos nesta nossa linda e leal cidade.

Não vale a pena, entretanto...

Com relação à existência efetiva de uma nova mentalidade, em que se afirmam os característicos apontados, podemos destacar - na Inglaterra, Bertrand Russel; na França, Jacques Maritain e Henri Massis. E no Brasil, Jackson de Figueiredo, Renato Almeida e Tasso da Silveira. E no Rio Grande do Sul, Armando Pereira da Câmara.

Bertrand Russel não é um apologista do catolicismo. Mas a sua obra comprova, fartamente, os conceitos expostos sobre a mentalidade do após guerra.

E eis como Henri Massis, nos seus "Jugements", explica-nos o cristianismo:

"La force du christianisme, tout d'abord, c'est qu'il est "un principe de contradiction". Ses exigences, en apparence démesurées et déraisonnables, sont les seules cependant que soient réellement à la mesure de nos forces et de notre raison. Elles ne mutilent rien, elles appellent à l'homme tout entier: son intelligence, sa volonté, sa sensibilité; elles nous obligent à un état permanent de mobilization contre les passions et les doutes faciles".

Considere-se o estado de primitivismo, de nudez espiritual, a que a luta fez regredir o homem (La guerre dépouille son homme. Le naturel, avec ses défauts et ses qualités se montre nu. Chacun vous colle sous le regard son individualité - Henri Malherbe, La flamme ou poing) pesem-se no mesmo caso brasileiro, as razões de simpatia (no alto sentido) e as tradições de culto, e chegar-se-á à conclusão inevitável de que se explica e justifica entre nós, também, a renascença católica.

Não importa indagar quais sejam os seus benefícios
ou consequências funestas.

Inegável, contudo, é que ela se faz.

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 1º/09/1928)

A MENTALIDADE DE APÓS GUERRA

(A PROPÓSITO DE UM ARTIGO)

Alberto Pasqualini

Quem poderá negar as consequências materiais e morais da grande calamidade que se desencadeou sobre o Velho Mundo, em 1914? Ninguém, por certo, porque, em verdade, todos as sentiram, beligerantes e neutros, vencidos e vencedores. Sentiram-nas os Estados, como unidades políticas internacionais que viram a sua soberania diminuída; sentiram-nas os povos, como sociedades internamente organizadas, porque experimentaram, de um momento para outro, a transformação brusca de sua estrutura, o desmantelamento de instituições seculares, a subversão do regime constitucional; sentiram-nas as coletividades, como soma de valores humanos, porque sofreram o perecimento de tantas vidas úteis e assistiram a destruição da riqueza econômica; sentiram-nas, finalmente, os indivíduos, porque o indivíduo é, na realidade, quem padece, não sendo a dor social senão a expressão comum dos sofrimentos individuais.

A crise foi forte; dir-se-ia o colapso de todas as energias, de todas as boas intenções da vontade de trabalhar e ser feliz. Parecia que um desespero coletivo ameaçava a Europa de completo aniquilamento.

Mas, aqueles que assim pensavam, pensavam mal. Pensavam mal, porque a espécie humana não se deixa destruir dessa forma: existem nela, como nos indivíduos, elementos capazes de resistir as transmutações do meio, garantidores de sua conservação. Esses elementos constituem o que denominamos a “faculdade de adaptação”.

Que é a vida senão a adaptação contínua do ser ao ambiente? Adapta-se o indivíduo, adapta-se a sociedade, adaptam-se as instituições, as ideologias, os sistemas políticos, filosóficos, morais e religiosos. Adapta-se tudo o que tem vida e o que tem alma, porque a natureza impõe esse

dilema: “Ou adapta-te ou morre”.

A adaptação, sob as suas mais variadas formas, é a função fundamental da vida, a condição de sua possibilidade e, por isso mesmo, é exercida pelo órgão mais delicado do organismo: o sistema nervoso – naquela série de atividade que denominamos psíquicas.

O psiquismo é, portanto, o verdadeiro regulador da vida pois que estabelece o contato e a harmonia entre o indivíduo, a sociedade e as variações do meio. Quando estas são normais, insensível é o fenômeno e a evolução de todas as coisas se processa imperceptivelmente, sem abalos ou efeitos de inércia. Quando, porém, se verifica uma mudança brusca, o psiquismo funciona desordenadamente, num verdadeiro estado de desorientação.

Há, então, um desequilíbrio geral.

Explicam-se, dessa forma, os efeitos da grande guerra. Estamos, ainda, presenciando a atividade desordenada do psiquismo individual e social, em busca da readaptação às novas condições sociais, políticas e econômicas criadas pela conflagração. Há uma vacilação dos espíritos em torno do novo ponto de equilíbrio e, enquanto este não for definitivamente atingido, continuaremos a sentir essa instabilidade que caracteriza o período de após guerra e que motivou tantas explicações e, sobretudo, tantos presságios.

Nada há que recear, são as águas de um oceano ainda revolto pela tempestade e que procuram, em ondulações sempre decrescentes, o repouso e a tranquilidade.

É exatamente nesse período de instabilidade que surgem novos sistemas morais, políticos, literários e filosóficos com todos os exageros do momento e trazendo, no mais das vezes, no próprio embrião, a causa que os há de aniquilar. São o índice mais perfeito da alma que procura transformar-se, amoldar-se e afeiçoar-se às novas condições da vida. É a própria vida que procura um “modus” mais adequado ao seu desdobramento. São formas de

adaptação, formas transitórias, tão transitórias quanto a finalidade que as determina.

É, também, nesse período que se observa uma sede intensa de prazer; procuram-se sensações novas, há uma vontade louca de gozo e de esquecimento.

É, igualmente, nesse período que as religiões encontram campo propício à sua propagação, porque a alma humana, num estado de grande receptividade, aceita tudo o que possa determinar novos motivos de viver.

Vemos, portanto, que a maneira pela qual o fenômeno se realiza é variável, como é variável o modo de ser das pessoas. O resultado, porém, é sempre o mesmo: a adaptação do indivíduo às novas condições da vida.

E, se, porventura, o fenômeno não se pudesse realizar, o indivíduo e a sociedade sucumbiriam.

O sr. Ruy Cirne Lima, em artigo que teve a generosidade de nos dedicar, atribui à grande guerra duas consequências capitais: o renascimento do espírito religioso (catolicismo) e a falência do racionalismo. Como consequência deste último fato, a insuficiência da lógica na explicação do pensamento moderno.

“O renascimento católico, na sua parte racional, implica a renúncia, a fé absoluta, que são exatamente a negação do racionalismo. E com a falência deste, somos, também, forçados a admitir a insuficiência da lógica na explicação do pensamento moderno, pois que, na esfera das ideias puras, no sistema lógico, todos os fenômenos se distanciam da sua significação verdadeira, para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espírito. A lógica, para a sua supremacia integral, não dispensa essa realidade intermédia, de que falamos, e que se consolida nas instituições, ou se mantém flutuante em tradições secundárias e preconceitos”.

A brevidade da exposição não lhe permitiu explicar-nos melhor o seu pensamento. Percebe-se, porém, ainda

que confusamente, através das afirmações do jovem pensador, a intenção de significar que, após a conflagração, existe o predomínio da atividade afetiva sobre a atividade puramente intelectual. O homem, por assim dizer, abandonou o pensamento, a especulação, para entregar-se ao desafogo do sentimento, à satisfação de sua emotividade.

Até aqui estamos de acordo. Admitimos, também, pelos motivos expostos, que imediatamente após a guerra, tivesse havido um renascimento do espírito religioso, pois que são a dor e o medo que nos aproximam da divindade. Segundo, porém, as teorias que seguimos, o fenômeno já deveria estar em declínio. E, realmente, assim é, se exprimem a realidade as palavras do Sumo Pontífice que lamenta “o abaixamento do nível religioso em todo o mundo”.

Cumpre-nos, porém, divergir do jovem filósofo quando afirma a falência do racionalismo e a insuficiência da lógica.

Com a volta do equilíbrio espiritual, os homens preocupar-se-ão novamente com os transcendentais problemas do universo, procurando resolvê-los com mais serenidade e seriedade. As grandes crises não geram verdadeiros filósofos, produzem, antes, construtores de sistemas morais. E a razão já foi dada. A Moral é todo um sistema de adaptação. A filosofia é um sistema de hipóteses que procuram explicar integralmente o universo. Naquele predominam os mesmos sentimentos; neste, a mesma razão.

Não compreendemos, também porque o sr. Cirne Lima proclama a falência da lógica. Para que isso fosse verdade, seria necessário que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental. E, nesse caso, assistiríamos a bancarrota de todas as ciências, a começar pela matemática.

Já não perceberíamos por que motivo um círculo não é um triângulo, ou porque uma curva não é o caminho mais curto...

Há aqui uma manifesta confusão entre o que é “lógica” e o que é real. São coisas muito diversas e que nem sempre coincidem.

A função da lógica é de estabelecer e verificar as condições da congruência e da não contraditoriedade do pensamento consigo mesmo. Nada nos pode fixar sobre a veracidade ou a realidade do seu conteúdo.

Assim, uma conclusão pode ser, se é congruente com as premissas, logicamente verdadeira e materialmente falsa. E não corresponder aos fatos.

Todos os sistemas filosóficos, políticos, religiosos ou morais podem ser rigorosamente lógicos, basta que as conclusões estejam conformes com as premissas.

Em conclusão:

A grande guerra em nada poderia modificar as diretrizes do pensamento humano, no seu aspecto formal. Alterou, sim e profundamente, as condições da vida social e individual, resultando daí um desequilíbrio nas atividades psíquicas, com todas as suas consequências secundárias. O que se nos afigura uma nova mentalidade é precisamente a adaptação do indivíduo e da sociedade às mutações do meio.

Quando os fenômenos secundários se desanuviam do campo das consciências, então poderemos dizer, com certeza, como será uma nova mentalidade.

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 5/09/1928)

A MENTALIDADE NOVA

A ALBERTO PASQUALINI

Ruy Cirne Lima

A filosofia racionalista de Descartes a Comte e Spencer, caracteriza-se, fundamentalmente, pelo papel central que atribui à razão na nossa vida psíquica.

Disso nos adverte Alberto Zum Felde, na sua admirável “Estética del Novecientos”: “El racionalismo, en todas sus formas y estados evolutivos, desde el dogmatismo cartesiano al criticismo kantiano, y desde el idealismo hegelista al positivismo de Comte y Spencer – era un orden típico de conciencia, que podría definirse, en lo figurativo de todo lenguaje, por la posición centrada de la Razón en el sistema psíquico. La personalidad estaba como identificada con esa facultad, en torno de la cual, y por referencia a la cual, se ordenaban todas las cosas, siendo, así mismo, la cifra y medida de todas las cosas”.

De fato, Descartes, na sua fórmula célebre – aliás intuitiva – dogmaticamente identificara a Razão com o conhecimento.

Entretanto, na caracterização do racionalismo, nota-se logo, como complemento ao predomínio inapagável da Razão, o surgimento do espírito científico, que, evoluindo, havia de condicionar-lhe dirigir-lhe a evolução, do cartesianismo ao positivismo comtista.

Como diz Émile Boutroux – “avec Descartes et surtout avec Kant, l'esprit scientifique paraissait déterminé, d'une manière immuable, par les conditions logiques de la science et par la nature de l'esprit humain”.

Com efeito, Kant, formulando o postulado dos juízos sintéticos a priori, e distinguindo no conhecimento a matéria da forma, lançava as bases do então recente espírito científico.

Segundo o conceito kantiano, a matéria é o que se

oferece à faculdade. A forma é o que o sujeito lhe acrescenta de seu – elemento apriorístico, em função da natureza do sujeito.

Ora, “ce que la science appelle un fait, ce n’est pas simplement une réalité donnée: c’est une réalité constatée ou constatable”.

A fonte imediata da ciência é, pois, a experiência – conjunto de impressões e sentimentos personalíssimos, a forma de Kant. Só a experiência se exerce, diretamente, sobre dados concretos – a matéria.

Sobre estes elementos, partindo do pressuposto (juízo sintético a priori) de que todos os fenômenos necessariamente se ligam entre si, no espaço e no tempo, edificou-se o novel espírito científico, luminosamente aureolado pela esperança de uma verdade total.

O espírito científico, como largamente explana Émile Boutroux, definindo, pela elaboração dos dados da experiência, o objeto, na sua forma estável, avocou da antiga filosofia, o conhecimento da coisa em si, na sua substância permanente; pela constatação de tal estabilidade relativa, no fenomenismo universal, tornou possível a observação de fenômenos isolados, e, com a descoberta da solidariedade porventura existente entre eles, roubou à metafísica a noção de casualidade; pela assimilação destas primeiras leis particularizadas por outras mais gerais, fez concebível o advento de uma lei única, após a sistematização científica, coroando-a e dirigindo-a, e dest’arte, tomou a si a aspiração à unidade, própria e grata à metafísica.

Na obra de Comte, em que o espírito científico culmina, e se volta sobre si mesmo, para a sua primeira crítica, o dogma fundamental é o dogma da experiência. A percepção sensorial é a única fonte e o último limite do conhecimento. E daí a negação da metafísica.

Spencer, na escala do racionalismo, orientado pela excelência do seu senso prático, foi o primeiro que reconheceu como falsa a oposição existente entre as formas complementares do nosso psiquismo – afetividade e inteligência – edificadas em religião e ciência. Entretanto, fiel

à tradição racionalista, ao preconceito anterior, a sua dicotomia universal – o Cognoscível e o Incognoscível – estabelece uma “cloison étanche” entre as duas. Sente-se já, contudo, a admissibilidade, ainda que num nível inferior, de uma realidade não submetida à ciência, não dominada pela Razão.

E, com efeito, “si la science s’empare à sa manière des choses et l’esprit humain, elle ne les prend cependant pas tout entiers. Nécessairement, l’être qu’elle s’assimile, et l’esprit humain, déborde les facultés intellectuelles qu’elle utilise. Pourquoi, des lors, l’homme n’aurait-il pas le droit de développer pour elles mêmes, celles de ses facultés que la science n’emploie qu’à titre accessoire, ou même qu’elle laisse plus ou moins inoccupées?”

Bergson responde à questão, reunindo tais faculdades na intuição como modo de conhecimento. Existem – afirma ele – “deux manières profondément différentes de connaître une chose. La première implique qu’on tourne autour de cette chose, la seconde qu’on entre en elle. La première dépend du point de vue ou l’on se place et ne s’appuie sur aucun symbole”.

Surge, assim, a primeira reação ao racionalismo imperativo do fim do século passado. E está fundado o intuicionismo bergsoniano.

Bergson, na opinião de Zum Felde, “representa “el primer movimiento definido de la conciencia occidental hacia el nuevo régimen, que, en su intuicionismo, se manifiesta como reacción inmediata contra el positivismo imperante...”.

Como observa W. James: “A vitória caberá, finalmente, àquela teoria do universo que der aos espíritos ordinários a impressão mais completamente satisfatória”.

Assim, a filosofia intuicionista, as filosofias da Ação (pragmatismo e outras), dantes limitadas a uma aristocracia intelectual, após a grande Guerra, mercê da consequente primazia da afetividade, de par com o neotomismo solicitado pela tradição religiosa, popularizaram-se, adquiriram força viva, entrelaçaram-se com o novo sentimento da re-

alidade.

Por outra parte, nos países latinos, só o neotomismo realmente vingou em todas as camadas sociais. Por isso que vinha satisfazer totalmente o vivo sentimento religioso de após-guerra, ao mesmo tempo que reatava uma secular tradição de culto.

Reafirmando o meu precedente ponto de vista, recapitulo:

O racionalismo faliu, no começo do nosso século, com a primeira reação, que foi de Bergson. Desse movimento filosófico, entretanto, não participou o comum das gentes. A Grande Guerra, evertendo para a grande massa a inflexível disciplina racional, através de uma quase hipertrofia da afetividade, conseguiu restabelecer uma relativa concordância entre a consciência filosófica dominante e a consciência coletiva. Concordância tão somente, no sentido de reação ao positivismo, em que se condensara a tradição racionalista, porquanto a onipresença da Morte, sobrepairando ao acaso da luta, ao mesmo tempo, singular e geral, despertou nos homens o sentimento religioso que, movido posteriormente pela tendência à fixação, e pela simpatia hoje promove e dirige o renascimento católico na latinidade.

Já que tratamos de intuicionismo, consideremos a questão que, a respeito, suscita Bertrand Russel, no seu ensaio “O Misticismo e a Lógica”. Pergunta ele:

“Existem dois modos de conhecimento que se possam chamar respectivamente Razão e Intuição. E, nesse caso, um deles é preferível ao outro?”

Bergson, como vimos, afirma a existência de duas maneiras de conhecimento, e mais – declara a razão detida pelo relativo, e só à intuição atribui o direito de aspirar ao absoluto.

A teoria de Bergson, contudo, como toda reação representa um exagero proporcional ao exagero que pretende corrigir.

Razão e intuição são faculdades complementares,

colocadas em antagonismo por uma falsa oposição. Com efeito, o predomínio temporário de uma ou de outra não constitui antagonismo entre elas.

Agora, na filosofia “del Novecientos”, a primazia cabe à intuição. Como diz Zum Felde, na sua admirável visão panorâmica da mentalidade moderna: “El nuevo régimen de conciencia trae, en el centro de gravitación de la personalidad y, jerárquicamente por encima del intelecto racional, a la Intuición. Pero no a la intuición como facultad cognoscitiva, como captadora de una realidad objetiva trascendente – al modo de Schellign, y hasta cierto punto al modo de Bergson – sino como experiencia, o, mejor dicho, como vivencia de una realidad espiritual immanente”.

Encarando sob este aspecto a mentalidade moderna, afirmava eu a insuficiência da lógica (da lógica racionalista), como fórmula de conhecimento considerando-o pelo duplo prisma da razão e da intuição.

O sr. Pasqualini não apanhou o meu pensamento. E escreveu:

“Não compreendemos porque o sr. Cirne Lima proclama a falência da lógica. Para que isso fosse verdade, seria necessário que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental”.

Contudo, nunca afirmei a falência da lógica. Ao contrário, em seguida aos períodos transcritos pelo sr. Pasqualini, como justificativa de seu comentário, lia-se isto: “efetivamente, a relação que equilibra dois conceitos num juízo continua imutável e imutável há de continuar”.

O sr. Pasqualini, porém, esqueceu-se de transcrevê-lo.

E vem imputar-me “a bancarrota de todas as ciências”, para depois, generosamente, justificar-me com uma confusão de termos.

Creio, entretanto, que, transcrevendo o período indicado, o sr. Pasqualini, não teria escrito a última parte de seu interessante artigo, fundada, toda, nessa lacuna de sua memória.

Diverge de mim também o sr. Pasqualini, quando afirmo a falência do racionalismo. Pois acredita que os homens voltem a preocupar-se “com os transcendentais problemas do universo, procurando resolvê-los (racionalmente) com mais serenidade e seriedade”.

Mas afirmo o contrário?

Não admite o jovem professor o abandono, a falência temporária do racionalismo, quando escreve no seu artigo: “Os homens preocupar-se-ão novamente?”

E quando digo falência, excluo, eu, a possibilidade da reabilitação?

Com isto, de minha parte e no que me toca, ponho termo à discussão, embora represente ela, para mim, uma deferência e um prazer.

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 7/09/1928)

A FALÊNCIA DO RACIONALISMO

Alberto Pasqualini

O sr. Cirne Lima perdeu a serenidade própria do filósofo, quando, no final do seu último artigo, deu a entender que lhe havíamos fraudado o pensamento, transcrevendo apenas parcialmente os períodos em que o explanara. Perdeu a serenidade, porque precipitou-se em imputar-nos uma deslealdade que jamais perpetraríamos. Melhor fora que tivesse procedido a um exame de consciência e a uma rigorosa análise das palavras que escrevera.

Poderíamos, sem dúvida, ter interpretado mal o seu pensamento; desejaríamos até que assim tivesse acontecido, para, reconhecendo o nosso erro, em tempo corrigir-nos. Infelizmente, porém, as suas afirmações lá estão, sem que nenhum de nós as possa agora modificar.

Nas ciências e na filosofia, os termos têm um sentido definido, tradicional, técnico, e, se os empregamos em outras acepções, cumpre fazer a devida advertência. O estilo do filósofo deve ser simples, preciso e conciso. O poeta, sim, pode e deve dispensar algumas dessas qualidades, porque seriam negativas, na sua obra e contraproducente no seu objetivo.

O poeta alimenta-se do paradoxo e da contradição; o filósofo, da lógica e da exatidão.

Se ousássemos afirmar que, no sr. Cirne Lima, o poeta supera o filósofo, não lhe faríamos nenhuma injúria; pelo contrário, deveria ser esse um motivo de legítimo desvanecimento, pois que, na opinião geral, muito mais vale um poeta do que um filósofo. E nós estamos com ela.

A censura que nos fez o nosso antagonista impõe-nos o dever de justificar-nos, e, para isso, torna-se necessária uma brevíssima recapitulação:

Asseveramos, em nosso artigo anterior, que o sr. Cirne Lima havia proclamado a falência da lógica. Contra isso insurge-se ele da seguinte forma:

“O sr. Pasqualini não apanhou o meu pensamento e escreveu:

“Não compreendemos porque o sr. Cirne Lima proclama a falência da lógica. Para que isso fosse verdade, seria necessário que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental”.

- Contudo, nunca afirmamos a falência da lógica. Ao contrário, em seguida aos períodos transcritos pelo sr. Pasqualini, como justificativa do seu comentário, lia-se isto: - “efetivamente, a relação que equilibra dois conceitos num juízo continua imutável e imutável há de continuar”.

“O sr. Pasqualini, porém, esqueceu-se de transcrevê-lo. E vem imputar-me a bancarrota de todas as ciências, para, depois, generosamente, justificar-me com uma confusão de termos.

“Creio, entretanto, que transcrevendo o período indicado, o sr. Pasqualini não teria escrito a última parte do seu interessante artigo, fundada, toda, nessa lacuna da sua memória”.

A nossa memória é inocente; as afirmações do sr. Cirne Lima é que são temerárias. E, para comprová-lo, vamos analisar e interpretar (quatenus ratio patitur) o trecho controvertido, reproduzindo-o integralmente.

Escreveu o sr. Cirne Lima:

“Com a falência do racionalismo, somos também forçados a admitir a insuficiência da lógica na explicação do pensamento moderno, pois que, na esfera das ideias puras, no sistema lógico, todos os fenômenos se distanciam da sua significação verdadeira, para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espírito”.

Como acentuamos em o nosso artigo, o sr. Cirne Lima atribui à lógica uma função que não lhe é própria. O objeto da lógica não é “de explicar” o pensamento e sim de estabelecer as condições formais de sua legitimidade. Isto é, de traçar-lhe as diretrizes, na investigação da verdade. A lógica adverte-nos, se uma conclusão é ou não congruente com as premissas, ou se a ela chegamos legitimamente

te. Nada, porém, nos pode adiantar sobre a sua veracidade ou falsidade, em relação ao mundo exterior, porque esta é uma questão de fato, que só pode ser decidida pela experiência.

Afirma ainda o sr. Cirne Lima que a insuficiência da lógica deriva do fato de, na lógica (sistema lógico) não serem os fenômenos expressos de acordo com a realidade, mas consoante o ponto de vista de cada um.

É absurdo o nexu causal estabelecido, porque se baseia em conceitos falsos e em falsos pressupostos.

O que entende o sr. Cirne Lima, sob a denominação de “racionalismo”, cuja falência apregoa?

“O racionalismo, explica ele próprio, citando Zum Felde, compreende os sistemas que colocam a razão em posição cêntrica, no sistema psíquico”.

Por consequência, na técnica do sr. Cirne Lima, “racionalismo, razão, esfera das ideias puras, “sistema lógico”, são expressões equivalentes.

E ousará ainda o sr. Cirne Lima negar de haver proclamado a falência da lógica, quando afirmou, peremptoriamente, que o racionalismo, isto é, a razão, a esfera das ideias puras, o “sistema lógico” faliram?

E continua o sr. Cirne Lima:

“A lógica, para sua supremacia integral, não dispensa uma realidade intermédia de que falamos e que se consolida nas instituições ou se mantém flutuante nas tradições secundárias ou preconceitos”.

O que é essa “realidade intermédia”?

Explica-o o sr. Cirne Lima:

“Havia dantes (anteriormente à guerra), entre o homem e a realidade física, um mundo formal intermediário. Fixo. Determinado. Esse é que desapareceu, que foi destruído, deixando-nos esse vago amargor, de um abandono, de uma deserção”.

Se a lógica, para sua supremacia, para sua “posição cêntrica”, postulava a existência dessa comprometedora

entidade intermediária, e se esta desapareceu, pelo efeito da guerra, “pela oposição direta do homem ao homem na luta das potências”, como diz o sr. Cirne Lima, como poderia a lógica subsistir?

O “mundo formal intermediário” do sr. Cirne Lima parece-nos ter acentuadas analogias com as categorias de Kant.

Kant, pela análise do conhecimento, descobriu nele uma série de elementos constantes, universais, necessários, que, portanto, não poderiam provir da experiência mas que deveriam constituir as condições internas desta. Espaço, tempo, unidade, identidade, que projetamos para o mundo exterior, não teriam, segundo o filósofo de Koenigsberg, existência objetiva, monumental, mas seriam moldes em que vazariamos todas as coisas, formas “a priori” das nossas faculdades cognoscitivas.

Segundo o sr. Cirne Lima, a conflagração, ou melhor, o “combate singular”, teria destruído esse mundo das formas “a priori”, isto é, haveria mutilado o nosso espírito, de modo que para o homem de hoje, espaço, tempo, princípio de identidade e de contradição não teriam mais sentido algum...

Para nós, o sr. Cirne Lima é um discípulo de Hegel, pois que saboreia, com verdadeira volúpia, o paradoxo e a contradição. Sabemos que um dos princípios fundamentais da lógica do grande filósofo de Stuttgart, era o da “identidade dos contraditórios”: o ser e o não ser são a mesma coisa.

“Efetivamente a relação que equilibra dois conceitos num juízo é imutável e imutável há de continuar. Entretanto não é a razão constante que determina e explica a progressão dos fenômenos. São as parcelas a que ela se soma, ou os fatores por que se multiplica.

Para o racionalismo, evidentemente, esse valor imutável condiciona a existência da Verdade, por isso que pela invariabilidade dela se aproxima”.

Se os fatos do mundo exterior têm no “sistema lógi-

co” uma expressão individual, como afirmara, pouco antes, o sr. Cirne Lima, a verdade não pode ter, evidentemente uma expressão única, mas essencialmente variável, de acordo com as “coordenadas de cada espírito”. E onde está, então, a invariabilidade e imutabilidade?

O sr. Cirne Lima contradiz-se, também, quando escreve:

“O renascimento católico, na sua parte “racional”, implica a renúncia, a fé absoluta, que são exatamente a negação do “racionalismo”.

É precisamente o contrário. A religião, na sua parte “racional”, é a afirmação eloquente do racionalismo, no sentido em que entende o sr. Cirne Lima, porque sustenta a capacidade da razão humana na explicação dos fundamentos da fé. A teodiceia e a teologia constituem um corpo de doutrinas, de princípios e de conclusões que pretendem ser essencialmente “racionais”.

Também se contradiz o sr. Cirne Lima, quando assevera que a guerra trouxe a falência da razão e o renascimento da filosofia tomista.

O neotomismo é a própria escolástica, rejuvenescida, enriquecida, adaptada às descobertas e ao progresso das ciências. Admite, como princípio fundamental, a aptidão do intelecto humano na investigação da verdade.

Não coloque o sr. Cirne Lima o cardeal Mercier na companhia de Bergson, se não quiser prestar severas contas ao Santo Ofício...

Contradiz-se, ainda, o sr. Cirne Lima, quando afirma que a mentalidade que surgiu após a guerra se caracteriza pelo seu aspecto de derrocada formal, de renúncia e de amargor, e, mais adiante, assegura que essa mentalidade segue o “caminho fecundo da afetividade” e que a obra cultural dos homens de hoje é de “realização” e de síntese.

Contradiz-se, novamente, o sr. Cirne Lima quando explica que o “espírito científico” avocou da antiga filosofia o conhecimento da coisa em si e depois declara que o espírito científico culminou na obra de A. Comte.

Comte jamais se reconciliará com o sr. Cirne Lima.

Contradiz-se, por fim, o sr. Cirne Lima, quando proclama “passim” que o racionalismo faliu com a reação do intuicionismo e, depois, adverte que a “razão e a intuição são faculdades complementares colocadas em antagonismo por uma falsa oposição”.

E, também, não é exata a afirmação do sr. Cirne Lima, a saber, que a mentalidade filosófica de após guerra é francamente intuicionista. Leia novamente, e com mais atenção, o único autor que era digno de ser citado, Bertrand Russell, e se convencerá do contrário. “Le Mysticisme et la Logique” é uma contradita violenta ao intuicionismo.

E basta de filosofia, que foi inventada para consolar os velhos e envelhecer os moços. “Primo vivere, deinde philosophari”.

Releve-nos, o culto antagonista, as acusações que lhe fizemos. E, para justificar-lhe os paradoxos, transcrevemos um trecho da obra de seu grande mestre:

“A indeterminação que temos aqui é a indeterminação imediata; não é a intermediação mediata, a supressão da mediação, mas é a imediatidade da indeterminação, é a indeterminação que precede a toda determinação, é o indeterminado, como ponto de partida do absoluto. É isto o que chamamos “ser”... (Hegel, Lógica).

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 13/09/1928)

RACIONALISMO E CATOLICISMO

Ruy Cirne Lima

Com o presente artigo, não exauro a declaração que encerrava o precedente. A polêmica que comigo vinha mantendo o sr. Pasqualini, está terminada e bem terminada.

Agora, outro é o assunto e, de certo modo, é outro o antagonista.

Há uma semana o sr. Pasqualini não conseguia ver senão o seu racionalismo. Hoje, o sr. Pasqualini não quer ver...

Trata-se de ver tão somente. Na sua magna parte, os meus anteriores artigos concitavam o sr. Pasqualini apenas – a ver, a constatar.

Ver – constatar dois fatos:

1º A falência do racionalismo.

2º O renascimento católico nos países latinos.

O sr. Pasqualini não discute mais a realidade de tais fatos. O seu argumento único já o não repete. E, razoavelmente, pois a Encíclica invocada, se afirma o abaixamento do nível religioso no mundo, não indica os termos de referência que lhe permitiram essa verificação. E demais a falência do racionalismo não se nega negando o renascimento católico.

O sr. Pasqualini não discute mais os meus argumentos, as minhas afirmações. Passou a discutir a obscuridade das minhas expressões, ou melhor, a apontar as minhas contradições.

Resumindo – o sr. Pasqualini abandonou o campo...

E ainda lhe dedico este artigo – à parte a admiração e a estima cordial, que me merece – faço-o por julgar do meu dever defender-me e defender a integridade do meu pensamento, agora como dantes.

Preliminarmente, entretanto, observo ao sr. Pasqualini que essa história de contradições está desacreditada, mesmo para as galerias.

Tomou, para tanto, a liberdade de o remeter ao livro didático de Carlos Vaz Ferreira (*Lógica Viva*, p. 9) onde, entre outras coisas verificará que “Es una de las falacias más comunes, y por la qual se gasta en pura perdida la mayor parte del trabajo pensante de la humanidad, la que consiste en tomar por contradictorio lo que no es contradictorio...”

O sr. Pasqualini não é um ironista. Nada obstante declara-me “discípulo de Hegel, pois que saboreio com volúpia a contradição e o paradoxo”. Fosse, de sua parte, o sr. Pasqualini discípulo de Montaigne, ou de qualquer de seus descendentes literários, e eu lhe daria como resposta estas melancólicas palavras de France, seu irmão na Razão: “Qu’est-ce qu’il en fait, le lecteur, de ma page d’écriture? Une suite de faux-sens, de contresens et de nonsens. Lire, entendre, c’est traduire”.

Como o sr. Pasqualini, decerto, não se considera discípulo de Montaigne ou de France, vejo-me obrigado a longas digressões inevitáveis, para justificar-me aos olhos de todos, e explicar-me a seus olhos.

Enumerarei, portanto, as contradições que me atribui o sr. Pasqualini, assinalando-lhes o ponto capital:

- 1) a insuficiência da lógica e a sua bancarrota;
- 2) o renascimento católico e o racionalismo;
- 3) o neotomismo e o racionalismo;
- 4) renúncia e realização, na mentalidade moderna;
- 5) o espírito científico e a coisa em si;
- 6) o racionalismo e o intuicionismo;
- 7) o intuicionismo na mentalidade de após-guerra.

Enumerarei, correspondentemente, as alegações que me cabem contra o juízo crítico do sr. Pasqualini.

1) Diz o sr. Pasqualini que, interpretando lidimamente o trecho já transcrito e discutido do meu primeiro artigo ressalta a minha intenção de afirmar a falência da lógica.

É impossível interpretar qualquer afirmação, entretanto, desviando-se da linha central, ao redor da qual gravitam todas.

Assim, nos meus precedentes artigos, que o sr. Pasqualini não ignora pois que os contesta, estabelecia eu a dualidade de pontos de vista, que se exige para uma visão total da mentalidade moderna.

De acordo com essa preliminar, o meu primeiro artigo encarava o problema religioso pelo lado vulgar, deixando ao segundo a explicação e a fundamentação do que se denomina a falência do racionalismo – movimento filosófico concomitante, mas autônomo. Ambos, pois, complementavam-se como apanhado panorâmico da mentalidade moderna.

Ora, do ponto de vista filosófico, afirmando a insuficiência da lógica, fi-lo apoiado no fato de que, admitidas duas maneiras de conhecimento, deixava de ser obrigatoriamente admissível o predomínio forçado da Razão. E, para tanto, vali-me da obra de Bergson e, incidentemente, me servi de algumas palavras de Bertrand Russell.

No meu primeiro artigo, contudo, derivava eu a insuficiência da lógica, também, da não concordância entre os fundamentos dos sistemas éticos vigentes e as novas condições morais do indivíduo e da sociedade, após a Guerra. Insuficiência de lógica, enquanto integrante de um sistema, cujas bases ruíram, e não da lógica-método, como julga o sr. Pasqualini.

O mundo formal intermediário, a que me referi, e no qual descobre o sr. Pasqualini irônica semelhança com as categorias de Kant, - dizia eu - “ou se consolida nas instituições ou se mantém flutuante em tradições secundárias e preconceitos”. Referia-me, assim, e tão somente, aos sistemas morais, abalados pela Guerra.

Fiel ao plano traçado, se no meu segundo artigo, afirmava eu a insuficiência da lógica como fórmula única de conhecimento, depois do surto filosófico da intuição, no meu primeiro artigo, dizia eu, também, da insatisfação em que nos mantinha a lógica, como integrante de uma ilusão da realidade, nos sistemas morais de bases abaladas.

Deixava, pois, intangível a lógica, como meio de “estabelecer e verificar as condições da congruência e da não contraditoriedade do pensamento consigo “mesmo”.

2) Diz o sr. Pasqualini – “A religião, na sua parte racional, é a afirmação eloquente do racionalismo, no sentido em que o entende o sr. Cirne Lima, porque sustenta a capacidade da razão humana, na explicação dos fundamentos da fé”. A teodiceia e teologia constituem um corpo de doutrinas, de princípios e conclusões que pretendem ser essencialmente racionais”.

Estamos certos, o sr. Pasqualini e eu.

Dizia eu, do ponto de vista do neoconverso: “A religião, na sua parte racional, implica a renúncia, a fé absoluta, etc.”.

O sr. Pasqualini sustenta o oposto, mas do ponto de vista da teodiceia e da teologia:

Como explica Jacques Rivière: “L’Église prétend tenir la vérité. Donc, si elle est logique avec elle même, elle est obligée de demander une croyance aveugle à ceux qui n’ont pas (e também aos que “ainda” não tem) les moyens de s’en créer une motivée et raisonnée”.

3) Diz o sr. Pasqualini – “Também se contradiz o sr. Cirne Lima, quando assevera que a guerra trouxe a falência da razão e o renascimento da filosofia tomista”.

Vejamos.

É preciso não esquecer os pontos centrais da minha exposição: a falência do racionalismo e o renascimento católico.

Falando do primeiro, com o apoio de Zum Felde, dizia eu que Bergson representava a primeira reação definida contra o intransigente racionalismo anterior.

E como se tratasse, não de provar a bancarrota da Razão, porém de constatar que a Razão não esgota o conhecimento, afirmei que o intuicionismo bergsoniano abria a falência do racionalismo. Não discuto os exageros de Bergson, bem importa discuti-los.

Falando do segundo (do renascimento católico) asseverava eu que a Guerra, pelo medo e pela dor, condicionara o predomínio absorvente da afetividade, que se limita para satisfazer-se, ou na religião ou na estética, ou em ambas, sobrepondo-se, em todo caso, à Razão.

Assim os fenômenos indicados – a falência do racionalismo e o renascimento católico – embora convergindo nos seus efeitos divergem, profundamente, nas suas causas.

A falência do racionalismo é um fenômeno de ordem intelectual. Constatado que o conhecimento excedia a Razão, não havia mais motivo para mantê-la, na sua posição de centro da vida psíquica.

O renascimento religioso é um fenômeno de ordem moral. Começa com a Guerra. É, portanto, um fruto do monstruoso conflito que abalou e transtornou as condições morais estabelecidas do indivíduo e da sociedade.

Pois a convergência desses dois fenômenos, no tempo, se deve a incidência do neotomismo, no problema filosófico-religioso.

A vulgarização do catolicismo, como norma religiosa parece indicar, no campo da filosofia, a aceitação e a voga do neotomismo. Porque o neotomismo, ainda recentemente, - no último quartel do século passado - procurava acomodar, na Escolástica, a mentalidade de então, mantendo, assim, com as armas do tempo e no campo adequado, o domínio da Igreja.

“Assim” - dizia eu - “a filosofia intuicionista, as filosofias da Ação (pragmatismo e outras) dantes limitadas a

uma aristocracia intelectual, após a Grande Guerra, mercê da conseqüente primazia da afetividade, de par com o neotomismo, solicitado pela tradição religiosa, popularizaram-se, adquiriram força viva, entrelaçaram-se com o novo sentimento de realidade”.

Evidentemente, aproximar o neotomismo do intuitivismo, como concorrentes, seria contra senso e mais – seria negar implicitamente a falência do racionalismo.

Eu não o fiz, porém. Acentuei, tão somente, a vulgarização accidental do sistema (tradição religiosa) e o seu entrelaçamento com o novo sentimento da realidade (senso religioso).

Firmemos outro ponto, já que dele nos aproximamos:

O neotomismo é um sistema filosófico, como outro qualquer e não escapou aos prejuízos do racionalismo. Não se diga, portanto, que, convertendo-se ao catolicismo, é impossível fugir ao neotomismo. Não se formula ao neoconverso dilema nenhum – converte-se e não aceita o neotomismo, converte-se e aceita o neotomismo, converte-se e continua desconhecendo o neotomismo para toda a vida.

Não somente com relação à massa vulgar. Tristão de Athayde, o notável crítico, recentemente convertido ao catolicismo, duas semanas atrás, confessava: “Para aqueles que nunca se arriscaram pelos meandros sutis da neoescolástica, ou do tomismo, entre os quais me considero, etc.”

4) Diz o sr. Pasqualini – “Contradiz-se o sr. Cirne Lima quando afirma que a mentalidade que surgiu após a guerra se caracteriza pelo seu aspecto de derrocada formal, de renúncia e amargor, e mais adiante que essa mentalidade segue o caminho fecundo da afetividade, e que a obra cultural dos homens de hoje é de realização e de síntese”. Não vejo contradição, nem aparente, entre a atitude de ascetismo espiritual, de renúncia e amargor, e a atividade construtiva de nossos tempos. Mesmo a dor se realiza.

5) Diz o sr. Pasqualini – “Contradiz-se novamente o sr. Cirne Lima quando explica que o espírito científico avocou da antiga filosofia o conhecimento da coisa em si e depois declara que o espírito científico culminou na obra de Augusto Comte”.

Escreve Boutroux: “Ainsi s’est adaptée aux choses, et définit scientifiquement, à travers de tâtonnements sans nombre, l’antique aspiration de l’esprit philosophique à la connaissance de l’être en soi de la substance permanente des choses”. (Science et Religion, p. 349).

Resumia eu “O espírito científico, como largamente explana Émile Boutroux, definindo “pela elaboração dos dados, da experiência”, o objeto na sua forma estável, avocou da antiga filosofia o conhecimento da coisa em si, etc.”

Onde, pois, o conhecimento da coisa em si, senão analogicamente?

6) O sr. Pasqualini entende que falência é eliminação. E nota uma contradição no fato de eu afirmar, simultaneamente, a falência do racionalismo e a coexistência complementar da razão e da intuição. Recordo-lhe estas palavras minhas: “Com efeito, o predomínio temporário de uma ou de outra não constitui antagonismo entre elas”.

A Razão ocupava o centro da nossa vida psíquica. Deixou de ocupá-lo – isso é o que se denomina a falência do racionalismo.

7) Diz o sr. Pasqualini – “E também não é exata a afirmação do sr. Cirne Lima, a saber, que a mentalidade filosófica de após guerra é francamente intuicionista”. E aconselha-me a leitura atenta do ensaio de Bertrand Russell, incidentemente citado no meu artigo para explicação da doutrina de Bergson.

Ora, o intuicionismo, a que hoje se atribui a primazia na mentalidade moderna, não é o de Bergson e Shellign, criticado no ensaio de Bertrand Russell.

Lá estava no meu artigo este trecho da “Esthetica del Novecientos”, de Alberto Zum Felde:

“El nuevo regimen de consciencia trae, en el centro de gravitación de la personalidad, y jerarquicamente, por encima del intelecto racional, a la intuición. Pero no a la intuición, como facultad cognoscitiva, como captadora de uma realidad objetiva transcendente – al modo de Shellign, y hasta cierto punto al modo de Bergson – sino como experiencia, o mejor dicho, como vivencia de una realidad espiritual inmanente”.

O sr. Pasqualini enganou-se novamente.

Constato afinal, com viva pena, que o sr. Pasqualini – à parte Bertrand Russell, o “único autor digno de ser citado”, não reconhece a autoridade de Bergson (posto que através de Russell), William James, Émile Boutroux, e outros menores, igualmente citados por mim...

E ponto final,

(Diário de Notícias, Porto Alegre, 15/09/1928)

IMAGENS DAS PUBLICAÇÕES

A éra de Leviathan

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

Estudando a forma democrática do Estado actual, sentimo-nos inclinados a contrastá-la com os vários sistemas políticos, que directa e integralmente se lhe opõem.

Entre eles, ao morrer da Renascença, encontramos a teoria da autoridade — primeira realização do direito natural — fazendo derivar do alto, a autoridade do governante e da autoridade deste o Estado. Do alto, isto é — de um mandato divino, conforme a crença da Igreja, ou de uma tradição patrimonial, conforme o espírito do feudalismo.

Debitos de semelhante absolutismo, contudo, ainda é o povo o fundamento da autoridade. Ainda é o povo que governa o povo.

Estienne de La Boétie, que foi amigo de Montaigne e nos legou um admirável "Discours de La Servitude Volontaire", já o havia notado e também explicado: — Os tiranos, não são as armas que os mantêm, sinão os cinco ou seis indivíduos que os rodeiam, "pour estre les complices de ses cruautés, les compaignons de ses plaisirs, maqueareux profitent soubz eux... ces six cents tiennent soubz euxsix mille... et qui voudra s'amuser a dévuidier ce filet, il verra que, non par les six mille, mais les cent mille, les millions, par cette chorde se tiennent au tyran, s'aydant d'icelle..."

Tanto a tirania, como o Estado democratico, repousam, pois, sobre o mesmo fundamento, o mesmo animal politico — o homem. Nele se entrelaçam os complicados fios, que unem e movem os povos...

É, portanto, no cidadão de hoje, como no vasallo de ontem, que se esconde o segredo generoso das formas politicas. Dele, quanto poderemos saber!

Encaminhamo-nos, de facto, para o Estado ideal de Bluntschli? Confundir-se-ão verdadeiramente o Estado perfeito e a humanidade, como acreditava Platão?

Entretanto, o Estado é, antes de tudo, uma formação cultural. E é precisamente o elemento de cultura, dentro do qual fecundamente se modelam as instituições, que falta a alguns dos velhos sistemas politicos, de par com a estabilidade, que semelhante falta, lhes arrebatava.

"Le corps de l'Etat doit imiter le corps de l'homme". Para o Estado, contudo, — corpo formado de

celulas isoladas — a vida é concomitancia da cultura.

Não é preciso esforço para admittir que, no sentido do campo propiciatorio, onde estejam reunidas todas as condições favoráveis a certo desenvolvimento, o vocabulo cultura tanto pode designar um meio alcalino em relação a uma celula viva, como a cultura de uma nação em relação ao Estado.

Segundo, porém, as experiencias de dr. Carrel, verificaram-se já "estranhas regressões, que degradam, moralmente — poder-se-ia dizer — os tecidos de ordem superior, quando, destacados do corpo humano e vivendo com vida propria em meios de cultura, não mais preenchem, numa colectividade, funções superiores, musculares ou nervosas".

Poder-se-á estender a teoria do Estado a lição do laboratorio?

G. de Pawlowski entende que sim. E desde logo, descobre na moderna concepção do Estado a forma latente do Leviathan, o monstro politico do futuro.

O Leviathan de Hobbes nasceria, no seu tempo, do absolutismo imperante. O Leviathan de Pawlowski nasceu no seculo da democracia. O que, aliás, não basta para diferencial-os...

Para descrever o seu dragão, G. de Pawlowski compara-o a certos polpos marinhos, colonias de indivíduos polimorfos, parecendo exteriormente animaes maiores e mais complexos.

A propria palavra leviathan, segundo Vossius, deriva do hebraico "lavah", que significa — ajuntado, composto.

A principio, portanto, semelhante animal deveria ser tomado por um super-homem. A pouco e pouco, porém, far-se-ia sentir o peso da sua existencia, duramente repartido por milhares de vidas obscuras.

E os seus inconvenientes, a aparecerem, appareceriam, sob o triplice aspecto da moral, da economia e da politica. Sem falar na forma juridica, que lhe fixaria a estrutura.

Do ponto de vista economico, a sociedade de amanha, encampada pelo Estado monstruoso, e composta de indivíduos especializados exclusivamente, abrigaria uma nova servidão, — a servidão industrial, ligando o operario á sua função, á sua maquina.

Pelo lado espiritual, a intensa e complexa divisão do trabalho material — forçado — por meios varios, permitiria olhos mais longos,

e com eles, a intensificação da vida intelectual, abrindo horizontes metafisicos para as pupillas cansadas do limite rectilineo.

Breve, porém, cessariam, na serrenidade de uma formula, religiosa, ou cultural, a inquietação vibratil e as angustias do espirito entregue a si mesmo.

E já, o velho animal politico se teria ajustado integralmente ás curvas inflexiveis da nova disciplina social, abdicando da harmonia do conjunto, a troco de um equilibrio particularizado, de uma felicidade estrita e vitalicia.

O que nos interessa, entretanto, é saber em que pontos da nossa organização individual ou politica se presente já o monstro, sob a apparencia normal.

Pawlowski assinala-os conclusivamente, todos de ordem espiritual. De um lado, a inquietação filosofica, doutro a angustia estetica. Ambas, consequências da evasão formal, em que importou a Grande Guerra. Ambas, prenuncios do Leviathan.

Principalmente, contudo, o lado estético. A arte perdeu o seu universalismo, a sua parte de infinito. Particularizou-se. Admitiu, nos seus dominios, o tempo, que tudo divide e fragmenta. Deixou-se levar ao sabor das horas silenciasas...

Hoje, Dorian Gray, o simbolo puro da beleza, teria idade, envelheceria.

Assim, a arte, que — ela só — nos realiza totalmente, revela-nos — ela só — também, totalmente a nós mesmos.

Socrates, num dos dialogos de Platão, descreve a Glaucon a governa, em que os homens assistem ao espectáculo das sombras, acorrentados, de costas para a luz. E indaga:

"Si um dos captivos é libertado das suas correntes, e é forçado a levantar-se, em seguida, e a voltar a cabeça, e a caminhar e a olhar para o lado da luz; si, fazendo taes movimentos, ele sente grandes dores, e o ofuscamento dos seus olhos, o impede de distinguir os objectos, de que ele antes via as sombras, que pepas tu que responderia, caso lhe dissessem que, até então, ele não vira sinão fantasmagoras; que presentemente, mais proximo da realidade e voltado para objectos mais reais, ele vê com mais justeza?"

Assim, também, si nos voltarm, a nós, captivos do presente, para a luz liberta do futuro...

Ruy CIRNE LIMA.

O APÓS GUERRA

Ruy Cirne Lima é uma das afirmações mais impressionantes da jovem mentalidade sulrioandense. Muito moço ainda, seus trabalhos literários revelam uma original força de pensamento e uma rara elegância de estilização. Sendo, constatarem os leitores, no seguinte artigo que, DATA VENIA, transcrevemos dos brilhantes confrades do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de Porto Alegre:

Existe uma mentalidade de após-guerra?

Diz-se que sim, com a mesma frequência com que se o pergunta. E na verdade, a Guerra erveceu, num vendaval da barbarie, todo um equilíbrio feliz, que nos libertava do nosso lado político (no alto e bom sentido), para entregar-nos ao puro intellectualismo e á pura estetica. G. Pawlowski afirma que "le but de tout être humain (la raison d'être de toute civilisation) est de diminuer ou de supprimer par tous les moyens possibles la somme de travail forcé imposée par les besoins de notre nature physique, pour acquérir le loisir c'est á dire la possibilité du travail libre, auquel notre être moral aspire". E sem forçalo pôde se estender o seu pensamento ás necessidades de ordem politica, que si não derivam da nossa natureza física, decorrem organicamente da existencia do Estado.

Agora, velhas angustias despertadas vieram juntar-se ás que já nos angustiam.

E demais, a nossa vida, que tomara por testemunhas a Ironia e a Piedade, fiel ao conselho anatoliano, passou a ser vivida diante da morte. Passou a ser pensada na sua significação definitiva, e considerada também e prin-

cipalmente pelo seu lado occulto e doloroso.

Foi como um castigo que viesse punir um scientismo desdenhoso, o qual explicando-nos as realidades immediatas, nos parecia capaz de explicar o universo. Foi como um castigo para a nossa fome de absoluto, que aspirava ao absoluto como uma inercia terminante, de que resultaria um saldo intensivo a favor de aspirações mais altas.

Foi como um castigo... A Guerra rompeu ás barreiras conceituaes. E espraiou a sua onda de fogo e sangue. E refluiu, deixando um vácuo como uma ferida... Um vácuo que a duvida veio encher, e talvez aprofundar, como uma caudal erosiva. Everteram-se etica e esthetica, economia e politica. E nesse mundo plastico, começou a vincar-se um silencio humilde, marcando novos limites, tentando reconduzir valores e fórmulas.

E é essa humildade vencida, e de ordem puramente intellectual, que vemos agora assimilada pelo sentimento religioso. Nietzsche pregava o senso da terra. A Guerra impoz-nos o senso da morte.

O catolicismo apparece, agora, como a fórmula mais pura desse restabelecimento, desse reserocar de fórmulas em colisão. Já em 1893, Charles Richi recolhecia a vitalidade do neo-tomismo de Mercier, que "peut faire entrer dans ses cadres les recherches contemporaines de la physiologie et de la psychophysique, dans faire aucune concession".

Vem da profundidade desse sentimento religioso que procurou e encontrou

uma expressão totalista, o que os norte-americanos chamam, pela boca de um dos seus, de "retorno do medievalismo".

Sim, a fórmula integradora exprime, talvez, um retorno, porque corresponde a uma tradição de culto, mas os elementos assimilados são outros, e o ambito da assimilação é infinitamente mais vasto.

Podese dizer que seja essa uma mentalidade de após-guerra? Certamente que sim, mais não enquanto a nós. De facto, nós vivemos, com a gente do mundo velho esta hora de inquietação. Mas a guerra veio até nós, como vem a literatura: escrita. Antes dos nossos, frentiram os nervos do telegrapho, de catastrophe em catastrophe.

E a nossa mentalidade, no seu sentido mais profundo e duradouro, si valeu para libertar-se do instante de disponibilidade, em que a deixara a Europa, não é por isso nem concomitante, nem decorrente da mentalidade europea.

"Europe has rotted at the last into the Grave they called America".

Na verdade, temos também a nossa duvida e a nossa inquietação essenciaes. Porém, tão differentes...

Para fechar, não posso deixar de lembrar a observação de um brasileiro: Depois da guerra, as mulheres fúteis se fizeram boas raparigas... Não não ter sentido, ao fim desta pagina, mas foi escripta e apontada como característico de uma mentalidade de após-guerra.

RUY CIRNE LIMA

Vinho lodophosphatado de Werneck

Poderoso tonico -- combate o rachitismo, anemia, tuberculose, esgotamento nervoso, etc.

OURIVES, 5 - 7

RIO DE JANEIRO

Novo renascimento

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

Quatro séculos de cultura revaram quatro annos a desaparecer. Quatro annos de embate continuo, a que sobrepalla, porém, a multiplicidade infinita dos processos e tacticas, empregados para mantelo, no seu irreductivel antagonismo.

E essa variedade sinistra de meios igualmente efficazes para defender e atacar, proteger e destruir, si caracteriza a ultima grande guerra, differencia e assinala, tambem, o periodo historico que a precedeu.

Estudando as tendencias dominantes, que, na arte e no pensamento, dirigiram os nossos avós, no ultimo quarto do seculo pasado, notaremos a mesma variedade, a mesma fragmentação perniciosa, — o mesmo espirito de analyse, que um simples microscopio poderia symbolizar.

Ainda não são poucos os que perfilham as idéas e a convicção scientista daquelles, que, antes de nós, sablamente decompuzeram o mundo e o homem, buscando na particula infinitissima o segredo do todo. Perdura, pois, ainda a illusão de que a analyse — embora seja o opposto de todos os processos vitaes — tenha solvido os problemas do mundo, quando, de facto, sómente nos forneceu os elementos de um mundo sem problemas.

E' portanto, do contraste entre duas formas coexistentes, que nasceu e se desenvolveu a mentalidade nova. O choque de uma corrente antagonica definiu, poliu e affirmou um pensamento novo. Não obstante, subsistirem todas as conquistas da sciencia e se aperfeçoarem cada vez mais os methodos desta, modificaram-se inteiramente as linhas geraes da nossa vida espiritual.

Voltamos as costas á unidade do mundo fisico — atomo, monada — para nos voltarmos e encaminharmos para essa unidade mística, em que convergem, na expliação do universo, não só as sciencias, como as religiões.

Ansia totalista, pois, esta que a guerra despertou em nós, inculcando-nos, a fogo e sangue, a omnipresença da morte.

Devemos á guerra a derrocada formal, em que se esborçoaram todos os systemas, lançados como pontes sobre o misterio, e dolorosamente construídos com as aspirações mais altas e os mais puros pensamentos dos homens de honrem.

A morte tomou o que lhe pertencia... E nós sabemos que todas as ideologias lhe pertencem, por isso que a aceitamos.

Abro, ao acaso, um livro de impressões de guerra. Livro innocente e cruel.

"La flamme au poing" — "Prix Goncourt 1917" — Henri Malherbe". — E loto.

"Nos rares pensées ont des lignes pures, simples, un sens ingénu, direct.

Et l'action a chassé la mélancolie".

Existe nestas palavras, após o quadro ciclopico de um bombardeio, um sabor de insensibilidade criminosa, de sinistra perversão. Entretanto, nellas tudo é pureza. Pureza... Essa limpida virgindade de alma, a que afloram e onde irrompem os instintos. Lêde:

"En l'ame tout limpide et sans profondeur, inodore et docile, une eau répandue sur un vaste espace".

E adiante:
"L'instinct de chasse et de conservation, quelques idées précises et dépourvées, des sens purs clairs et pénétrants nous habitent, et seuls nous dirigeant".

Não salmos, portanto, de uma complicada e obscura elaboração psicologica, sino de um ambiente de luminosa clareza, em que tudo era misterio e onde o misterio era a plena luz.

E ficou em nós um fundo de contemplação, de scisma extasiada. A esperança, a espera do momento subtil, em que as formas se purificam na nitidez de um largo e sereno horizonte espiritual.

A margem de uma agua limpa e calma, ao longo do que ha de mais profundo e espontaneo em nós mesmos, a nossa autocracia é um reflexo. A nossa prova, somos nós. Identidade Evidencia.

O nosso problema é o problema das formas.

E ao nosso caso — ao caso brasileiro — adaptam-se as palavras do Gregorio de Heimburg, o longinquo precursor do humanismo allemão: "Não consiste o summo bem em amontoar como as abelhas materiae dispersos, mas em apredermos-a a falar por nós mesmos, como aquelles vermes que tiram a seda de suas proprias entranhas".

De facto, os nossos artistas, desprezando a espalhada, a multiforme expressão cultural anterior, embrenharam-se no matto virgem, buscando as idéas lineares e as penetrantes sensações dos primitivos.

Entretanto, a coexistencia de tres troncos etnicos, e portanto de tres linhas de cultura, desvirtuou-lhes os esforços, desviando-os do unico central da latindade, ao longo das tradições do amerindio, ou das superstições do negro.

Primitivismo não significa maldicação. Equivale, á verdade, a expurgar, despojar, voltar á expressão primitiva, á antiguidade simples e reveladora... Porém, de expurgar a adibora, o passo é immenso... Contudo, nada perde com isso e em nada se modifica a tendencia principal — de angustiada procura de formas novas — que orientava e propelia semelhante corrente estetica.

E ella só importa...

Por sobre a inquietação das formas esteticas, abrev-se tambem, com a mesma terrivel definição, o nosso horizonte espiritual, definido, longe, na linha pura da morte.

E', decerto, a essa abandonada quietação, que devemos a amplitude nova da nossa visada, e é ella, com certeza, que nos permite approximar da curva extrema do ser as nossas idéas mais chegadas e os mais ephemeros debates do nosso pensamento.

A morte envolve tudo. E' como uma franja de sombra, no contorno dos objectos batidos pela luz. E' destes, cada qual parcos, ainda viver por si na sombra anterior. No misterio germinal, que era no proprio...

Basta um minuto, para que a sombra irradie das cousas, e as apague novamente, na incerteza nocturna.

O mais puro dos nossos poetas — Augusto Meyer — conta:

"Uma nuvem passou.

Toda a casa mergulhou no halo negro da sombra, na penumbra do outro mundo".

Ha, entretanto, trezentos e muitos annos entre nós e Montaigne, que dizia:

"Il faut oster le masque aussi bien das choses que des personnes, osté qu'il sera, nous ne trouverons au dessous que cette mesme mort".

A nossa época inaugura, pois, uma nova Renascença. Della poderemos dizer o que diz um historiador da antiga Renascença: "...Olha-se este periodo intermedio como uma época distinta e de caracter proprio, e como tal lhe tem sido dados os nomes de época da Renascença. Isto é, do novo nascimento da antiguidade na arte, na sciencia e na vida, e de época das Humanidades, ou seja da educação, do desenvolvimento completo da capacidade e aptidões exteriores e interiores do homem".

Ruy Cirne LIMA

RENASCENÇA CATÓLICA

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

A Alberto Pasqualini

O papel da Guerra, no drama das idéas, é, na verdade, mais intenso e mais esteso do que o supomos.

A mentalidade que surgiu após a conflagração mundial, caracterizada-se pelo seu aspecto negativo, de derrocada formal, e, ao mesmo tempo, de renascença e amargor.

A Grande Guerra teveu a limitação racionalista, pela irrupção de instintos, de tendências occultas, que dormiam no fundo do ser, substituídas e como que suprimidas pelo habito — então unica disciplina da acção.

Havia dantes entre o homem e a realidade physica um mundo formal intermediário. Fixo, determinado. Esse é que foi destruído, esse é que desapareceu, deixando-nos este vago amargor de um abandono. De uma desercão.

Essa construção que complementava todas as nossas construções ideologicas, desapareceu com a opposição directa do homem ao homem, na luta das potencias. A lei social caiu ante o facto singular do combate de que outrora se originara. A Guerra, pois, representa uma regressão ao estado primário, em que o debate psychologico criava os primeiros conceitos e a luta social condicionava o surgimento do Estado.

Semelhante retorno, porém, ao invés de fazer-se em absoluto fesse em relação a nossa cultura adquirida, e ao longo della. O facto de existirem bibliothecas e de haver pessoas que acreditem em Haeckel não significa que o livro seja a expressão da Verdade, ou que o transformismo retenha o segredo do mundo.

Houve retorno. E este tanto mais facil de verificar quanto é facil cotear-o com elementos existentes, quaes sejam as principaes directrices da mentalidade de antes-da-guerra.

Com relação a extensão dos efeitos da Grande Guerra, como phenomeno historico, basta lembrarmos-nos de que assistimos á falencia do racionalismo, a que antiheticamente se oppõe o sentimento religioso, dominante no pensamento moderno. Ao bruceo largamente do ambito da psychologia. E da esthetica. Etc.

Não existe tal sentimento religioso? A não ser por que, entretanto, como explicar os recentes e multiplos movimentos de renascimento religioso?

Pelo racionalismo, deserto não. O renascimento catholico, na sua parte racional, implica a renuncia, a fé absoluta, que são exactamente a negação do racionalismo. E com a falencia deste, somos, tambem, forçados a admitir a insuficiencia da logica, na explicação do pensamento moderno, pois que, na esphera das idéas puras, no systema logico, todos os phenomenos se distanciam da sua significação verdadeira, para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espirito. A logica, para a sua supre-

macia integral, não dispensa essa realidade intermedia, de que falamos, e que se consolida nas instituições, ou se mantem fluctuante em tradições secundarias e preconceitos. Effectivamente, a relação que equilibra dois conceitos não juizo continua immutavel, e immutavel ha de continuar. Entretanto, não é a razão constante que determina e explica a progressão dos phenomenos. São as parcelas a que ella se somma, ou os factores por que se multiplica. Para o racionalismo, evidentemente, esse valor immutavel condiciona a existencia da Verdade, por isso que, pela invariabilidade della se approxima. Para o pragmatista, ao contrario, a verdade está na realização mutavel, na forma viva da realidade.

A mentalidade moderna, contudo, não participa nem do racionalismo, nem do pragmatismo. Escolheu o caminho fecundo da affectividade, e, dirigida por instintos e tendencias, ainda não consegue definir-se. A primazia no pensamento moderno cabe, pois, á esthetica, em opposição á logica. A obra cultural dos homens de hoje é de realização e não de pesquisa — de synthese e não de analyse.

A logica voltará a satisfazer-nos tansomente quando a esthetica houver acabado a sua construção. A reconstrução desse mundo formal intermediário, que completa a nossa architectura ideologica.

É erroneo suppor que tal resurgimento religioso seja unico, na evolução cultural da humanidade.

A Reforma Religiosa começa, onde acaba o humanismo allemão. E Hussien, Reuchlin e Heimbürg foram, de certo modo, seus precusores.

L. Geiger, na Historia Universal de Oncken, commenta destarte o sentimento religioso do povo allemão:

“Os escriptores italianos da Renascença manifestavam com frequencia grande surpresa ao noíarem a fé religiosa dos allemães, que della faziam gala em seus escriptos... existia uma fé religiosa avassaladora, como demonstram os monumentos que produziram em logares insignificantes e que custaram sommas immensas...”

Pódo ser que cheguemos ao resultado, a que chegou a Allemanha, com a Reforma religiosa. Por agora, entretanto, só nos compete assignalar a phenomeno, e approximal-o analogicamente de seus pontos de referencia historicos.

É tambem errado imaginar que nós americanos não tenhamos participado, espiritualmente ao menos, do conflicto europeu. Se-

ria exagerrar o valor da limitação geographica. E sobretudo, attribuir-nos uma autonomia espiritual, que não possuímos. E nunca ninguém possuuiu, por isso que a idéa de generalização, inherente á cultura, é a negação de todo particularismo.

Que importa, si a Guerra nos veio através do telegrapho?

Nem por isso foi menor a influencia por ella exercida. Ao contrario, livres das preoccupações materias que a intronissião directa no conflicto não traria, só o nosso espirito trabalhava, angustiadamente...

Poder-se-ia até dizer que, espiritualmente, a influencia da Guerra foi mais intensa, aqui no allemã...

Bastaria lembrarmos os successos occorridos, nesta nossa linda e leal cidade.

Não val a pena, entretanto...

Com relação á existencia efectiva de uma nova mentalidade, em que se affirmam os caracteristicos apontados, podemos destacar — na Inglaterra, Bertrand Russell, na Franca, Jacques Maritain e Henri Massis. E no Brasil, Jackson de Figueiredo, Renato Almeida e Tasso da Silveira. E no Rio Grande do Sul, Armando Pereira da Camara.

Bertrand Russell não é um apologeta do catholicismo. Mas a sua obra comprova, fartamente, os conceitos expostos sobre a mentalidade de após-guerra.

E eis como Henri Massis, nos seus “Jugements”, explica-nos o christianismo:

“La force du christianisme, tout d'abord, c'est qu'il est “un principe de contradiction”. Ses exigences, en apparence demesurées et déraisonnables, sont les seules dependant qui soient réellement à la mesure de nos forces et de notre raison. Elles ne mettent rien, elles appellent à l'homme tout entier: son intelligence, sa volonté, sa sensibilité; elles nous obligent à un état permanent de mobilisation contre les passions et les douces faciles.”

Considere-se o estado de primitivismo, de nudez espiritual, a que a luta fez regressar o homem (Le guerre dépouille son homme. Le naturel, avec ses défauts et ses qualités se montre nu. Chacun vous colle sous le regard son individualité. — Henri Malherbe — La fiammo qui puing) pessim-esp, no mesmo caso brasileiro, as rufes de sympathia (no alto sentido) e as tradições de culto, e chegar-se-á á conclusão inevitavel de que se explica e justifica entre nós tambem a renascença catholica.

Não importa indagat quaes sejam os seus beneficos, ou consequencias finestas.

Innagavel, contudo, é que ella se faz.

Ruy Cirne LIMA

A mentalidade de após guerra

(A propósito de um artigo)

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

Quem poderá negar as consequências materiais e morais da grande calamidade que se desenhava sobre o Velho Mundo, em 1914? Ningum, por certo, porque, em verdade, todos os sentimentos, belligerantes e neutros, vencidos e vencedores, sentiram-nas os Estados, como unidades politicas internacionais que viram a sua soberania diminuir; sentiram-nas os povos, como sociedades internamente organizadas, porque experimentaram, de um momento para outro, a transformação brusca de sua estrutura, o desmantelamento de instituições seculares, a subversão do regimen constitucional; sentiram-nas as colectividades, como esmas de valores humanos, porque soffreram o premeimento de tantas vidas uteis e assistiram á destruição da riqueza economica; sentiram-nas, finalmente, os individuos, porque o individuo é, na realidade, quem padece, não sendo a dor senão a expressão commum dos soffrimentos individuais.

As crises foi forte ill-se-a o colapso de todas as energias, da vontade de trabalhar e ser feliz. Parecia que um desespero colectivo ameaçava a Europa de completo aniquilamento.

Mas, aquelles que assim pensavam, pensavam mal. Pensavam mal, porque a especie humana não se deixa destruir dessa forma: existem nella, como nos individuos, elementos capazes de resistir ás transmutações do meio, garantidores de sua conservação. Esses elementos consistem e que denominamos a "faculdade de adaptação".

Que é a vida senão a adaptação continua do ser ao ambiente? Adapta-se o individuo, adapta-se a sociedade, adaptam-se as instituições, as Ideologias, os sistemas politicos, philosophicos, moraes e religiosos. Adapta-se tudo o que tem vida e o que tem alma, porque a natureza impõe esse dilemma: "Ou adapta-se ou morre!"

A adaptação, sob as suas mais variadas formas, é a função fundamental da vida, a condição de sua possibilidade e por isso mesmo, é exercida pelo orgão mais delicado do organismo: o sistema nervoso, — naquella serie de actividades que denominamos "psichicas".

O psychismo é, portanto, o verdadeiro regulador da vida, pois que estabelece o contacto e a harmonia entre o individuo, a sociedade e as variações do meio. Quando estas são normaes, o psychismo é o phenomeno e a evolução de todas as cousas se processa imperceptivelmente, sem abalar os reflexos de inercia. Quando, porém, se verifica uma mudança brusca, o psychismo funciona desordenadamente, n'um verdadeiro estado de desorientação.

Ha então um "desequilíbrio geral". Explicam-se, dessa forma, os efeitos da grande guerra. Estamos ainda presenciando a actividade desordenada do psychismo individual e social, em busca da readaptação ás novas condições sociais, politicas e economicas, creadas pela confusão e pela oscillação dos espiritos em torno do novo ponto de equilibrio, e, enquanto este não for definitivamente atingido, continuaremos a sentir essa "instabilidade" que ca-

acteriza o periodo de após guerra e que motivou tantas explicações e, sobretudo, tantos presagios.

Nada ha que recelar; são as aguas de um oceano ainda revolto pela tempestade e que procuram, em ondulações sempre decrescentes, o repouso e a tranquillidade.

Exatamente nesse periodo de instabilidade que surgem, novos sistemas moraes, politicos, litterarios e philosophicos, com todos os ardores do momento, e trazendo, ás mais das vezes, no proprio embryo, a causa que os ha de anniquilar. São o indice mais perfeito da alma que procura transformar-se, amolgar-se e afelsoar-se ás novas condições de vida. É a propria vida que procura um "modus" mais adequado ao seu desabramento. São formas de adaptação, formas transitórias, tão transitorias quanto a finalidade que as determina.

É tambem nesse periodo que se observa na sociedade uma série intensa de progressos: procuram-se sensações novas, ha uma vontade louca de gozo e de esquecimento.

É igualmente nesse periodo que as religiões encontram campo proprio á sua propagação, porque a alma humana, n'um estado de grande susceptibilidade, accoa tu do o que possa determinar novos motivos de viver.

Vemos, portanto, que a maneira pela qual o phenomeno se realiza é variavel, como é variavel o modo de ser das pessoas. O resultado, mantido, é sempre o mesmo: a readaptação do individuo ás novas condições da vida.

É, si porventura, o phenomeno não se podesse realizar, o individuo e a sociedade succumbiriam.

O sr. Ruy Cirne Lima, em artigo que teve a generosidade de nos dedicar, á grande guerra duas consequências capitais: o renascimento do espirito religioso (catholico) e a fallencia do racionalismo. Como consequencia deste ultimo facto, a insufficiencia da logica na explicação do pensamento moderno.

"O renascimento catholico, na sua parte racional, implica a renuncia, a fé absoluta que não exclamemente a negação do racionalismo. E com a fallencia deste semos tambem forçados a admitir a insufficiencia da logica, na explicação do pensamento moderno, pois que, na esphera das ideias puras, no sistema logico, todos os phenomenos se distanciam da sua essência verdadeira", para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espirito.

A logica, para sua supremacia integral, não dispensa "essa realidade intermedia" de que falamos e que se consolida nas instituições ou que mantem fluctuante nas tradições secundarias e preconitos."

A brevidade da exposição não lhe permitiu explicar-nos melhor seu pensamento. Percebe-se, porém, ainda que confusamente, que as afirmações do joven pensador, a intenção de significar que, após a conflagração, existe o predomínio da actividade affectiva sobre a actividade puramente intellectual. O homem, por assim

dizer, abandonou o pensamento, á especulação, para entregar-se ao desafogo do sentimento, á satisfação de sua emotividade.

Até aqui estamos de accordo. Admittimos tambem, pelos motivos expostos, que immediatamente após a guerra tivesse havido um renascimento do espirito religioso, pois que são a dor e o medo que nos approximam da divindade. Segundo, porém, as theorias que seguimos, o phenomeno já deveria estar em declínio. E realmente assim é, si exprimem a realidade as palavras do Summo Pontifice que lamenta "o abateamento do nivel religioso em todo o mundo".

Cumpre-nos, porém, divergir do joven philosopho quando affirma a fallencia do racionalismo e a insufficiencia da logica.

Com a volta do equilibrio espirital, os homens preoccupar-se-ão novamente com os transcendentes problemas do universo, procurando resolvê-los com serenidade e seriedade. As grandes crises não geram verdadeiros philosophos; produzem antes constructores de sistemas moraes. E a razão já foi dada: A Moral é todo um sistema de adaptação. A philosophia é um sistema de adaptação a essas que procuram explicar integralmente o universo. Naquelle predomínio dos nossos sentimentos neste, a nossa razão.

Não compreendemos tambem por que o sr. Cirne Lima proclama a fallencia da logica. Para que isso fosse verdade, seria necessario que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental. E, nesse caso, a existencia já bancarota de todas as ciencias, a começar pela mathematica.

Já não perceberiamos por que motivo um circulo não é um triangulo, ou porque uma curva não é o caminho mais curto...

Ha aqui uma manifesta confusão entre o que é "logico" e o que é real. São cousas muito diversas e que nem sempre coincidem.

A função da logica é de estabelecer e verificar as condições da congruencia e da não contraditoriedade do pensamento consigo mesmo. Nada nos pode dizer sobre a veracidade ou a realidade do seu conteúdo.

Assim, uma conclusão pode ser si é congruente com as premissas logicamente verdadeira e materialmente falsa, si não correspondo de os factos.

Todos os sistemas philosophicos, politicos, religiosos ou moraes, podem ser rigorosamente logicos, basta que as conclusões estejam conformes com as premissas.

Em conclusão:

A grande guerra em nada poderia modificar as directrices do pensamento humano, no seu aspecto formal. Alterou sim o profundamente as condições da vida social e individual, resultando dahi um desequilíbrio nas actividades psychicas, com todas as suas consequências secundarias. O que se nos affigura uma nova mentalidade é o proclamamento a adaptação do individuo e da sociedade ás mudanças do meio.

Quando os phenomenos secundarios se desanuvaram do campo das consciencias, então poderemos dizer, com certeza, qual seja essa nova mentalidade.

Alberto PASQUALINI.

Mentalidade nova

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

A Alberto Pasqualini

A philosophia racionalista, de Descartes a Comte e Spencer, caracterizava-se fundamentalmente pelo papel central que attribue a razão na nossa vida psychica.

Dizem nos advêrte Alberto Zum Felde, na sua admirável "Estética del Novecentos": "El racionalismo, en todas sus formas y estados evolutivos, desde el dogmatismo cartesiano al criticismo kantiano, y desde el idealismo hegeliano al positivismo de Comte y Spencer — era un tipo de conciencia, que podría definirse, en lo figurativo de todo lenguaje, por la posición epistémica de la Razon en el sistema psíquico. La personalidad estaba como identificada con esa facultad, en torno de la cual, y por referencia a la cual, se ordenaban todas las cosas, siendo, así, mismo, la cifra y medida de todas las cosas".

De factis, Descartes, na sua formula celebre — aliás intuitiva — dogmaticamente identificava a Razão com o conhecimento.

Entretanto, na caracterização do racionalismo, nota-se logo, como complemento ao predomínio inapagável da Razão, o surgimento do espirito científico, que, evoluindo, havia de condicionar-lhe a dignidade e a evolução, do cartesianismo ao positivismo comtista.

Como diz Emile Boutroux, — "avec Descartes et surtout avec Kant, l'esprit scientifique paraît déterminé, d'une manière immuable, par les conditions logiques de la science et par la nature de l'esprit humain".

Com effeito, Kant, formulando o postulado dos juizos synthetico a priori e distinguindo no conhecimento a materia da forma, lançava as bases do então recente espirito científico.

Segundo o conceito kantiano, a materia é o que se offerece a facticidade. A forma é o que o sujeito lhe accessora de seu — elemento a priori, em função da natureza do sujeito.

Or, "ce que la science appelle un fait, ce n'est pas simplement une réalité donnée: c'est une réalité constatée ou constatable.

A fonte immediata da ciencia, é, pois, a experiencia — conjunção de impressões e sentimentos personalissimos: a forma de Kant, é a experiencia se exerce, directamente, sobre dados concretos — a materia.

Sobre estes elementos, partindo do pressuposto (juizo synthetico a priori) do que todos os phenomenos necessariamente se ligam entre si, no espaço e no tempo, edificou-se o novel espirito científico, luminosamente aureolado pela esperança de uma verdade total.

Na obra de Comte, em que o espirito científico culmina, e es volta sobre si mesmo para a sua propria critica, o dogma fundamental é o dogma da experiencia. A percepção sensorial é a unica fonte e o ultimo limite do conhecimento. E daí a negação da metaphysica.

Spencer, na escala do racionalismo, orientado pela excellencia do seu senso pratico, foi o primeiro que reconheceu como falsa a opposição existente entre as formas complementares do nosso psychismo — affectividade e intelligencia — edificadas em religião e sciencia. Entretanto, fiel a tradição racionalista, ao preconcedido anterior, a sua dicotomia latente — o Cognoscível e o Inconoscível — estabeleceu uma "oloseira étanche" entre as duas Bente-se já, contudo, a admissibilidade, ainda que num nivel inferior, de uma realidade não submettida a sciencia, não dominada pela Razão.

E com effeito, "si la science s'empare à sa manière des choses et l'esprit humain, elle ne les prend capotant pas tout entières. Nécessairement, l'être des choses déborde de l'être qu'elle s'assimile, et l'esprit humain débordé les facultés intellectuelles qu'elle utilise. Pourquoi, dès lors, l'homme n'aurait-il pas le droit de développer pour elles mêmes, celles de ses facultés que la science n'emploie qu'à titre accessoire, ou même qu'elle laisse plus ou moins innocentes".

Bergson responde a questão, reunindo duas facilidades na intuição, como modo de conhecimento. Existem — afirma elle — "deux manières profondément différentes de connaître une chose. La première implique et qu'on tourne autour de cette chose, la seconde qu'on entre en elle... La première depend du point de vue ou l'on se place et des symboles par lesquels on s'exprime. La seconde ne se prend d'aucun point de vue et n'a s'appeler sur aucun symbole".

Surge assim a primeira reacção ao racionalismo imperativo do fim do seculo passado. E está fundado o intuicionismo bergsoniano.

"Bergson", na opinão de Zum Felde, "represente el primer movimiento definido de la consciencia occidental hacia el nuevo régimen, que, en su intuicionismo, se manifiesta como reaccion inmediata contra el positivismo imperante...".

Como observa W. James: "A victoria caberá finalmente a quella theoria do universo que der aos males completamente satisfactoria."

Assim, a philosophia intuicionista, as philosophias da Acção (pragmatismo e outras), danças limitadas a uma arcaica e intelectual, após a Grande Guerra, separam da consequente primazia da affectividade, de par com o neo-thomismo solicitado pela tradição religiosa, popularizaram-se, adquiriram força viva, entrelaçaram-se com o novo sentimento da alma.

Por outra parte, nos países latinos, o neo-thomismo realmente vingou em todas as camadas sociais. Por isso que vinha satisfazer totalmente o vivo sentimento religioso de após-guerra, ao mesmo tempo que reaviva uma actual tradição de culto.

Reafirmando o meu precedente ponto de vista, recapitulo:

O racionalismo falliu, no campo do nosso seculo, com a primeira reacção, que foi a de Bergson. Esse movimento, o dogma fundamental é o dogma da experiencia, não participou o comum das gentes. A Grande Guerra, evertendo para a grande massa a inflexível disciplina racional, através de uma qual hypnótica da affectividade, conseguiu restabelecer uma Relativa concordancia entre a consciencia philosophica dominante e a consciencia colectiva, concordancia inamovível, no sentido de reacção ao positivismo, em que se condensara a tradição racionalista, porquanto a omnipresença da Morte, sobreproudo ao acaso da luta, ao mesmo tempo, singular e geral, despoçou nos homens o sentimento, poligono que, movido posteriormente pela tendencia a fixação, e pela sympathia hoje promovida e dirigida o ensinamento catholico, na latitudina.

Já que tratamos de intuicionismo, consideremos a questão que, a respeito, suscita Bertrand Russell, no seu ensaio "O Misticismo e a Logica". Pergunta elle: "Existem dois modos conhecidos que se possam chamar respectivamente Razão e Intuição? E nesse caso, um delles, e preferível ao outro?"

Bergson, como vimos, affirmava a existencia de duas maneiras de conhecimento, e mais — declara a razão detida pelo relativo, e só a intuição attribui o direito de ascur ao absoluto.

A theoria de Bergson, contudo, como toda reacção, representa um exagero proporcional ao exagero que pretendia corrigir.

Razão e intuição são facultades complementares, collocadas em antagonismo por uma falsa opposição. Com effeito, o predomínio temporario de uma ou de outra não constitue antagonismo entre ellas.

Agora, na philosophia "del Novecentos", a primazia cabe a intuição. Como diz Zum Felde, na sua admirável visão panorâmica da mentalidade moderna: "El nuevo régimen de consciencia trae, en el centro de gravitación de la personalidad, y jerarquicamente por encima del intelecto racional, a la Intuición. Pero no a la intuición, como facultad gnoscoptica, como captadora de una realidad objetiva transcendente — al modo de Shellen, y basta cierto punto al modo de Bergson — sino como experiencia, o, mejor dicho, comovivencia de una realidad espiritual inmanente".

Encarando só esse aspecto a mentalidade moderna, afirmava eu a insufficiencia da logica (da logica racionalista), como formula do conhecimento considerando pelo duplo prisma da razão e da intuição.

O sr. Pasqualini não apañou o meu pensamento. E escreveu: "Nós comprehendemos porquos o sr. Cirne Lima preclama a fallacia da logica. Para que isso fosse verdade, seria necessário que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental".

Contudo, nunca affirmar a fallacia da logica. Ao contrario, em seguida aos periodos transcriptos pelo sr. Pasqualini, a mesma justificativa de seu comentario, illa-se isto: "effectivamente, a relação que equilibra dois conceitos

(Continua na 12.ª pagina)

Mentalidade nova

(Continuação da 5.ª pagina)

num juizo continua immutavel e immutavel ha de continuar”.

O sr. Pasqualini, porém, esqueceu-se de transcrevel-o.

E vem imputar-me “a bancarota de todas as sciencias”, para depois, generosamente, justificar-me com uma confusão de termos.

Creio, entretanto, que, transcrevendo o periodo indicado, o sr. Pasqualini, não teria escripto a ultima parte de seu interessante artigo, fundada, toda, nessa lacuna da sua memoria.

Diverge de mim tambem o sr. Pasqualini, quando affirmo a fallencia do racionalismo. Pois acredita que os homens voltem a preocupar-se “com os transcendentales problemas do universo, procurando resolver-os (racionalmente) com mais serenidade e seriedade”.

Mas affirmei ou o contrario?

Não admittre o joven professor o abandono, a fallencia temporaria do racionalismo, quando escreve no seu artigo: “Os homens preocupar-se-ão novamente?”

E quando digo fallencia, excluo eu a possibilidade da rehabilitação?

Com isto, de minha parte e no que me toca, ponho termo á discussão, embora represente ella para mim uma deferencia e um prazer.

Ruy CIRNE LIMA

A fallencia do racionalismo

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

O sr. Cirne Lima perdeu a serenidade própria do philosopho, quando, no final do seu ultimo artigo, deu a entender que lho haviamos fraudado o pensamento, transcrevendo apenas praclamente os periodos em que o explañara. Perdeu a serenidade, porque precipitou-se em imputar-nos uma deslealdade que jámais perpetrariamos. Melhor fóra que tivesse procedido a um exame de consciencia e a uma rigorosa analyse das palavras que escrevera.

Poderiamos, sem duvida, ter interpretado mal o seu pensamento; desejaríamos até que assim tivesse acontecido, para, reconhecendo o nosso erro, em tempo corrigirnos. Infelizmente, porém, as suas afirmações lá estão, sem que nenhum de nós as possa agora modificar.

Nas sciencias e na philosophia, os termos têm um sentido definido, tradicional, tecnico, e, si empregamos em outras accepções, cumpre fazer a devida advertencia. O estilo do philosopho devé ser simples, preciso a conclusivo. O poeta, sim, pode e deve dispensar algumas dessas qualidades, porque seriam negativas, na sua obra e contraproducentes no seu objectivo.

O poeta alimenta-se do paradoxo e da contradicção; o philosopho, da logica e da exactidão.

Si osassemos afirmar que, no sr. Cirne Lima, o poeta supera o philosopho, não lhe faríamos nenhuma injúria; pelo contrario, devéria ser esse um motivo de legitimo desvanhecimento, pois que, na opinião geral, muito mais vale um poeta do que um philosopho. E nós estamos com ella.

A censura que nos fez o nosso antagonista impõe-nos o dever de justificar-nos, e, para isso, torna-se necessaria uma brevisima recapitulação:

Asseverámos, em nosso artigo anterior, que o sr. Cirne Lima havia proclamado a fallencia da logica. Contra isso, insurge-se elle da seguinte forma:

“O sr. Pasqualini não apañhou o meu pensamento e escreveu:

“Não comprehendemos por que o sr. Cirne Lima proclama a fallencia da logica. Para que isso fosse verdade, seria necessario que se houvesse completamente modificado a nossa organização mental.”

— “Contudo, nunca affirmamos a fallencia da logica. Ao contrario, em seguida aos periodos transcritos pelo sr. Pasqualini, como justificativa do seu commentario, ha-se lido: — “effectivamente, a relação que equilibra dois conceitos num juizo continúa immutavel e immutavel ha de continuar.”

com as premissas, ou si a ella chegamos legitimamente. Nada, porém, nos póde adiantar sobre a sua veracidade ou falsidade, em relação ao mundo exterior, porque esta é uma questão de facto, que só póde ser decidida pela experiencia.

Affirma ainda o sr. Cirne Lima que a insufficiencia da logica deriva do facto de, no logica, (systema logico) não serem os phenomenos expressos de accordo com a realidade, mas consoante o ponto de vista de cada um.

E' absurdo o nexu causal estabelecido, porque se baseia em conceitos falsos e em falsos pre-supostos.

O que entende o sr. Cirne Lima, sob a denominação de “racionalismo”, cuja fallencia apregoa?

“O racionalismo, explica elle proprio, citando Zum Felde, compreende os systemas que collocam a razão em posição “centrica”, no systema psychico.”

Por consequencia, na technica do sr. Cirne Lima, “racionalismo, razão, esphera das idéas puras, “systema logico”, são expressões equivalentes.

Elle ousará ainda o sr. Cirne Lima negar de haver proclamado a fallencia da logica, quando affirmou, peremptoriamente que o racionalismo, isto é, a razão, a esphera das idéas puras o “systema logico” falliram?

E continúa o sr. Cirne Lima:

“A logica, para sua supremacia integral, não dispensa essa realidade intermedia de que falamos e que se consolda nas instituições ou se mantem fluctuante nas tradições secundarias e preconceitos.”

O que é essa “realidade intermedia”?

Explica-o o sr. Cirne Lima:

“Havia dantes (anteriormente à guerra) entre o homem e a realidade physica um mundo formal intermediario. Fixo. Determinado. Esse é desappareceu, que foi destruido, deixando-nos esse vago amargor de um abandono, de uma desercção.”

Si a logica, para sua supremacia, para sua “posição centrica”, postulava a existencia de uma prometteadora entidade intermedia, e si esta desappareceu, pelo effecto da guerra, “pela opposição directa do homem ao homem na luta das potencias”, como diz o sr. Cirne Lima, como poderia a logica subsistir?

O “mundo formal intermediario” do sr. Cirne Lima, parece-nos ter accentuado a sua

tratamente, não é a razão constante que determina e explica a progressão dos phenomenos. São as parcelas a que ella se somma, ou os factores por que se multiplica.

Para o racionalismo, evidentemente, esse valor immutavel condiciona a existencia da Verdade, por isso que, pela invariabilidade, della se aproxima.”

Si os factos do mundo exterior têm no “systema logico” uma expressão individual, como affirmara, pouco antes, o sr. Cirne Lima, a verdade não póde ter, evidentemente uma expressão unica, mas essencialmente variavel, de accordo com as “coordenadas de cada espirito”. E onde está, então, a invariabilidade e immutabilidade?

O sr. Cirne Lima contradiz-se, tambem, quando escreve:

“O renascimento catholico, na sua parte “racional”, implica a renuncia, a idé absoluta, que são exactamente a negação do “racionalismo”.

E' precisamente o contrario. A religião, na sua parte “racional”, é a affirmação eloquente do racionalismo, no sentido em que entende o sr. Cirne Lima, porque sustenta a capacidade da razão humana na explicação dos fundamentos da fé. A theodiceia e a theologia constituem um corpo de doutrinas, de principios e de conclusões que pretendem ser essencialmente “racionais”.

Tambem se contradiz o sr. Cirne Lima, quando assevera que a guerra trouxe a fallencia da razão e o renascimento da philosophia thomista.

O neo-thomismo é a propria escholastica, rejuvenescida, enriquecida, adaptada ás descobertas e ao progresso das sciencias. Admitte, como principio fundamental, a apidão do intellecto humano na investigação da verdade.

Não colloque o sr. Cirne Lima o cardeal Mercier na companhia de Bergson, si não quizer prestar severas contas ao Santo Officio...

Contradiz-se ainda o sr. Cirne Lima, quando affirmava que a mentalidade que surgiu após a guerra, se caracteriza pelo seu aspecto de derrocada formal, de renuncia e de amargor, e, mais adiante, assegura que essa mentalidade segue o “caminho fecondo da affectividade” e que a obra cultural dos homens de hoje é de “realisação” e de synthese.

Contradiz-se novamente o sr. Cirne Lima quando explica que o “espirito scientifico” avocou da antiga philosophia o concepimento da “cousa em si” e onde declarou que o espirito scientifico culminou na obra de A. Comte. Comte jámais se reconciliará

A FALÊNCIA DO RACIONALISMO - Parte 2

Alberto Pasqualini

continuar".

"O sr. Pasqualini, porém, esqueceu-se de transcrever-o. E vem imputar-me a bancarrota de todas as sciencias, para, depois, generosamente, justificarme com uma confusão de termos.

"Creio, entretanto, que transcrevendo o periodo indicado, o sr. Pasqualini não teria escripto a ultima parte do seu interessante artigo, fundada, toda, nessa lacuna da sua memoria".

A nossa memoria é innocente; as afirmações do sr. Cirne Lima é que são temerarias. E, para comprová-lo, vamos analisar e interpretar (quaenus ratio patitur) o trecho controvertido, re-produzindo-o integralmente.

Escreveu o sr. Cirne Lima:

"Com a fallencia do racionalismo, somos tambem forçados a admitir a insufficiencia da logica, na expliação do pensamento moderno, pois que, na esphera das idéas puras, no systema logico, todos os phenomenos se distanciam da sua significação verdadeira, para agrupar-se segundo as coordenadas de cada espirito".

Como accentuámos em o nosso artigo, o sr. Cirne Lima attribue á logica uma funcção que não lhe é propria. O objecto da logica não é "de explicar" o pensamento e sim de estabelecer as condições formaes de sua legitimidade, isto é, de traçar-lhe as directrices, na investigação da verdade. A logica adverte-nos si uma conclusão é ou não congruente

rio" do sr. Cirne Lima, parece-nos ter accentuadas analogias com as categorias de Kant.

Kant, pela analyse do conhecimento, descobriu nelle uma série de elementos constantes, universaes, necessarios, que, portanto, não poderiam provir da experiencia mas que deveriam constituir as condições internas desta. Espaço, tempo, unidade, identidade, que projectamos para o mundo exterior, não teriam, segundo o philosopho de Koensberg, existencia objectiva, noumenal, mas seriam moldes em que vasariamos todas as cousas, formas "a priori" das nossas faculdades cognoscitivas.

Segundo o sr. Cirne Lima, a conflagração, ou melhor, "o combate singular", teria destruído esse mundo das formas "a priori".

isto é, haveria mutilado o nosso espirito, de modo que para o homem de hoje, espaço, tempo, principio de identidade e de contradicção não teriam mais sentido algum...

Para nós, o sr. Cirne Lima é um discipulo de Hegel, pois que saboreia, com verdadeira volupia, o paradoxo e a contradicção. Sabemos que um dos principios fundamentais da logica do grande philosopho de Stuttgard, era o da "identidade dos contradictorios": o ser e o não ser são a mesma cousa.

O sr. Cirne Lima parece seguir esse principio, quando escreve:

"Effectivamente a relação que equilibra dois conceitos num juizo é immutavel e imutavel ha de continuar. En-

Comte jámais se reconciliará com o sr. Cirne Lima.

Contradiz-se por fim, o sr. Cirne Lima, quando proclama "passim" que o racionalismo falliu com a reacção do intuicionismo e, depois, adverte que "a razão e a intuição são faculdades complementares, collocadas em antagonismo por uma falsa opposição".

E tambem não é exacta a afirmação do sr. Cirne Lima, a saber, que a mentalidade philosophica de após guerra é francamente intuicionista. Leia novamente, e com mais attenção, o unico autor que era digno de ser citado, Bertrand Russell, e se convencerá do contrario. "Le mysticisme et la Logique" é uma contradicção violenta ao intuicionismo.

—
E basta de philosophia, que foi inventada para consolar os velhos e envelhecer os moccos. "Primo virore, deinde philosophari".

Reserve-nos o culto antagonista as accusações que lhe fizemos. E, para justificar-lhe os paradoxos, transcrevemos aqui um trecho da obra do seu grande mestre:

"A indeterminação que temos aqui é a indeterminação immediata; não é a indeterminação mediatá, a supressão da mediação, mas é a immediatidade da indeterminação, é a indeterminação que precede a toda determinação, é o indeterminado, como ponto de partida do absoluto. E' isso o que chamamos "ser"... (Hegel, Logik).

Alberto PASQUALINI

Diário de Noticias, Porto Alegre, 13/09/1928

Racionalismo e Catholicismo

a Filberto Pasqualini

Com o presente artigo, não exauro e diclaração que encerrava o precedente. A polemica, que compe vinha mantendo o sr. Pasqualini, está terminada e bem terminada.

Agora, outro é o assumpto e, de certo modo, é outro tambem o antagonista.

Ha uma semana, o sr. Pasqualini não conseguia ver snão o seu racionalismo. Hoje, o sr. Pasqualini não quer ver...

Trata-se de ver tamsentido. Na sua migna parte, os meus anteriores artigos conciliavam o sr. Pasqualini apenas — a ver, a consenatar.

Ver — constatar dos factos: 1) a fallencia do racionalismo. 2) o renascimento catolico, nos paises latinos.

O sr. Pasqualini não discute mais a realidade de taes factos. O seu argumento unico já o não repete. E razoavelmente, pois a Enciclica invocada, affirma o abaximento do nivel religioso no mundo, não indica os termos de referencia que lhe permittem essa verificacao. E demais a fallencia do racionalismo não se nega, negando o renascimento catolico. Mas o sr. Pasqualini não discute mais, tambem, os meus argumentos, as minhas afirmacoes, Pasqualini a discutir a obscuridade das minhas expressoes, ou melhor, a apontar as minhas contradicoes. Resumindo, o sr. Pasqualini abandonou o campo...

Si ainda lhe dedico este artigo — é parte a admiracao e a estima cordial, que me mereceu — faço-o por julgar de meu dever defender-me e defender a integridade do meu pensamento, agora como danes.

Preliminarmente, entretanto, observo ao sr. Pasqualini que essa historia de contradicoes está de acreditada, mesmo para as galaxias.

Tomo, para tanto, a liberdade de o remetter ao livro didactico de Carlos Vas Ferreira ("Logica Viva", par. 3) onde, entre outras cousas verificará que "es una de las falacias más comunes, y por la cual se gasta en pura perdida la mayor parte del trabajo pensante de la humanidad, la que consiste en tomar por contradictorio lo que no es contradictorio..."

O sr. Pasqualini não é um ironista. Nada obstante, declara-me discipulo de Hegel, pois que sabe boreio com seculpa a contradiccao e o paradoxo". Fosse de sua parte, o sr. Pasqualini discipulo de Montaigne, ou de qualquer de seus descendentes literarios, e eu herdaria como resposta estas melancolicas palavras de Franco, seu amigo: "Qu'est-ce qu'il en fait, le lecteur, de ma page d'écriture? Une suite de faux-sens, de contresens et de non-sens. Lire, entendre, c'est trahir".

Como o sr. Pasqualini, decerto, não se considera discipulo de Montaigne, ou de Franco, vejo-me obrigado a longas digressões inevitáveis, para justificar-me aos olhos de todos, e explicar-me a seus olhos.

Enumerarei, portanto, as contradiccoes que me attribuo o sr. Pasqualini, assignalando-lhes o ponto capital:

1) a insufficiencia da logica e a sua bancarrota, 2) o renascimento catolico e o racionalismo, 3) o neo-thomismo e o racionalismo.

4) renuncia e realisacao, na

desim, nos meus precedentes artigos, e que o sr. Pasqualini não ignora pois que m'os contestou, e labelceia eu a dualidade de pontos de vista, que se exigiu para uma visao total da mentalidade moderna.

De accordo com essa preliminar, o meu primeiro artigo encerrava o problema religioso segundo lado vulgar, deixando ao lado a explicacao e a fundamentacao do ateismo e da fallencia do racionalismo — movimento philosophico concomitante, mas autonomo. Ambos, pois, complementavam-se como apanhado panoramico da mentalidade moderna.

Ora, do ponto de vista philosophico, affirmando a insufficiencia da logica, fil-o apoiado no facto de que, admitidas duas maneiras de conhecimento, deixava de ser obrigatoriamente admittivel o predomnio forçado da Razão. E para tanto, val-me da obra de Bergson, e incidentalmente me servi de algumas palavras de Bertrand Russell.

No meu primeiro artigo, contudo, derivava eu a insufficiencia da logica, tambem, da não concordanca entre os fundamentos systems ethicos vigentes e as novas condicoes moraes do individuo e da sociedade, após a Guerra. Insufficiencia de logica, enquanto integrante de um systema, cujas bases ruíram, e não da logica-metodo, como julga o sr. Pasqualini.

No mundo formal intermediario, a que me referi, e no qual descobri o sr. Pasqualini fórmica similitude nas categorias de Kant, — dizia eu — "ou se consolidou nas instituicoes ou se mantem flutuante em tradicoes secundarias e preconceitos". Referia-me assim, e tamsamente, aos sistemas moraes, abalados pela Guerra.

Fiel ao plano traçado, si no meu segundo artigo, affirmava eu a insufficiencia da logica como formula unica do conhecimento, depois do surto philosophico da intuicao, no meu primeiro artigo, dizia eu, tambem, da insatisfacao, em que nos mantinha a logica, como integrante de uma illusao da realidade, nos sistemas moraes de bases abaladas.

Deixava, pois, intangivel a logica, como meio de "estabelecer e verificar as condicoes da congruencia da não contradictoriedade do pensamento consigo mesmo".

2) Diz o sr. Pasqualini — "A religião, na sua parte racional, é a affirmacao eloquente do racionalismo, no sentido em que o entende o sr. Cirne Lima, porque sustenta a capacidade da Razão humana, na explicação dos fundamentos da fé. A toda a teologia constituiu um corpo de doutrinas de principios e conclusões que podem ser essencialmente racionais".

Estamos certos, o sr. Pasqualini e eu. Dizia eu, do ponto de vista do neo-converso: "A religião, na sua parte racional, implica a renuncia, a fé absoluta, etc."

O sr. Pasqualini sustenta o oposto, mas do ponto de vista da teologia e da teologia:

(Como explica Jacques Rivière: "L'Église prétend tenir la vérité. Donc, si elle est logique avec elle-même, elle est obligée de demander un croyance aveugle à ceux qui n'ont pas (e tambem aos que "ainda" não têm) les moyens de s'en créer une motive et raisonnée".

3) Diz o sr. Pasqualini

po e no campo adequado, o domnio da Igreja. "Assim", — dizia eu — "a philosophia intuitionista, as philosophias da Accao (pragmatismo e outras) danças limitadas a uma aristocracia intellectual, após a Grande Guerra, mercê da consequente primazia da affectividade, de par com o neo-thomismo, solidado pela tradicao religiosa, popularizaram-se, adquiriram forca e re-elucaram-se com o novo sentimento da realidade.

Evidentemente, approximado do neo-thomismo do intuitionismo, como concorrentes, accia contra-senso e mais — seria/negar implicitamente a fallencia do racionalismo.

Eu não o fiz, porém. Accentei, tamsamente, a vulgarizacao accidental do systema (tradicao religiosa) e seu entrelaçamento com o novo sentimento da realidade (senso religioso).

Outras duas pontos, já que delle nos approximamos:

O neo-thomismo é um systema philosophico, como outro qualquer e não escapou aos prejuizos do racionalismo. Não se diga, portanto, que, convertendo-se ao catolicismo, é impossivel fugir ao neo-thomismo. Não se formula ao neo-converso dilema nenhum — convertido-se não aceita o neo-thomismo, ou converte-se e aceita o neo-thomismo, converte-se e continua desconhecendo o neo-thomismo para toda a vida.

Não sondo como relacao a massa vulgar. Triatão de Athayde, o notavel critico, recentemente convertido ao catolicismo, duas semanas atraz, confessava: "Para aqueles que nunca se arcaricaram pelos meandros subitas da neo-thomistica, ou do thomismo, entre os quaes me considero, etc..."

4) Diz o sr. Pasqualini — "Contradiz-se o sr. Cirne Lima, quando afirma que a mentalidade de que surgiu, após a guerra, se caracteriza pelo seu aspecto de derrocada formal, de renuncia e amargor, e mais adiante que essa mentalidade segue o caminho feudo da affectividade, e que a obra cultural dos homens de hoje é de realisacao e de synthese". Não vejo contradiccao, nem apore, entre a attitude de ascetismo espiritual, de renuncia e amargor, e a actividade constrativa de nossos tempos. Mesmo a dor se realiza.

5) Diz o sr. Pasqualini — "Contradiz-se novamente o sr. Cirne Lima quando expõe que o espirito scientifico avocou da antiga philosophia o conhecimento da cousa em si, e depois declarou que o espirito-science avocou a obra de Auguste Comte".

O sr. Pasqualini não teve a secreta, do seu meo, quando me declarou quanto certo. Citando Emlite Boutroux, resumia eu a sua exposicao do desenvolver do espirito scientifico.

Escreve Boutroux: "Ainsi s'est adapté aux choses, et définie seulement, à travers de faits, éléments sans homme, l'antique aspiration de l'esprit philosophique à la connaissance de l'être en soi de la substance pure, des choses". (Science et Religion, pag. 349).

Resumia eu "O espirito scientifico, como largamente explica Emlite Boutroux, definindo "pe la elaboração dos dados, da experiancia", o objecto na sua factibilidade, avocou da antiga philosophia o conhecimento da cousa em si, etc."

Ruy Cirne Lima

nalismo,

4) renúncia e realização, na mentalidade moderna,

5) o empirio científico e a coisa em si,

6) o racionalismo e o intuicionismo,

7) o intuicionismo na mentalidade de após-guerra.

Enumerarei, correspondentemente, as allegações que me cabem contra o juizo critico do sr. Pasqualini.

1) Diz o sr. Pasqualini que, interpretando lididamente o trecho já transcripto e discutido de meu primeiro artigo realisa a minha intenção de afirmar a fallencia da logica.

E' impossivel interpretar qualquer affirmação, entretanto, desviando-se da linha general ao redor da qual gravitam todas.

As desembarcasse, para entrar, a pé, na rua dos Andradas, seja para effectuar compra ou para ir a alguns dos muitos consultorios medicos ou gabinetes dentarios nella estabelecidos.

Não havendo portanto, ruas transversaes que desafoguem o trafego e que permitam o facil acesso dos vehiculos até ás proximidades da rua da Praia naquello trecho, nem parallelas que satisficam as mesmas exigencias, só haverá logicamente, o recurso de aguardar a abertura da Avenida Borges de Medeiros.

Emquanto isso não acontecer, o razoavel é regulamentar o trafego de pedestres, diminuir a velocidade dos vehiculos, intercepitar-lhes mesmo a passagem depois das 19 horas quando cessam as actividades commerciaes e outras que ali se exercem, mas não supprimir de todo como se pretende, a passagem de vehiculos desde as 19 horas.

Pense o fulgurante chronicista mais demoradamente no caso, dizendo-me, afinal, se tenho ou não tenho razão.

Porto Alegre, 14 de setembro de 1928. — H. B.

Vacas leiteiras com crias novas

Touros holandezes, animaes de montaria e de tracção, vendem-se na granja "Vasco Alves", municipio de Gnalybe, margem do Jacuhy. 1 hora de viagem pelos vapores da Navegao Arnt, podendo voltar no mesmo dia. 32000

3) Diz o sr. Pasqualini — "tambem se contradiz o sr. Cirne Lima, quando assevera, que a guerra trouxe a fallencia da razão e o renascimento da philosophia thomista".

Velamos.

E' preciso não esquecer os pontos centras da minha exposiçao: a fallencia do racionalismo e o renascimento catolico.

Falando do primeiro, com o apoio de Zum Félde, dizia eu que Bergson representava a primeira reacção definida contra o intrinsecante racionalismo anterior.

E como se tratasse, não de provar a bancarrota da Razão, porém de constatar que a Razão não esgota o conhecimento, affirmei que o intuicionismo bergsoniano abria a fallencia do racionalismo. Não discuto os exaggeros de Bergson, nem importa discutilos.

Falando do segundo (do renascimento catolico) assevera eu que a Guerra, pelo medo e pela dor, condicionara o predomínio absoluto da affectividade, "que se limita para satisfazer-se, ou na religião, ou na estetica, ou em ambas, sobrepondo-se em todo caso á Razão."

Assim, os phenomenos indicados — a fallencia do racionalismo e o renascimento catolico — embora convergindo nos seus effectos, divergem profundamente nas suas causas.

A fallencia do racionalismo é um phenomeno de ordem intellectual. Constatado que o conhecimento excedia a Razão, não havia mais motivo para mantel-a, na sua posiçao de centro da vida psychica.

O renascimento religioso é um phenomeno de ordem moral. Começa com a Guerra. E', portanto, um fruto do monstruoso conflicto que abalou e transtornou as condiçoes moraes estabelecidas do individuo e da sociedade.

Pois á convergencia desses dois phenomenos, no tempo, se deve a incidencia do neo-thomismo, no problema philosophico-religioso.

A vulgarizaçao do catolicismo, como norma religiosa, parece indicar, no campo da philosophia, a accellisaçao e a voga do neo-thomismo. Porque o neo-thomismo, ainda recentemente, — no ultimo quartel do seculo passado — procurava acomodar, na Escolastica, a mentalidade do catolico, mantendo asin, com as armas do tem-

fia o conhecimento da coisa em si, etc."

Onde, pois, o conhecimento da coisa em si, signa, analogamente?

6) O sr. Pasqualini entenda que fallencia é eliminacão, e não uma contradicção, no facto de eu affirmar, simultaneamente, a fallencia do racionalismo e a coexistencia complementar da razão e da intuicão. Recordo-lhe estas palavras minhas: "Com effecto, o predomínio temporario de uma ou de outra não constitue antagonismo entre ellas".

A Razão occupava o centro da nossa vida psychica. Deixou de occupal-o — isso é o que se denomina a fallencia do racionalismo.

7) Diz o sr. Pasqualini — "E tambem não é exacta a affirmacão do sr. Cirne Lima, a saber, que a mentalidade philosophica de após guerra é francamente intuicionista". E aconselha-me a leitura, attenta do ensaio de Bertrand Russell, incidentalmente citado no meu artigo para explicacão da doutrina de Bergson.

Ora, o intuicionismo, a que hoje se attribue a primazia na mentalidade moderna, não é o de Bergson e Shellign, criticado no ensaio de Bertrand Russell.

Lá estava no meu artigo este trecho da "Esthetica del Novencienos", de Alberto Zum Félde: "El nuevo regimen de concepcia trae, en el centro de gravitacion de la personalidad, y jerarquicamente, por encima del intelecto racional, a la intuicion. Pero no a la intuicion, como facultad cognoscitiva, como captadora de una realidad objetiva transcendente — al modo de Shellign, y hasta cierto punto al modo de Bergson — sino como experiencia, o mejor dicho, como vivencia de una realidad espiritual immanente."

O sr. Pasqualini enganou-se novamente.

Constatado afinal, com viva pena, que o sr. Pasqualini — á parte Bertrand Russell, o "unico autor digno de ser citado", não reconhece a autoridade de Bergson (posto que através de Russell), William James, E'mile Boutroux, e outros menores, igualmente citados por mim...

E' ponto final.

Ruy Cirne Lima

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Riachuelo, 1317 - 90010-271 - Centro - Porto Alegre - RS - Brasil

Site: www.ihgrgs.org.br - E-mail: ihgrgs@gmail.com